Instituto Politécnico
de Castelo Branco
Escola Superior
de Educação

Utilização de Recurso Digital (Internet) e Utilização de Recurso Analógico (Manual Escolar) no 1ºCEB

Implicações no processo de ensino/aprendizagem

Ricardo Filipe Caçador Tavares

Orientador

Professor Doutor Henrique Gil

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, realizada sob a orientação científica do Doutor Henrique Gil, Professor Adjunto do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Maio de 2016

Composição do júri

Presidente do júri

Doutor Paulo Alexandre Anselmo Lopes da Silveira

Professor Adjunto da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Vogais

Doutora Maria Irene Simões Tomé

Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Doutor Henrique Manuel Pires Teixeira Gil

Professor Adjunto da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Agradecimentos

Um agradecimento de gratidão aos meus pais que lutaram diariamente para que eu pudesse chegar até aqui.

A todos os professores da Escola Superior de Educação de Castelo Branco que fizeram parte da minha formação académica, em especial ao Professor Doutor Henrique Gil pela sua orientação e ajuda na elaboração deste trabalho, mas também por toda a disponibilidade que sempre manifestou.

À professora cooperante Carmo Marques, pela colaboração, apoio e estima com que me acolheu, assim como aos alunos do 2º ano da turma 3ST_2 da Escola EB1 São Tiago, que me receberam com todo o carinho.

Aos meus colegas e amigos que me acompanharam mais de perto na realização deste trabalho e que me deram força e incentivo, mesmo nos momentos mais difíceis, e por todo o apoio que me deram nesta fase final.

Resumo

O presente Relatório de Estágio foi realizado na Escola EB1 São Tiago de Castelo Branco, na turma de 2º ano 3_ST, onde participaram 26 alunos, com idades compreendidas entre os 7 e 8 anos.

A investigação implementada teve como base uma questão-problema que pretendeu verificar quais as implicações, em termos comparativos, na utilização da Internet (recurso digital) e na utilização do manual escolar (recurso analógico) no processo de ensino e de aprendizagem ao nível do 1ºCEB.

A metodologia que se considerou mais adequada para a realização deste projeto foi a de carácter qualitativo, na qual se efetuou uma investigação-ação. O estudo ocorreu num tempo e espaço limitado, recorrendo-se para a recolha de dados à observação participante, notas de campo (alunos, Par Pedagógico e Orientadora Cooperante), entrevistas às professoras titulares de turma do 1ºCEB e aos inquéritos por questionário aos alunos.

A análise dos dados revelou uma motivação expressa pela participação ativa dos alunos ao longo de todo o projeto de investigação, tendo o uso dos computadores/Internet proporcionado e promovido contextos que permitiram criar condições para aprendizagens mais motivadoras, interessantes e envolventes. Revelou também que tanto os alunos como a Orientadora Cooperante manifestaram uma opinião consensual no sentido de realçarem a importância dos recursos da Internet pela capacidade demonstrada em motivar, dado o caracter intuitivo que a mesma proporciona, tendo implicado um maior nível na melhoria das aprendizagens dos alunos. Numa outra dimensão, foi também possível verificar que os computadores/Internet podem e devem ser aproveitados como um complemento, continuando a enfatizar-se o papel preponderante e primordial do professor.

Palavras chave

1ºCEB, Computador, Internet, Manual Escolar, Prática de Ensino Supervisionada.

Abstract

This report of training course was held at Escola EB1 São Tiago of Castelo Branco, in the class of 2nd year 3_ST, attended by 26 students, between the ages of 7 and 8 years.

The research implemented was based on a question-problem intended to check what are the implications, in comparative terms, in the use of the Internet (digital resource) and the use of the textbook (analog) in teaching and learning process at the level of the elementary school.

The methodology that was considered the most appropriate for the realization of this project was the qualitative nature, in which it conducted an action research. The study took place at a time and limited space, using for data collection participant observation, field notes (students, class teacher and internship pair), interviews to teachers of the elementary school and surveys to the students.

The analysis of the data revealed a motivation expressed by the active participation of the students throughout the research project, and the use of computers/Internet provided and promoted contexts that allowed to create conditions for learning more motivating, engaging and interesting. Also revealed that both students as the class teacher expressed a consensus in order to stress the importance of Internet resources by demonstrating ability to motivate, given that it provides intuitive character, having involved a greater level in improving students' learning. In another dimension, it was also possible to verify that the computers/Internet can and should be used as a supplement, continuing to emphasize the important role of the primary teacher.

Keywords

Computer, Elementary School, Internet, Practice of Supervised Education, School Handbook.

Índice geral

Introdução 1
Capítulo I — Práticas de Ensino Supervisionadas 2
1. Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar 2
1.1. Organização da Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar 2
1.2. Caracterização do Contexto Educativo 4
1.2.1. Caraterização da Instituição 4
1.2.2. Caraterização da Sala 7
1.2.3. Caraterização do Grupo 9
1.3. Implementação da Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar 10
1.3.1. Terceira Semana da PSEPE (Implementação em «Par Pedagógico» - dias 23, 24 e 25 de março de 2015) 11
1.3.2. Quarta Semana da PSEPE (Implementação Individual – dias 13, 14, 15 e 16 de abril de 2015) 11
1.3.3. Quinta Semana da PSEPE (Implementação em «Par Pedagógico» – dia 22 de abril de 2015) 12
1.3.4. Sétima Semana da PSEPE (Implementação Individual – dias 4, 5, 6, e 7 de maio de 2015) 12
1.3.5. Nona Semana da PSEPE (Implementação Individual – dias 18, 19, e 20 de maio de 2015) 13
1.3.6. Décima Primeira Semana da PSEPE (Implementação Individual – dias 1, 2, 3 e 4 de junho de 2015) 14
1.3.7. Décima Terceira Semana da PSEPE (Implementação Individual – dias 15, 16, 17 e 18 de junho de 2015) 15
1.3.8. Reflexão Global da Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar 16
2. Prática Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico 17
2.1. Organização da Prática de Ensino Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico 17
2.2. Caracterização do Contexto Educativo 25
2.2.1. Caraterização da Instituição 25
2.2.2. Caraterização da Sala 26
2.2.3. Caraterização da Turma 27
2.3. Implementação da Prática Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico 28
2.3.1. Observação Participante do Trabalho Pedagógico 28
2.3.2. Terceira Semana da PES 1ºCEB (Implementação em «Par Pedagógico» - dias 13, 14 e 15 de outubro de 2015) 29
2.3.3. Quinta Semana da PES 1ºCEB (Implementação Individual - dias 27, 28 e 29 de outubro de 2015) 30
2.3.4. Sétima Semana da PES 1ºCEB (Implementação Individual - dias 10, 11 e 12 de novembro de 2015) 31

2.3.5. Décima segunda Semana da PES 1ºCEB (Implementação Individual - dias 15, 16 e 17 de dezembro de 2015) 32
2.3.5. Décima quarta Semana da PES 1ºCEB (Implementação Individual - dias 12, 13 e 14 de janeiro de 2016) 33
2.3.6. Reflexão Global da Prática Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico 34
Capítulo II — Revisão de Literatura 36
1. Fundamentação Teórica da Pesquisa 36
1.1. Tecnologias da Informação e da Comunicação 36
1.2. A Importância das TIC na Sociedade 37
1.3. Internet 37
1.4. A Integração das TIC em Contexto Escolar 38
1.5. O Projeto MINERVA 38
1.6. O Programa Nónio - Século XXI 39
1.7. Internet na Escola 39
1.8. Programa Internet@EB1 40
1.9. Plano Tecnológico da Educação 40
1.10. Equipa de Recursos e Tecnologias Educativas 41
Capítulo III — Enquadramento Metodológico 43
1. Plano da Investigação e Metodologia 43
1.1. Metodologia e o seu Significado 43
1.2. Investigação e o seu Significado 43
2. Problema e Objetivos do Estudo 43
3. Participantes na Investigação 45
4. Caraterização do Tipo de Pesquisa 45
4.1. Estudo Qualitativo 45
4.2. Investigação-ação 45
5. Instrumentos e Técnicas de Recolha de Dados 46
5.1. Documentos Oficiais 47
5.2. Observação Participante 47
5.3. Notas de Campo 48
5.4. Trabalhos Realizados pelos Alunos 48
5.5. Inquérito por Questionário 48
5.6. Entrevista Semiestruturada 49
5.7. Análise de Conteúdo 51
5.8. Triangulação dos Dados 51
6. Procedimentos de Análise de Dados 52
7. Princípios Éticos 53
Capítulo IV — Apresentação, Análise e Tratamento de Dados 54
1. Análise das Sessões de Intervenção 54
1.1. Primeira Sessão de Intervenção: 24 e 25 de novembro de 2015 55
1.2. Segunda Sessão de Intervenção: 9 e 10 de dezembro de 2015 64
2. Análise dos Dados dos Inquéritos por Questionário 74

2.1. Bloco I: «A tua identificação» 74
2.2. Bloco II: «As Tecnologias da Informação e da Comunicação no teu dia-a-dia» 75
2.3. Bloco III: «As Tecnologias da Informação e da Comunicação na tua Escola» 82
3. Análise de Conteúdo dos Inquéritos por Entrevista 87
3.1. Início da Entrevista: «Motivação e Legitimidade da Entrevista» 90
3.2. Bloco A: «Literacia/Formação em Informática» 90
3.3. Bloco B: «As TIC na Educação» 93
3.4. Bloco C: «Segurança na Internet» 96
3.5. Bloco D: «Opinião sobre o contributo da Internet no processo Ensino/Aprendizagem» 99
3.6. Conclusão da Entrevista: «Agradecimentos e sugestões» 102
3.7. Conclusões Gerais das Entrevistas 102
Capítulo V — Considerações Finais 104
1. Conclusão 104
2. Limitações do Estudo 105
3. Sugestões para Investigações Futuras 106
Bibliografia 107
Apêndices 111
Apêndice A 112
Pré-questionário 112
Apêndice B 116
Inquérito por Questionário Aplicado aos Alunos 116
Apêndice C 122
Guião do Inquérito por Entrevista 122
Apêndice D 126
Transcrição da Entrevista à Professora 1 126
Apêndice E 130
Transcrição da Entrevista à Professora 2 130
Apêndice F 134
Transcrição da Entrevista à Professora 3 134
Apêndice G 138
Transcrição da Entrevista à Professora 4 138
Apêndice H 141
Análise de Conteúdo do Inquérito por Entrevista 141
Apêndice I 151
Guião da atividade da 1ª Sessão de Intervenção 151
Apêndice J 153
Guião da atividade da 2ª Sessão de Intervenção 153
Apêndice K 155
Exemplo de uma Unidade Didática aplicada no 1ºCEB 155

Índice de figuras

Figura 1 - Cantinho da Casinha e Cantinho dos Jogos de Mesa 8
Figura 2 - Cantinho dos Animais e Carrinhos (garagem) e Cantinho da Leitura 8
Figura 3 - Fachada Escola EB1 São Tiago 18
Figura 4 - Modelo de planificação: Guião de atividades 21
Figura 5 - Modelo de planificação: Seleção do conteúdo programático 22
Figura 6 - Modelo de planificação: Roteiro dos percursos de ensino e aprendizagem 23
Figura 7 - Disposição das mesas na sala 26
Figura 8 - Bancada com material de laboratório 27
Figura 9 - Vista principal do blogue 'Hábitos de Higiene' 59
Figura 10 - Vista principal do blogue 'Higiene Pessoal' 60
Figura 11 - Vista principal do blogue 'Educação para Saúde' 60
Figura 12 - Vista principal do site 'Junior' sobre as profissões 67
Figura 13 - Vista principal do site 'Junior' sobre as profissões 68
Figura 14 - Vista principal da apresentação Prezi sobre as profissões 69
Figura 15 - Vista do interior da apresentação Prezi sobre as profissões 69

Lista de tabelas

Tabela 1 - Horário Semanal da PSEPE 3

Tabela 2 - Organização e Distribuição das Semanas da PSEPE 3

Tabela 3 - Distribuição dos Temas Integradores pelas Semanas da PSEPE 4

Tabela 4 - Organização e Distribuição das Semanas da PES 1ºCEB. 19

Tabela 5 - Distribuição dos Temas e Elementos Integradores pelas Semanas da PES 1ºCEB. 19

Tabela 6 - Divisão das Sessões de Intervenção 55

Tabela 7 - Matriz da planificação didática referente à área curricular do estudo do meio 55

Tabela 8 - Atividades e procedimentos da primeira sessão de intervenção (recurso analógico) 57

Tabela 9 - Matriz da planificação didática referente à área curricular do estudo do meio 65

Tabela 10 - Atividades e procedimentos da terceira sessão de intervenção (recurso analógico) 66

Tabela 11 - Respostas dos alunos quanto à utilização da Internet na Biblioteca da Escola 85

Tabela 12 - Análise de Conteúdo do Inquérito por Entrevista 88

Tabela 13 - Análise de Conteúdo do Inquérito por Entrevista 88

Tabela 14 - Análise de Conteúdo do Inquérito por Entrevista 89

Tabela 15 - Análise de Conteúdo do Inquérito por Entrevista 89

Lista de gráficos

Gráfico 1 - Distribuição da variável género 74

Gráfico 2 - Resultados para a questão «Quantas vezes utilizas o computador por semana?» 75

Gráfico 3 - Resultados para a questão «Onde costumas usar o computador?» 76

Gráfico 4 - Resultados para a questão «Como costumas usar o computador?» 76

Gráfico 5 - Resultados para a questão «Quais as atividades que costumas fazer no computador?» 77

Gráfico 6 - Resultados para a questão «Alguma vez utilizaste a Internet?» 78

Gráfico 7 - Resultados para a questão «Há quanto tempo utilizas a Internet?» 78

Gráfico 8 - Resultados para a questão «Qual a frequência da utilização da Internet que costumas fazer?» 79

Gráfico 9 - Resultados para a questão «Para além da tua casa, utilizas a Internet noutro local?» 80

Gráfico 10 - Resultados para a questão «Quando estás em casa, quantas horas gastas a usar a Internet por dia?» 81

Gráfico 11 - Resultados para a questão «Refere quais as atividades que mais frequentemente realizas quando utilizas a Internet?» 82

Gráfico 12 - Resultados para a questão «Costumas utilizar a Internet para fazer pesquisas?» 83

Gráfico 13 - Resultados para a questão «Costumas fazer pesquisas unicamente para a Escola?» 83

Gráfico 14 - Resultados para a questão «Que tipo de pesquisas que costumas realizar?» 84

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

1ºCEB	1º Ciclo do Ensino Básico
DGE	Direção Geral da Educação
DGIDC	Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular
DSPE	Direção de Serviços de Projetos Educativos
ERTE	Equipa de Recursos e Tecnologias Educativas
ESE	Escola Superior de Educação
FCCN	Fundação de Computadores Cientifico Nacional
IPSS	Instituição Particular de Solidariedade Social
ME	Ministério da Educação
NEE	Necessidades Educativas Especiais
PES	Prática de Ensino Supervisionada
PES 1ºCEB	Prática de Ensino Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico
PSEPE	Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar
QI	Quadro Interativo
PIE	Programa Internet na Escola
PTE	Plano Tecnológico da Educação
RCTS	Rede Ciência, Tecnologia e Sociedade
TIC	Tecnologias da Informação e da Comunicação

Introdução

O capítulo I deste Relatório de Estágio apresenta uma descrição e reflexão dos dois momentos da Prática de Ensino Supervisionada (PES) realizados na Educação Pré-Escolar (PSEPE) e o outro no 1º Ciclo do Ensino Básico (PES 1ºCEB). Como tal, para cada um dos mesmos é apresentada, de um modo geral, a forma como se organizou (período temporal da implementação e horário, local, distribuição das semanas de prática individuais e em «par pedagógico», métodos de trabalho adotados e os temas a explorar em cada semana), a caracterização do contexto educativo (caracterização da instituição, da sala e do grupo/turma), assim como os principais aspetos envolvidos na implementação das PES em cada semana (guião semanal de atividades e reflexão sobre a implementação). Para concluir, este capítulo incorpora ainda uma breve reflexão global sobre cada uma das PES. Convém ainda acrescentar, que a PES 1ºCEB será caraterizada com mais detalhe no capítulo IV, dado que foi nesta PES que se desenrolou a investigação deste Relatório de Estágio.

O capítulo II incide na recolha de informação teórica no âmbito da temática da investigação. Ou seja, engloba a vertente referente às Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) e a sua contribuição associada ao processo de ensino/aprendizagem. Os subtópicos de análise para a área das TIC são os seguintes: Tecnologias da Informação e Comunicação; A Importância das TIC na Sociedade; Internet; A Integração das TIC em Contexto Escolar; O Projeto Minerva, O Programa Nónio – Século XXI; Internet na Escola e Programa Internet@EB1.

No capítulo III é justificada a metodologia adotada para a investigação, a qual foi de natureza qualitativa, referindo os participantes envolvidos na mesma (alunos do 2º ano do 1ºCEB, Orientadora Cooperante, Par Pedagógico), a questão-problema que a motivou, os objetivos do estudo e as técnicas e os instrumentos de recolha e análise dos dados utilizados (observação participante e notas de campo, inquérito por questionário, inquérito por entrevista e análise de conteúdo, procedimentos éticos e triangulação dos dados).

O capítulo IV, referente à análise, recolha e tratamento dos dados, pretende dar a conhecer os dados recolhidos durante a investigação realizada e proceder à sua análise e posterior tratamento. Deste modo, numa primeira fase, analisam-se as várias sessões de intervenção realizadas e, em seguida, os dados recolhidos pelas respostas dos alunos ao inquérito por questionário aplicado e a análise de conteúdo ao inquérito por entrevista implementado a professoras titulares do 1ºCEB.

Para finalizar, o capítulo V apresenta uma reflexão final da investigação executada, com destaque para as principais conclusões obtidas com o estudo, as suas limitações e algumas sugestões para investigações futuras.

Capítulo I — Práticas de Ensino Supervisionadas

No âmbito do ciclo de estudos do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, foram realizadas duas Práticas de Ensino Supervisionadas (PES) em cada um dos ciclos de ensino do mestrado: Educação Pré-Escolar (PESEPE) e 1º Ciclo do Ensino Básico (PES 1ºCEB).

No presente capítulo, apresento sucintamente os contextos físicos e sociais onde decorreram ambas as PES pelo facto de se considerar que a caracterização do meio envolvente às instituições se revelam influentes no processo de ensino e aprendizagem. É a partir desta caraterização e de um conjunto de documentos orientadores, nomeadamente o regulamento interno, o projeto educativo, o projeto curricular, entre outros, a partir dos quais foram obtidas as informações iniciais e essenciais para que fosse viável adequar as planificações e intervenções nos respetivos contextos. Neste particular, destaca-se a importância dos Orientadores Cooperantes e do «Par Pedagógico».

É conveniente realçar o facto de a investigação desenvolvida e apresentada dizer respeito à PES 1ºCEB, a qual terá em capítulo posterior uma caracterização mais aprofundada. No entanto, dado o mestrado incluir a PES na Educação Pré-Escolar é fundamental que no presente Relatório de Estágio torne claras as evidências do desempenho efetuado. Deste modo, serão caracterizados os dois contextos de PES. Começa-se por caraterizar o contexto da PESEPE, seguindo-se a caraterização da PES 1ºCEB. Para o efeito, este capítulo apresenta ao nível da PSEPE uma caracterização sumária da sala de aula, do grupo e da implementação prática semanal.

1. Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar

1.1. Organização da Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar

A Prática Supervisiona em Pré-Escolar (PSEPE) foi realizada em «Par Pedagógico», sob a orientação direta da Educadora Cooperante e da Supervisora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, que permitiu o desenvolvimento de um trabalho cooperativo. A PSEPE decorreu entre março e junho de 2015, com um grupo de 23 crianças com idades de 3 anos, na Creche/Jardim-de-infância Obra de Santa Zita, em Castelo Branco.

A PSEPE decorria durante quatro dias por semana (de segunda-feira a quinta-feira), no período da manhã. O horário da PSEPE foi previamente definido com a Educadora Cooperante. Semanalmente era feita uma reflexão com a Educadora Cooperante com a finalidade de podermos melhorar a nossa própria prática e evoluirmos enquanto futuros profissionais.

Tabela 1 - Horário Semanal da PSEPE

	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira
Manhã	9:00 – 12:30	9:00 – 12:30	9:00 – 12:30	9:00 – 12:30

A PSEPE desenvolveu-se durante catorze semanas. Neste tempo existiu um período de observação (duas semanas), um período de prática em grupo (duas semanas) e um período de prática individual (cinco semanas para cada elemento do «Par Pedagógico»). Enquanto decorria a prática individual, o elemento do «Par Pedagógico» que não era responsável pela implementação auxiliava o colega sempre que precisasse e/ou fosse oportuno.

A fim de se compreender melhor a organização da PSEPE, apresentam-se as Tabelas 2 e 3, onde constam as semanas de intervenção e os respetivos temas integradores:

Tabela 2 - Organização e Distribuição das Semanas da PSEPE

Semanas	Data	Responsável pela execução
Semana 1	9 a 12 de março de 2015	Observação participante do trabalho pedagógico; Consulta e análise dos documentos: Projeto Educativo – Pedagógico da Instituição e Projeto Curricular do grupo.
Semana 2	16 a 19 de março de 2015	
Semana 3	23 a 26 de março de 2015	Trabalho em Par Pedagógico
Semana 4	**13 a 16 de abril de 2015**	**Trabalho individual**
Semana 5	22 e 23 de abril de 2015	Trabalho em Par Pedagógico
Semana 6	27 a 30 de abril de 2015	Trabalho individual do Par Pedagógico
Semana 7	**4 a 7 de maio de 2015**	**Trabalho individual**
Semana 8	11 a 14 de maio de 2015	Trabalho individual do Par Pedagógico
Semana 9	**18 a 21 de maio de 2015**	**Trabalho individual**
Semana 10	25 a 28 de maio de 2015	Trabalho individual do Par Pedagógico
Semana 11	**1 a 4 de junho de 2015**	**Trabalho individual**
Semana 12	8 a 11 de junho de 2015	Trabalho individual do Par Pedagógico
Semana 13	**15 a 19 de junho de 2015**	**Trabalho individual**
Semana 14	22 a 25 de junho de 2015	Trabalho individual do Par Pedagógico

Tabela 3 - Distribuição dos Temas Integradores pelas Semanas da PSEPE

Semanas	Temas Integradores
Semana 3	A Primavera
Semana 4	**As Partes do Corpo Humano e os Sentidos**
Semana 5	As Partes do Corpo Humano
Semana 6	As Partes do Corpo Humano
Semana 7	**As Partes do Corpo Humano e os Sentidos**
Semana 8	Lateralidade: A Direita e a Esquerda
Semana 9	**Lateralidade: A Direita e a Esquerda**
Semana 10	Lateralidade: A Direita e a Esquerda
Semana 11	**Dia Mundial da Criança; Direitos e Deveres da Criança; Sensibilização para os Afetos e Respeito pelo Próximo**
Semana 12	Santos Populares: Santo António
Semana 13	**Santos Populares: São Pedro**
Semana 14	Santos Populares: São João

1.2. Caracterização do Contexto Educativo

A PSEPE constitui-se como o primeiro contacto formal e intensivo com o contexto profissional, visto que até então apenas tinha havido oportunidade de vivenciar por um breve período a prática no domínio da observação, na qual a intervenção propriamente dita na vertente da dinamização de atividades foi muito reduzida.

No entanto, revela-se igualmente importante salientar que a observação é fundamental para qualquer profissional da educação. A sua existência facilita ao educador/professor o melhor e mais completo conhecimento do contexto educativo no qual se encontra inserido (meio, instituição, sala, grupo de alunos) e só assim poderão ser desenvolvidas estratégias que se encontrem verdadeiramente adaptadas às reais necessidades dos alunos e às condições físicas, materiais e sociais existentes. Segundo Pavão (2013, p. 49): "A observação tem assim uma função essencial na planificação de qualquer momento de ensino, refletindo as informações desta na interação e na avaliação que se realizam."

Por forma a garantir que a PSEPE pudesse ser implementada de forma harmoniosa, foi imprescindível um estudo do meio, da instituição e do grupo de crianças. Nos pontos seguintes é feita uma breve abordagem de cada um desses parâmetros.

1.2.1. Caraterização da Instituição

A Obra de Santa Zita nasceu em 1931 na cidade da Guarda, tendo sido aprovado pelo Bispo Diocesano e pelo Governador Civil daquele distrito em 1932. Foi fundada

pelo Padre Joaquim Alves Brás, no dia 1 de abril de 1931. Esta obra é de natureza associativa e atualmente é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS). A Instituição é de carater nacional e encontra-se disseminada por todo o país, tendo a sua sede geral em Lisboa e com sedes locais em 13 distritos e 12 dioceses.

A Obra de Santa Zita exerce a sua ação através das Casas de Santa Zita, desenvolvendo inúmeros serviços e atividades na área da infância, juventude, mulher, família, na população idosa e nos apoios a carenciados.

Esta instituição define-se para todos os efeitos, como Instituição religiosa, orientando a vida e ação pela doutrina da moral cristã, tendo os seguintes princípios, tal como consta no respetivo Projeto Educativo:

- princípio da Fé num Deus Criador e Senhor de todas as coisas;
- conceção de Pessoas como ser criado à imagem de Deus;
- conceção de Família como Instituição Humana-Divina;
- conceção de Humanidade como a grande família dos filhos de Deus.

A Obra defende como valor e direitos:

- o valor e o direito á vida, desde a sua conceção até ao seu termo natural;
- o valor da família, como fonte de vida, bem-estar, progresso e equilíbrio;
- o valor da dignidade, do amor, do respeito, da justiça, da paz, da virtude e da ética.

A Obra de Santa Zita tem como objetivos:

- promover integralmente a pessoa, até à sua mais elevada estrutura;
- ajudar a família, no apoio a crianças, adolescentes, jovens e idosos;
- fomentar o amor e a solidariedade, como caminho para a fraternidade;
- contribuir para minimizar os fatores de risco moral e exclusão social;
- integrar os sem família, os excluídos ou desfavorecidos.

O seu lema e emblema, foi inspirado no carisma de Monsenhor Brás e na espiritualidade de Santa Zita, sendo o seu lema «Mãos no Trabalho, Coração em Deus!». Quanto ao emblema, este é representado por um octógono, que simboliza as bem-aventuranças, estando envolto com a frase do lema, tendo no seu interior uma cruz que parte uma chama e quatro labaredas, que significa a fé que guia os seus princípios e o amor que motiva toda a sua ação de bem-fazer.

A Instituição está organizada por órgãos sociais, que a nível nacional é estruturado pela Assembleia Geral, Direção Nacional e Conselho Fiscal. Ao nível local, esta instituição estrutura-se por uma estreita ligação e colaboração com os Órgãos Nacionais, dos quais recebe a nomeação, por uma Direção Local que compreende uma Diretora Administrativa, uma Secretária e uma Tesoureira.

Os objetivos gerais da Obra de Santa Zita, baseia-se na Família, Escola e Comunidade e só se concretiza com a colaboração dos pais e da comunidade, assim

sendo apostam essencialmente no envolvimento dos pais em todas as atividades, tendo sempre em vista a plena inserção da criança na sociedade como um ser autónomo, livre e solidário.

Relativamente aos objetivos específicos da instituição:

- promover o desenvolvimento de situações ricas em afeto, que ajudem a crianças a desenvolver sentimentos de segurança e estabilidade psicossocial e afetiva;
- desenvolver formas de acolhimento, permitindo a construção de sentimentos de confiança pela compreensão mútua das lógicas educativas por pais e restantes educadores;
- contribuir para a integração da criança no mundo dos adultos;
- proporcionar a aquisição de hábitos relacionados com o bem-estar corporal e com a segurança pessoal, a higiene, a alimentação e a defesa da saúde;
- ensinar a criança a conhecer e a estabelecer relações com outras crianças e adultos.

Instalações

Nesta Instituição, podemos encontrar como recursos materiais do pré-escolar, 3 salas de atividades, 1 dormitório, 2 casas de banho, 1 refeitório, 2 parques exteriores e 1 terraço.

Corpo docente e não docente

Quanto aos recursos humanos, têm 72 crianças inscritas que estão divididas em 3 salas: a sala dos 3 anos (sala das Borboletas), a sala dos 4 anos (sala das Abelhinhas) e a sala dos 5 anos (sala dos Coelhinhos). A formação dos grupos de crianças é feita tendo sempre em conta a idade cronológica das mesmas.

Em relação ao pessoal docente, existe 1 diretora, 1 coordenadora pedagógica, 3 educadoras de infância e 1 educadora de apoio educativo. Quanto ao pessoal não docente, têm 3 auxiliares de ação educativa, 1 cozinheira, 1 ajudante de cozinha, 3 funcionárias de serviços gerais e 1 secretária.

Horário da instituição

Esta Instituição encontra-se aberta de segunda a sexta-feira das 7:20h às 19:00h. O horário letivo diário é o seguinte: período da manhã das 09:00h às 13:00h e durante a tarde das 14:00h às 15:00h. O tempo das atividades extracurriculares é reposto durante o período da tarde das 15:00h às 17:00h.

Recursos disponíveis

No que se refere aos recursos materiais existentes na instituição, destacam-se os seguintes:

- 1 Câmara fotográfica digital;
- 1 Computador na sala dos 2, 4 e 5 anos;

- 1 Computador para adultos;
- 1 Fotocopiadora;
- 1 Impressora;
- 2 Leitores DVDs;
- 2 Televisões.

1.2.2. Caraterização da Sala

Considera-se importante caracterizar de forma mais pormenorizada a sala onde foi realizada PSEPE, a «Sala das Borboletas». Esta sala destinava-se às crianças com idades compreendidas entre os três e os quatros anos de idade. Localizava-se no piso correspondente à cave e tinha acesso a vários locais, nomeadamente à sala das Joaninhas (2/3 anos de idade), através de uma porta de madeira que separava as duas salas e que se podia abrir sempre que necessário, tornando aquelas duas salas numa só sala de grandes dimensões. A «Sala das Borboletas» dava também acesso à sala dos cacifos destinada a todo o pessoal da instituição, sendo que estas duas divisões estavam separadas por uma cortina e por uma cancela de madeira. Podíamos ainda ter acesso a um dos parques exteriores através desta sala.

Relativamente à iluminação esta sala possuía duas valências, ou seja, tanto podia ser iluminada naturalmente como artificialmente. A sala tinha quatro janelas e uma porta para o exterior que também ela permitia a entrada de luz natural, pois encontrava-se envidraçada. No entanto, quando a luz natural não era suficiente podia recorrer-se à luz artificial. É ainda possível, sempre que necessário, escurecer toda a sala pois as janelas estavam equipadas com persianas que se podiam baixar e levantar facilmente. A porta, por sua vez, não continha persianas, mas a parte envidraçada era passível de ser tapada com um pano, impedindo assim a entrada de luz.

O facto de a sala ter vários pontos de entrada de luz natural (janelas e porta de acesso ao exterior) permitia também que esta fosse aquecida naturalmente. No entanto, quando este 'aquecimento' não era suficiente ou necessário podia-se recorrer ao ar condicionado que se encontrava no topo de uma das paredes, permitindo assim que o ar se espalhasse equitativamente por toda a sala sem estar diretamente direcionado para as crianças.

No que diz respeito às suas cores, podemos constatar que tanto as cores do teto como as cores das paredes eram bastante suaves e neutras, mais concretamente, branco e bege. Existia apenas uma faixa azul na ligação entre o teto e as paredes. Deste modo, as cores neutras utilizadas permitiam que outros elementos, com mais cor, se destacassem, como é o caso das mesas, das cadeiras e os próprios trabalhos realizados pelas crianças e expostos pela sala.

A «Sala das Borboletas» estava ainda equipada com 3 mesas de trabalho (2 mesas redondas e 1 em forma de "gomo"), 25 cadeiras, 1 armário para a educadora, 1 móvel para guardar materiais, 1 estante para jogos de mesas, 1 estante para livros, 1 mesa e

cestos com jogos de construção, 1 mesa e 1 estante de apoio para material, 1 quadro de ardósia, 1 televisão afixada na parede, 1 rádio, entre outros materiais didáticos que integravam os cantinhos. Todos os móveis e materiais que se destinavam ao uso das crianças encontravam-se ao alcance destas.

Algum material, como por exemplo, papel, tintas, cola, entre outros, por vezes não se encontravam na sala, pois havia na instituição um local próprio para arrumar/guardar esse tipo de material de uso comum a todas as salas.

Nesta sala podemos ainda destacar alguns cantinhos, nomeadamente: o «Cantinho da Casinha», o «Cantinho da Leitura», o «Cantinho dos Jogos de Mesa», o «Cantinho dos Jogos de Construção» e o «Cantinho dos Animais e Carrinhos (garagem)».

Figura 1 - Cantinho da Casinha e Cantinho dos Jogos de Mesa

Figura 2 - Cantinho dos Animais e Carrinhos (garagem) e Cantinho da Leitura

A sala estava ainda equipada com alguns placares para que pudessem ser afixados os trabalhos realizados pelas crianças. Existia ainda uma corda (em forma de estendal) que ia de uma ponta à outra da sala e que também era usada para expor os trabalhos realizados. A porta que separava a «Sala das Borboletas» e a «Sala das Joaninhas» também permitia que aí fossem afixados alguns elementos/trabalhos.

À entrada da sala existia uma cancela para que as crianças não pudessem sair e pudessem entrar e estar em segurança.

Ainda mesmo antes de entrarmos na sala podíamos constatar que existia um placar do lado esquerdo onde eram afixados alguns avisos bem como a planificação semanal da sala. Do lado direito, encontrava-se a caixa dos recados onde eram colocados os 'caderninhos' de cada criança para que, caso fosse necessário, pudesse haver troca de informação entre os pais/encarregados de educação e o educador.

1.2.3. Caraterização do Grupo

O grupo com o qual realizámos a PSEPE era constituído por vinte e três crianças, sendo doze do sexo feminino e onze do sexo masculino. Era um grupo heterogéneo cuja faixa etária estava compreendida entre os 3 e os 4 anos. Este grupo da sala das borboletas estava sob a responsabilidade da Educadora Cooperante, acompanhada diariamente por uma auxiliar.

Estas crianças eram ativas e dinâmicas, participavam com empenho, entusiasmo e alegria em todas as atividades propostas pela Educadora Cooperante, quer dentro da sala de aula, como também no recreio. Era nas atividades livres (pintura, desenho, brincadeiras ao 'faz de conta', entre outras atividades) que a criatividade destas crianças se manifestava. Era um grupo bastante interessado e curioso. Na sua maioria, estavam atentos ao que a Educadora Cooperante referia e apresentava.

Nenhuma das crianças aparentava carecer de NEE (Necessidades Educativas Especiais) embora uma das mesmas tenha sido encaminhada pela Orientadora Cooperante para a Consulta de Desenvolvimento, para despiste de alguma situação que possa vir a indicar um acompanhamento mais especializado, pois tratava-se de uma criança que apresentava alguns comportamentos desadequados para a idade que tinha, sendo esta a mais velha do grupo.

Existiam crianças de diferentes contextos culturais (crianças oriundas de países do leste da Europa), o que era aceite de uma forma natural não existindo manifestações de exclusão ou mesmo reação à diferença, pois todas as crianças eram muito bem aceites, e ainda tentam incentivá-las e cativá-las para as suas brincadeiras.

Este grupo estava bem-adaptado à sala que frequentava assim como aos seus diferentes espaços e cantinhos («Cantinho da Leitura» e «Cantinho dos Jogos»). Era ainda visível que este grupo estava ainda a adquirir o conhecimento das suas próprias características e também a dos colegas. As crianças também estavam a aprender

quais as suas habilidades e limites que possuíam nas diversas áreas. Era um grupo que acolhia muito bem todas as atividades, o que lhes facilitava a aquisição de conhecimentos e de atitudes. Nas atividades que foram propostas, o grupo revelava muito interesse pelas mesmas e cada um queria ser sempre o primeiro a fazer.

Eram crianças que se revelavam muito sociáveis. Apreciavam sair à rua, conhecer e aprender com o que os envolvia. Conseguiam ajustar o seu comportamento aos diferentes sítios. Revelavam curiosidade sobre perante as coisas e ao ambiente à sua volta quer fossem brinquedos ou objetos, procurando a sua utilização prática. Utilizavam e manuseavam com à vontade todos os materiais que na sua maioria já não eram novidade para eles.

Os maiores interesses do grupo centravam-se no jogo simbólico, nas atividades feitas em grande grupo e, também, nas atividades plásticas. Nas brincadeiras de exploração de brinquedos o grupo revelava mais interesse pela «área da casinha» no «Cantinho dos Jogos», onde exploravam mais o jogo simbólico.

As crianças tinham bem enraizado as regras da sala de atividades que a Orientadora Cooperante lhes incutia, sendo que por vezes tentavam arranjar forma de esquecer e passar despercebidas, mas como havia crianças sempre muito atentas lembravam os colegas que estavam a agir mal.

Todas as crianças conheciam e cumpriam as rotinas diárias do Jardim de Infância e revelavam na maioria já bastante autonomia, assim como empenho em responsabilizar-se por pequenas tarefas, tais como: o almoço, a higiene pessoal e em algumas brincadeiras. Contudo, algumas mostravam alguma dependência, para procurar algum material ou em alguma atividade que se desenvolvia, solicitando a ajuda da Orientadora Cooperante, da Auxiliar e do «Par Pedagógico».

No seu dia-a-dia, algumas crianças evidenciavam facilidade em dialogar com as outras e com os adultos existentes na sala, porém existiam outras que, devido à sua timidez, não o conseguiam fazer.

1.3. Implementação da Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar

A implementação da PSEPE vai ser apresentada tendo exclusivamente em consideração a intervenção individual da investigadora (em «Par Pedagógico» e individualmente). Para o efeito, dado que a investigação não foi realizada na Educação Pré-Escolar, serão apenas apresentadas as planificações semanais com as respetivas reflexões críticas.

Para finalizar será ainda dada a conhecer uma reflexão global de toda a PSEPE, na qual se procurará transmitir uma visão holística da mesma e a perceção da consecução ou não dos seus objetivos definidos previamente; bem como será igualmente estabelecida a transição com a Prática Supervisionada em 1ºCEB.

1.3.1. Terceira Semana da PSEPE (Implementação em «Par Pedagógico» - dias 23, 24 e 25 de março de 2015)

Guião Semanal de Atividades

Tema integrador: A Primavera.

Atividades:

- Leitura e exploração do conto «Vem aí a Prima Vera» de Lourdes Custódio e Ilustrações de José Cardoso Marques.
- Criação de um placard alusivo à Primavera.
- Criação de convites para a festa da Primavera.
- Criação de uma borboleta.
- Ensaios para a festa da Primavera.

Reflexão sobre a implementação:

Na primeira semana de implementação sentia-se o 'peso' da responsabilidade por estar a 'assumir' pela primeira vez um grupo de crianças e, em simultâneo, alguma ansiedade e também muita ambição e motivação para se atingirem os objetivos pretendidos. Um dos maiores receios que persistiu do período de observação participante do trabalho pedagógico estava relacionado com o controlo do grupo ao nível do seu comportamento. O balanço da primeira semana de implementação é positivo. O apoio e os conselhos da Educadora Cooperante foram cruciais. Esta primeira semana de implementação foi no geral muito positiva, na medida em que possibilitou a recolha de informações fundamentais sobre o tipo de atividade mais adequado a cada momento, assim como a gestão do seu tempo de concretização.

1.3.2. Quarta Semana da PSEPE (Implementação Individual – dias 13, 14, 15 e 16 de abril de 2015)

Guião Semanal de Atividades

Tema Integrador: As partes do corpo humano e os sentidos.

Atividades:

- Leitura das histórias: "Olho no olho" e "Olha só!".
- Diálogo sobre o que é possível observar e cheirar dentro e fora da sala.
- Saída ao exterior para observar e cheirar.
- Jogo sensorial: cheiro de substâncias e de pessoas.
- Leitura de uma história sobre a higiene da boca.
- Diálogo sobre as características, funções e sentidos da boca e dos ouvidos e a sua importância.

- Leitura da história: "A Cidade do Penteado".
- Diálogo sobre o cabelo – as suas características: cores diferentes; encaracolado e liso; curto e comprido e a sua função e importância.
- Criação de um autorretrato através da observação no espelho.

Reflexão sobre a implementação:

Esta foi a primeira semana de caráter individual e, como tal, os níveis de nervosismo e de ansiedade estiveram bastante elevados. Houve também a clara necessidade de proceder a várias alterações na planificação elaborada, tendo sido orientada a ação no sentido de tirar o maior partido possível das experiências pessoais relatadas pelas crianças no âmbito do tema integrador. A criatividade e a inovação foram muito tidas em atenção em todas as propostas apresentadas às crianças, com o intuito de conseguir captar o seu interesse e aumentar os níveis de motivação.

1.3.3. Quinta Semana da PSEPE (Implementação em «Par Pedagógico» – dia 22 de abril de 2015)

Guião Semanal de Atividades

Tema Integrador: As partes do corpo humano e os sentidos.

Atividades:

- Introdução á atividade de construção do «relvinhas».
- Criação de um «relvinhas» individual.
- Desenho do «relvinhas» numa folha de papel.

Reflexão sobre a implementação:

Nesta semana foram notórios alguns progressos ao nível da postura estabelecida com as crianças, pois passou a ser evidente uma maior serenidade e calma. A atividade que contemplou a criação de um «relvinhas» foi aquela que mais motivou as crianças. Estas adoraram o facto de puderem criar um boneco com materiais pouco comuns e importa ter em atenção que uma pessoa só aprenderá a fazer algo se na realidade experimentar fazê-lo.

1.3.4. Sétima Semana da PSEPE (Implementação Individual – dias 4, 5, 6, e 7 de maio de 2015)

Guião Semanal de Atividades

Tema Integrador: Partes do corpo humano e os sentidos.

Atividades:

- Diálogo sobre as várias partes da nossa cabeça, restantes partes do corpo humano e as suas características, função e importância.
- Jogo: apontar onde fica determinada parte do corpo.
- Percurso dos sentidos usando os pés e as mãos (tato).
- Ouvir, aprender e repetir o poema "O Corpo" de Joan Amades.
- Preenchimento dos espaços em branco de um pictograma do poema com as partes do corpo corretas.
- Percurso dos sentidos usando o paladar, o olfato, a audição e a visão.
- Apresentação do livro "Somos Todos Diferentes".
- Diálogo sobre as diferenças do nosso corpo usando os exemplos apresentados no livro.
- Criação da silhueta do corpo de cada criança em papel de cenário e desenho das partes do corpo na mesma.
- Dramatização, com recurso a uma marioneta humana, sobre as várias partes do corpo humano.
- Construção de um boneco articulado.

Reflexão sobre a implementação:

O tema desta semana versou sobre algumas das partes do corpo humano bem como os cinco sentidos. Desta forma, tinha planeado dialogar com as crianças sobre as características de cada parte — olhos, nariz, boca, orelhas e cabelo, braços e pernas — e a sua importância bem como o nome dos sentidos de cada um. A maioria do grupo colaborou à exceção de duas crianças que se recusaram a participar e ficaram sentadas a observar. Todos sabiam dizer os nomes das partes do corpo e apontar para as mesmas.

1.3.5. Nona Semana da PSEPE (Implementação Individual – dias 18, 19, e 20 de maio de 2015)

Guião Semanal de Atividades

Tema Integrador: As partes do corpo humano e os sentidos.

Atividades:

- Diálogo sobre a direita e a esquerda (lateralidade).
- Jogo para apontar e mexer as partes do corpo que estão do lado direito e do lado esquerdo.
- Pintura das mãos (esquerda e direita) e dos pés (esquerdo e direito) com cores diferentes em folhas A4.

- Dramatização, com recurso a uma marioneta humana, sobre os membros dos lados direito e esquerdo.
- Brincadeira com a marioneta manipulando as várias partes do corpo sabendo identificá-las.
- Jogo: caminhar sobre peças que indicam qual membro (pé/mão esquerdo/direito) deve ser ou não pisado.
- Calcar as mãos e/ou os pés esquerdo e direito em massa de pão.

Reflexão sobre a implementação:

O tema a trabalhar durante esta semana foi a lateralidade — esquerda e direita. Todos os dias, antes de iniciar cada atividade, expliquei primeiro ao grupo aquilo que estava planeado fazer, com que materiais e como fazer. Para tal, decidi começar a abordar este tema estabelecendo um diálogo com o grupo sobre as partes do nosso corpo que se encontram em ambas as partes. Quando questionadas sobre essas partes, houve, pelo menos, uma criança que as soube indicar corretamente, embora outras dissessem partes erradas do corpo. Para ensinar quais membros estão nas partes esquerda e direita, coloquei-me de frente para o grupo e "em espelho" pedia para levantar a mão/braço/perna/pé esquerdo e direito e tocar no olho/ombro/joelho esquerdo e direito. Por exemplo, ao levantar o meu braço esquerdo e dizia para as crianças levantarem o seu braço direito para que correspondesse ao membro correto. Não posso deixar de salientar a boa relação existente entre mim e o grupo, que foi evidente ao longo desta semana. Apesar dos problemas de comportamento existentes, consegui estabelecer e manter uma relação de afeto e respeito mútuo.

1.3.6. Décima Primeira Semana da PSEPE (Implementação Individual – dias 1, 2, 3 e 4 de junho de 2015)

Guião Semanal de Atividades

Temas Integradores: Dia Mundial da Criança; Direitos e deveres; Sensibilizar para os afetos e respeito pelo próximo.

Atividades:

- Diálogo sobre o Dia Mundial da Criança.
- Visualização do filme: "Os Heróis da Cidade - Amigos para sempre".
- *Peddy-paper*: jogo da "caça ao tesouro".
- "Jornal dos Pequeninos" — Direitos e Deveres da Criança.
- Pintura das imagens com os direitos e deveres da criança.
- Criação de um livro sobre os direitos e deveres da criança.
- Diálogo sobre os afetos.

- Jogo dos afetos: escolher uma imagem ao acaso, identificar e mimar o afeto indicado.
- Criação do Mural dos Afetos.
- Dramatização do conto: "A Ovelhinha que veio para o Jantar".
- Criação de um arco-íris com as mãos das crianças.

Reflexão sobre a implementação:

Durante esta semana, devido ao Dia Mundial da Criança, foram trabalhados vários temas relacionados ao 'Dia Mundial da Criança' que interligaram todas as atividades. No primeiro dia da semana o tema fulcral foi o próprio dia em causa, no segundo o tema foi os 'Direitos e Deveres da Criança', nos restantes dois dias os temas foram a 'Sensibilização para os Afetos' e 'Respeito pelo Próximo'. Outro ponto positivo foi a atenção geral do grupo na "apresentação" do 'Jornal dos Pequeninos' quando dois "jornalistas" os informavam sobre os seus direitos e deveres. Uma situação que me deixou satisfeito foi a participação no diálogo com o grupo sobre os afetos e sentimentos. Um ponto interessante foi o facto de uma menina vir ter comigo durante as atividades de pintura perguntar se podia ajudar os amigos que ainda estavam a pintar. Isto demonstra que a mensagem que queria transmitir durante esta semana, principalmente a amizade, passou e ficou pelo menos nos que se mostraram mais atentos e participativos. No meu ponto de vista esta semana foi um sucesso devido à participação do grupo.

1.3.7. Décima Terceira Semana da PSEPE (Implementação Individual – dias 15, 16, 17 e 18 de junho de 2015)

Guião Semanal de Atividades

Tema Integrador: Santos Populares.

Atividades:

- Dramatização de um conto sobre os três santos populares.
- Apresentação do santo popular S. Pedro.
- Construção da imagem de S. Pedro através do recorte e da colagem numa folha de papel.
- Ensaio para as marchas populares.
- Diálogo sobre os objetos caraterísticos dos santos populares e das marchas populares.
- Criação de adereços caraterísticos para decorar a sala.
- Observar, tocar e cheirar um manjerico.
- Criação de manjericos com pompons de lã e copos de plástico.
- Audição e repetição de quadras populares para colocar nos manjericos.
- Criação dos fatos para as marchas.

Reflexão sobre a implementação:

O tema-núcleo desta semana foi "Os Santos Populares" devido ao fato de durantes estes dias estar-se em plenas festas populares. Apesar de ser comemorado a 29 de junho, nesta semana foi dada mais atenção ao São Pedro. Para tal, uma das atividades que pretendia dar a conhecer a imagem do santo, bem como as suas caraterísticas, consistia numa imagem do mesmo com uma chave na mão e um manto comprido. O objetivo era cada criança conseguir usar sozinha a tesoura, e saber pegar nela de forma correta, para recortar a direito duas linhas paralelas que estavam sobre a imagem, e que a dividiam em três.

1.3.8. Reflexão Global da Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar

Ao longo da PSEPE, vim a aperceber-me que ser um bom educador não é assim tão fácil como parece, pois, este facto veio a confirmar-se durante a prática pedagógica. Foram meses de muito trabalho, a preparação das atividades ocupou muito tempo, bem como a planificação das mesmas.

Contudo, apesar das dificuldades encontradas no decorrer da intervenção educativa é de salientar que esta foi muito gratificante. Apenas nos três meses em que decorreu a PSEPE foi possível verificar grandes avanços nas crianças.

A experiência vivida na PSEPE foi bastante relevante na minha formação como futuro profissional da educação pré-escolar e também antevejo importante para a minha formação seguinte ao nível do 1º ciclo do ensino básico, dado ter sido a primeira experiência de responsabilização individual pela educação neste nível de ensino.

Esta PSEPE ajudou-me a conhecer mais profundamente a realidade de um jardim-de-infância tendo as reflexões por mim realizadas de acordo com a minha atuação ter permitido a obtenção de respostas a dificuldades, por vezes sentidas, e que estas vieram clarificar. Como salienta Figel (2007, p. 19): "(…) a formação inicial de professores nunca poderá ser suficiente (…). Para os professores, e particularmente para eles, a prática da aprendizagem ao longo da vida é uma necessidade absoluta."

Apesar de algumas crianças demorarem demasiado tempo na execução das atividades, muitas delas compreendiam perfeitamente os conteúdos, mas provavelmente devido ao cansaço não eram capazes de realizá-los. Esta situação levou-me a outra dificuldade que durante a PSEPE não consegui resolver totalmente, mas que ao longo da minha vida profissional como docente terei de encarar e tentar encontrar as melhores estratégias para resolvê-la, no sentido de tentar adequar o mais próximo possível os ritmos de aprendizagem de cada aluno e ser capaz de promover maiores índices de motivação.

Realço ainda que as atividades, assim como as estratégias, inicialmente planificadas, nem sempre eram bem-sucedidas, porque, por vezes, no decorrer das

intervenções, surgiam imprevistos como, por exemplo, dúvidas, incompreensões ou até mesmo desinteresse face à forma como a aprendizagem se processava.

Assim, concluo que as atividades planificadas suscitam a realização de outras atividades que, por vezes, não estão previstas e que surgem da simples curiosidade que as crianças demonstram em saber e aprender, o que leva, por sua vez, ao desenvolvimento de uma competência não intencionada.

Tendo concluído a PSEPE, posso afirmar que já estou mais à vontade dentro de uma sala de Jardim-de-infância, na medida em que, para além de ter trabalhado com crianças de diferentes idades e níveis de desenvolvimento e de aprendizagem diferentes, foi-me possível adquirir um conhecimento prático facilitador do exercício da docência.

Ao longo da PSEPE, aprendi muitas coisas, considerando que consegui desenvolver o trabalho da forma como pretendia, de acordo com as condições de que dispunha. Nele contei com a colaboração da Educadora Cooperante que me orientou e me ajudou sempre que surgiam dificuldades. Neste contexto, refiro também o apoio que me foi dado pelo «Par Pedagógico».

O facto da PSEPE se organizar em grupos («Pares Pedagógicos»), é, também um aspeto positivo, pelo apoio e colaboração que conseguimos, dado que partilhamos de dificuldades semelhantes o que faz com que nos compreendamos melhor.

2. Prática Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico

2.1. Organização da Prática de Ensino Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico

A Prática de Ensino Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico (PES 1ºCEB) foi realizada na Escola Básica de São Tiago, que pertence ao Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva, em Castelo Branco. A PES 1ºCEB foi desenvolvida numa turma de 2º ano, envolvendo um total de 26 alunos. Esta PES 1ºCEB dividiu-se em duas partes: a parte da observação e a parte da implementação. Por sua vez, esta última, foi subdividida em duas partes: implementação individual e implementação do «Par Pedagógico».

Figura 3 - Fachada Escola EB1 São Tiago

Tal como na PSEPE, também na PES no 1ºCEB a elaboração das planificações foi sempre realizada com a mesma matriz e sempre com a aprovação da Orientadora Cooperante e do Supervisor. Neste âmbito foi fundamental o auxílio do «Par Pedagógico», da Orientadora Cooperante e do Supervisor, pela confiança e colaboração que prestaram no decorrer do trabalho que foi desenvolvido.

No que diz respeito às reflexões críticas, estas foram realizadas no final de cada semana, o que vieram permitir uma reformulação no desempenho, tendo por base as críticas e sugestões da Orientadora Cooperante, do Supervisor, bem como do «Par Pedagógico».

Tabela 4 - Organização e Distribuição das Semanas da PES 1ºCEB.

Semanas	Data	Responsável pela execução
Semana 1	29 de setembro a 1 de outubro de 2015	Observação participante do trabalho pedagógico; Consulta e análise dos documentos: Projeto Educativo – Pedagógico da Instituição e Projeto Curricular do grupo.
Semana 2	6 a 8 de outubro de 2015	
Semana 3	13 a 15 de outubro de 2015	Trabalho em Par Pedagógico
Semana 4	20 a 22 de outubro de 2015	Trabalho individual do Par Pedagógico
Semana 5	**27 a 29 de outubro de 2015**	**Trabalho individual**
Semana 6	3 a 5 de novembro de 2015	Trabalho individual do Par Pedagógico
Semana 7	**10 a 12 de novembro de 2015**	**Trabalho individual**
Semana 8	17 a 19 de novembro de 2015	Trabalho individual do Par Pedagógico
Semana 9	**24 a 26 de novembro de 2015**	**Trabalho individual**
Semana 10	1 a 4 de dezembro de 2015	Trabalho individual do Par Pedagógico
Semana 11	**9 e 10 de dezembro de 2015**	**Trabalho individual**
Semana 12	15 a 17 de dezembro de 2015	Trabalho em Par Pedagógico
Semana 13	5 a 7 de janeiro de 2016	Trabalho individual do Par Pedagógico
Semana 14	**12 a 14 de janeiro de 2016**	**Trabalho individual**

Tabela 5 - Distribuição dos Temas e Elementos Integradores pelas Semanas da PES 1ºCEB.

Semanas	Unidades Temáticas
Semana 3	O passado próximo e familiar
Semana 4	A família
Semana 5	**Datas e fatos significativos**
Semana 6	Os órgãos dos sentidos
Semana 7	**A saúde do seu corpo**
Semana 8	Uma alimentação saudável
Semana 9	**Hábitos de higiene**
Semana 10	À descoberta dos materiais e objetos
Semana 11	**As profissões**
Semana 12	Natividade
Semana 13	Instituições e serviços públicos
Semana 14	**Os sinais de pontuação**

Finda cada semana de implementação era estabelecido um momento de reflexão acerca da mesma, no qual o responsável pela própria implementação, a Orientadora Cooperante, o «Par Pedagógico» e o Supervisor discutiam e comentavam o desempenho, no sentido de averiguarem quais os pontos fortes evidenciados e, em simultâneo, quais os aspetos que deveriam ser melhorados.

Só refletindo sobre a ação educativa é que se conseguirá ser um bom educador/professor e promover nas crianças aprendizagens globais efetivas e significativas. Como é afirmado por Silva & Araújo (2005, p. 2):

> *"A reflexão (…) é o melhor instrumento de aprendizagem do professor, pois é no [contato] com a situação prática que o professor adquire e constrói novas teorias, esquemas e conceitos, tornando-se um profissional flexível e aberto aos desafios impostos pela complexidade da [interação] com a prática."*

Tendo em consideração o facto de a investigação ter sido realizada no decorrer da PES 1ºCEB, as semanas e respetivas sessões de implementação prática individual serão objeto de uma descrição mais profunda e mais detalhada ao nível no capítulo relacionado com a recolha, análise e tratamento dos dados. Com o objetivo de se tornarem claras as evidências globais relacionadas com toda a PES 1ºCEB, passam-se a apresentar, de forma mais resumida, as semanas e as sessões de implementação prática em grupo.

Para a elaboração e organização das planificações de cada semana de PES 1ºCEB optou-se por seguirmos um mesmo modelo que serviu de base para todas as semanas.

De seguida, apresenta-se a primeira etapa de cada uma das semanas e a explicação da mesma, como se pode observar na Figura 4:

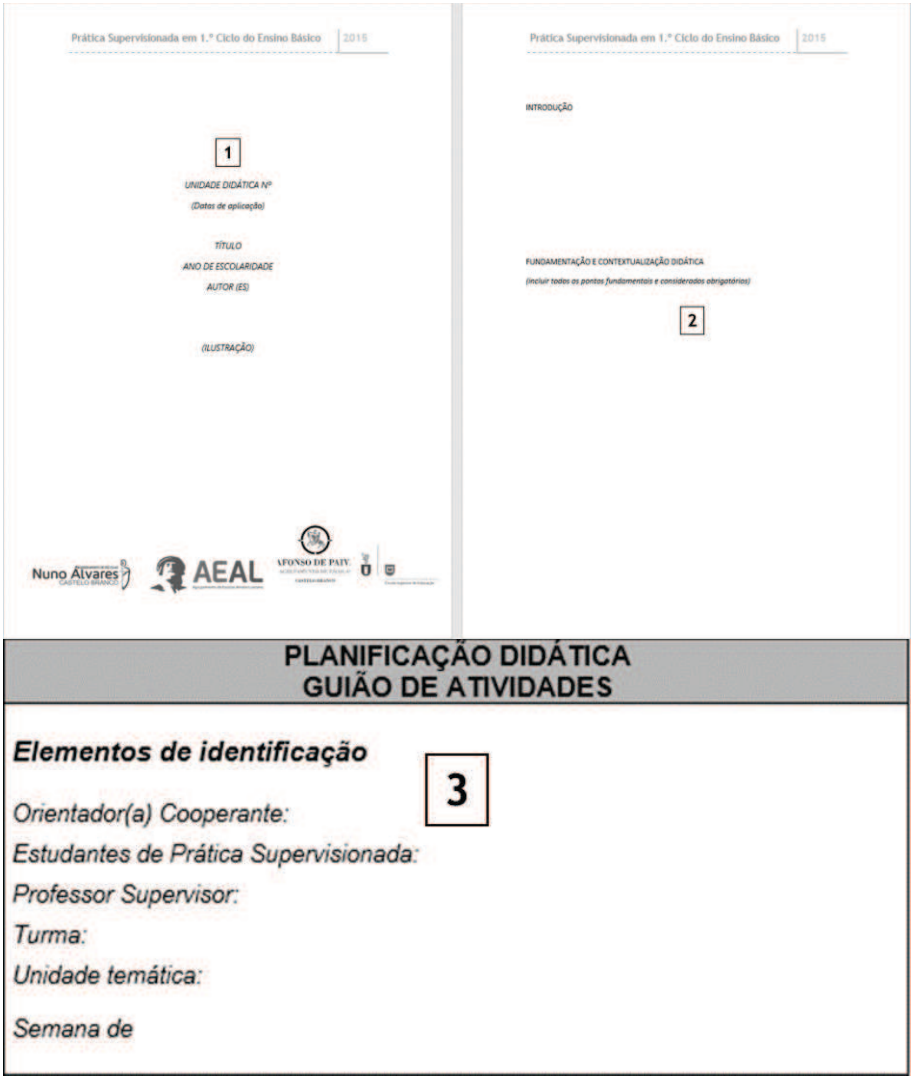

Figura 4 - Modelo de planificação: Guião de atividades

No número 1 estão essencialmente presentes referências acerca da contextualização da planificação. As planificações são elaboradas no âmbito da PES 1ºCEB, de acordo com o Supervisor da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, que serviram de base de trabalho para todos os mestrandos. Nesta etapa, são ainda referidos alguns elementos referentes ao contexto real de prática, onde é referenciado o agrupamento de escolas a que pertence a instituição de prática.

Em relação ao número 2, este já está inserido na seleção do conteúdo programático. Contudo, esta etapa refere-se aos objetivos didáticos gerais, sendo estes delineados tendo em conta o programa que regulamenta o ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, de acordo com as diferentes áreas curriculares e os conteúdos programáticos destinados à semana em questão.

Por sua vez, no número 3 estas informações já se alargam um pouco mais, sendo colocado o nome da Orientadora Cooperante, o nome dos alunos da PES 1ºCEB, o nome do Supervisor, a designação da turma, o nome da unidade temática de cada

semana e a delimitação de tempo. Quanto ao nome dos alunos da PES 1ºCEB, quando se trata de uma semana em conjunto, preenche-se com os nomes dos dois elementos do «Par Pedagógico» e, quando a semana é individual, coloca-se apenas o nome do aluno interveniente. De uma forma geral, estes elementos apresentados inicialmente são imprescindíveis para a elaboração da restante planificação, pois o conhecimento mais aprofundado do contexto em que a PES 1ºCEB se desenvolve é fundamental para haja uma melhor adequação: "Cada contexto é um contexto, não existem dois contextos iguais." (Pais, 2010)

O número 3, como se pode observar na Figura 4, é um alargamento do número 2 e designa-se por «Sequenciação do conteúdo programático por áreas curriculares», o qual se passa a apresentar (Figura 5):

<table>
<tr><th colspan="6">Seleção do conteúdo programático</th></tr>
<tr><td colspan="6">Sequenciação do conteúdo programáticos por áreas curriculares</td></tr>
<tr><th colspan="6">Estudo do Meio</th></tr>
<tr><td>Blocos</td><td>Conteúdos</td><td>Objetivos específicos</td><td>Descritores desempenho</td><td>Atitudes, valores e normas</td><td>Avaliação</td></tr>
<tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><th colspan="6">Português</th></tr>
<tr><td rowspan="2">Domínios /Subdomínios</td><td rowspan="2">Conteúdos</td><td colspan="2">Metas Curriculares</td><td rowspan="2">Atitudes, valores e normas</td><td rowspan="2">Avaliação</td></tr>
<tr><td>Objetivos</td><td>Descritores de desempenho</td></tr>
<tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><th colspan="6">Matemática</th></tr>
<tr><td rowspan="2">Domínios / Subdomínios</td><td rowspan="2">Conteúdos</td><td colspan="2">Metas Curriculares</td><td rowspan="2">Atitudes, valores e normas</td><td rowspan="2">Avaliação</td></tr>
<tr><td>Objetivos</td><td>Descritores desempenho</td></tr>
<tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><th colspan="6">Expressões</th></tr>
<tr><td>Blocos</td><td>Conteúdos</td><td>Objetivos específicos</td><td>Descritores de desempenho</td><td>Atitudes, valores e normas</td><td>Avaliação</td></tr>
<tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td colspan="6">Trabalho de projeto / Clubes
(Preenchimento obrigatório caso se desenvolva este tipo de trabalho de forma integrada)</td></tr>
<tr><td>Clube/ Projeto</td><td colspan="2">Objetivos didáticos</td><td>Atitudes, valores e normas</td><td colspan="2">Áreas Curriculares de relação</td></tr>
<tr><td></td><td colspan="2"></td><td></td><td colspan="2"></td></tr>
</table>

Figura 5 - Modelo de planificação: Seleção do conteúdo programático

No modelo de planificação já estão referenciadas as várias áreas de conteúdos que devem ser abordadas todas as semanas e, para cada uma delas, é apenas necessário o

preenchimento dos respetivos espaços. Este modelo foi desenhado para que todas as áreas fossem contempladas de forma correta pois, como se pode verificar na primeira coluna, existem três hipóteses, visto que a área de Português é organizada por competências e a de Estudo do Meio, por exemplo, é por blocos.

Sendo assim, em cada dia da semana é seguido o seguinte modelo, apresentado na Figura 6.

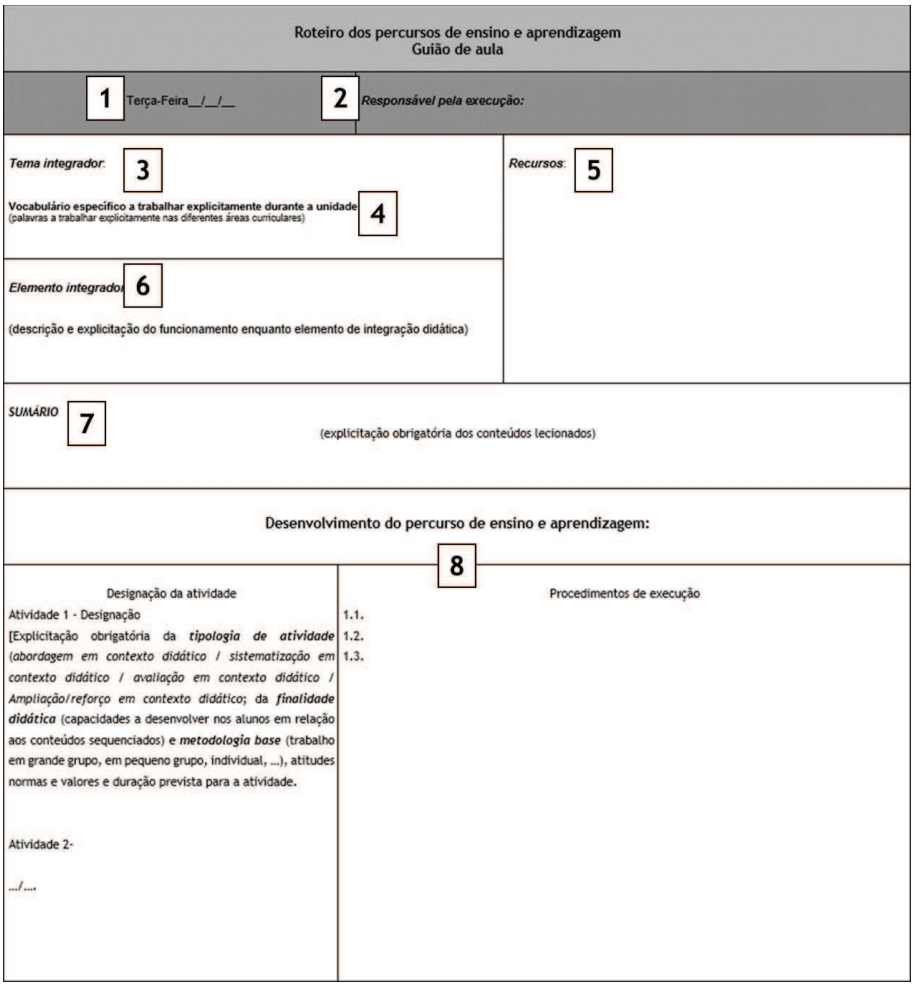

Figura 6 - Modelo de planificação: Roteiro dos percursos de ensino e aprendizagem

No número 1 é colocada a data em que se prevê a execução da planificação.

O número 2 é preenchido através do nome do(s) aluno(s) responsável(eis) pela execução da semana. Assim, cada planificação é caraterizada pela data de execução e pelo responsável, pelo que uma dada planificação só faz sentido num determinado dia, pois, se por algum motivo a sua execução não acontecer no dia previsto, implica sofrer alterações, para que assim se adeque ao novo dia e às vivências que, entretanto, os alunos tiveram.

Em 3, é definido o «tema integrador» que, no geral, se mantém durante todos os dias que constituem cada semana. O «tema integrador» de cada semana foi também

um elo de ligação entre as várias atividades de aprendizagem de cada dia e da semana pois, na maioria dos casos, permitiu a construção de uma história ao longo dos dias em que os alunos se sentiam mais ativos e mais motivados.

No número 4 são contemplados conceitos/vocábulos diretamente relacionados com o percurso de ensino e aprendizagem em cada dia. Este ponto tem grande importância pois, segundo Pais (2010), o "(…) conhecimento lexical e sucesso escolar estão diretamente relacionados".

O número 5 é referente ao «Elemento Integrador», segundo Pais (2012) configura-se como elemento de transversalidade que assegura a coesão metodológica dos diferentes percursos de ensino e aprendizagem e da própria unidade didática. Caracteriza-se por ser uma base motivacional significativa (captando a atenção dos alunos), ativação do conhecimento prévio, estimulante da comunicação multilateral e propiciador da coerência temática e coesão metodológica. Como ainda refere Pais (2012, p. 8):

> *"(…) o elemento integrador pode assumir uma infinidade de formas, dependendo da criatividade e das características de individualidade do professor, das características do ambiente de ensino e aprendizagem a criar, dos objetivos definidos para o professor de ensino e aprendizagem a criar, dos objetivos definidos para o processo de ensino e aprendizagem, das características do grupo de alunos e da relação que obrigatoriamente tem de se estabelecer com um contínuo de tarefas de ensino e aprendizagem que se pretende desenvolver."*

O número 6 tem como principal objetivo definir a lista de materiais necessários para o decorrer do percurso de ensino e aprendizagem de cada dia. Esta lista é um recurso bastante importante para que o professor tenha tudo preparado e não haja nenhum imprevisto. Pois, a falta de algum material pode influenciar o decorrer das aprendizagens ao longo de todo esse dia. Esta organização permite ainda que outra pessoa que tencione colocar a planificação em prática tenha acesso a todos os materiais que necessita para que tudo corra como previsto. Neste espaço, são indicados os materiais que integram o dia, sendo eles materiais da sala, do aluno ou do professor. Por outro lado, não são indicados os materiais que os alunos utilizam no seu dia-a-dia como, por exemplo, a borracha e o lápis.

O número 7 contempla o sumário, ou seja, é uma breve descrição do que foi abordado durante todo o dia. A partir deste sumário, é importante transmitir ao leitor as principais temáticas desenvolvidas em cada área de conteúdo. Desta forma, o sumário é um recurso de organização para o professor e uma forma deste ter sempre maneira de aceder aos conteúdos que já explorou.

Por fim, o número 8, é a etapa mais demorada e a mais minuciosa, pois é aqui que se apresentam todas as atividades de ensino e aprendizagens que irão ser

contempladas durante todo o dia. A elaboração desta etapa necessita dos conhecimentos que se têm acerca do contexto, tais como a turma, as características do grupo em geral e na sua individualidade, o tema integrador, o vocabulário específico, os conteúdos, os objetivos e os descritores de desempenho. Ou seja, esta é uma etapa que está interligada com todas as anteriores pois, para que o percurso de ensino e aprendizagem seja adequado, tudo tem de estar interligado e interrelacionado para que assim os dias não tenham lacunas e haja uma coerência interna.

2.2. Caracterização do Contexto Educativo

Como já foi anteriormente destacado, a intervenção realizada ao nível da PES 1ºCEB contemplou o desenvolvimento e aplicação de unidades didáticas integradas.

Todavia, tem-se revelado cada vez mais fundamental que um professor consiga pautar a sua prática pedagógica pela diferença, criatividade e inovação, pois se assim não for será apenas mais um entre muitos e o desenvolvimento dos seus alunos não conseguirá certamente chegar ao previsto e desejado.

Cada unidade didática deverá assim ser sempre única, singular e só fará sentido quando aplicada no grupo de alunos e no contexto para o qual foi inicialmente concebida. Como tal, o período de observação realizado foi muito importante para se estabelecer contacto com a sede do Agrupamento, com a Escola, com a Turma e com a Orientadora Cooperante, tendo sido possível recolher informação imprescindível para poder iniciar uma intervenção consciente e de qualidade.

Em seguida, apresenta-se a caracterização do meio, da instituição, da sala e da turma com a qual se concretizou a PES 1ºCEB.

2.2.1. Caraterização da Instituição

A escola começou a ser conhecida como Escola do Celeiro devido à estrutura do edifício que antigamente aí funcionava. Posteriormente, designou-se como Escola nº 6 de Castelo Branco e atualmente chama-se Escola Básica de São Tiago.

A Escola Básica de São Tiago funciona, desde o ano escolar 2001/2002, num edifício de rés-do-chão e 1º andar, com um aspeto exterior atrativo, resultante da arquitetura e das cores com que está pintado. No exterior não existem espaços cobertos, o que limita a sua utilização em dias de chuva. Situa-se numa zona urbana, designada por São Tiago.

No rés-do-chão do edifício localizam-se as sete salas de aula e ainda uma outra sala, destinada à Unidade de Ensino Estruturado (UEE). Existe ainda o refeitório com cozinha anexa e uma despensa para produtos alimentares, uma sala para as assistentes operacionais, dois espaços de arrecadação de materiais diversos, dois espaços destinados à arrumação de material didático, audiovisual e de desgaste, uma

sala de professores, um gabinete para a coordenação da escola, um espaço para a reprografia, um ginásio para a prática da aula de educação física e de psicomotricidade, duas casas de banho para crianças e um pequeno espaço para acondicionamento dos materiais de limpeza.

No primeiro andar, existem dois gabinetes, sendo um para o apoio e complemento educativo e outro para atendimento aos pais e encarregados de educação. Está aí situada a biblioteca, um corredor aproveitado com dois espaços – sendo um destinado à terapia da fala e um outro, dividido por uma cortina destinado a aulas de apoio e às atividades extracurriculares e ainda um pequeno hall destinado também para aulas de apoio. Num dos corredores do 1º piso foi criado um espaço de sala de aula para utilização de quadro interativo. Neste piso funciona ainda a biblioteca e, numa ala, um espaço de informática.

A comunidade educativa é bastante diversificada, os pais/encarregados de educação possuem os mais variados níveis socioprofissionais, desde desempregados a técnicos superiores sendo as formações académicas igualmente variadas.

2.2.2. Caraterização da Sala

A sala de aula da turma 3ST – 2.º Ano era um espaço bastante amplo, com paredes pintadas de branco. Relativamente à disposição das mesas dos alunos, estas estavam estrategicamente colocadas segundo os critérios da Orientadora Cooperante, tendo por base o comportamento dos alunos. No entanto, esta disposição podia ainda ser alterada caso fosse necessário para a concretização de alguma atividade. Com a sala disposta deste modo, permitia que todos os alunos tivessem uma boa visualização do quadro, estimulando, assim, a sua participação.

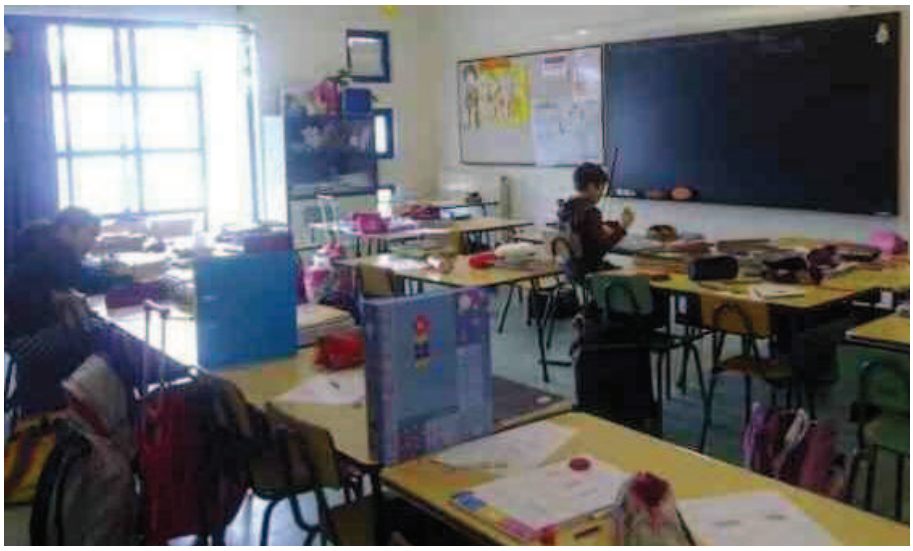

Figura 7 - Disposição das mesas na sala

No que diz respeito ao material, esta sala dispunha de um armário onde estavam todos os dossiês dos alunos. Também havia alguns armários que estavam destinados ao material da Orientadora Cooperante. Para além destes armários, existia também, uma bancada onde havia material de laboratório para o ensino experimental das ciências. Na sala existiam também dois placares de cortiça para os diversos trabalhos dos alunos poderem ser expostos.

Figura 8 - Bancada com material de laboratório

2.2.3. Caraterização da Turma

A turma 3ST – 2.º Ano era composta por 25 alunos (14 rapazes e 11 raparigas), com idades compreendidas entre os 7 e 8 anos. Destes, quatro estavam a ser referenciados no âmbito das Necessidades Educativas Especiais (NEE) e, por isso, estavam a ser seguidos por uma professora de apoio. Era um grupo heterogéneo com alunos, na sua maior parte, oriundos de famílias desestruturadas, mas com um nível socioeconómico que variava entre o baixo e o médio alto.

Os alunos da turma eram muito ativos e gostavam de realizar atividades novas e motivadoras. Alguns alunos tinham facilidade em realizar as tarefas que lhes eram propostas, enquanto outros evidenciavam algumas dificuldades.

A turma apresentava também problemas ao nível das atitudes, valores e comportamentos. Relativamente ao comportamento, no geral, eram alunos meigos, educados, alegres e sociáveis, mas, também existem alguns alunos faladores e distraídos, perturbando, por vezes, o normal funcionamento das atividades. Deste modo, foi necessário utilizar várias estratégias no sentido de reduzir essa

instabilidade, devido à turma ser um pouco agitada. Assim, os alunos ficavam mais calmos e tinham um melhor ambiente de aprendizagem.

Havia uma boa relação entre os alunos e a Orientadora Cooperante, assim como entre eles, favorecendo um bom ambiente educativo. No geral, os alunos eram assíduos, pontuais, interessados e participativos.

2.3. Implementação da Prática Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico

A implementação da PES 1ºCEB será em seguida dada a conhecer tendo apenas em atenção o seu período de observação e a intervenção do investigador em «Par Pedagógico», onde serão incluídas as planificações semanais e as reflexões críticas das mesmas.

Mais uma vez, por semelhança ao que se verificou anteriormente ao nível da implementação da PSEPE, será igualmente realçada uma reflexão global de toda a PES 1ºCEB que permita inferir acerca do desempenho realizado e da consecução dos objetivos definidos.

Visto que o investigador realizou todo o seu estudo durante duas semanas de implementação individual da PES 1ºCEB, estas serão alvo de uma análise pormenorizada no capítulo que diz respeito à investigação propriamente dita (recolha, análise e tratamento dos dados).

2.3.1. Observação Participante do Trabalho Pedagógico

O período de observação formal que contemplou as duas primeiras semanas da PES 1ºCEB permitiu conhecer o contexto educativo onde esta se iria realizar (agrupamento, escola, sala e turma) e também possibilitou o contacto com algumas estratégias de intervenção proporcionadas pela Orientadora Cooperante, que se revelaram muito úteis, uma vez que a experiência profissional era e continua ainda a ser muito reduzida. Essas estratégias de trabalho passaram, por exemplo, pela envolvência dos alunos na construção dos seus próprios conhecimentos, dinamizando atividades de aprendizagem adaptadas às suas necessidades e interesses. Todas as opções e decisões foram tomadas conjuntamente com a Orientadora Cooperante seguindo um método de efetiva cooperação em todos os âmbitos. Para Roldão (2007, p. 28): “Trabalhar colaborativamente permite, pois, ensinar mais e melhor.” No mesmo sentido, Damiani, Vellozo e Barros (2004, p. 10) emitem também uma afirmação concordante com a anterior:

"Se concordamos que a mente humana é primordialmente formada por interações sociais, podemos pensar que essas, se permanecem acontecendo na vida das pessoas, poderão trazer-lhes um crescimento intelectual constante. Sendo assim, devem ser estimuladas. A partir dessa ideia pode-se pensar também que o trabalho em equipes de professores apresenta potencial para enriquecer sua maneira de pensar, agir e resolver problemas, trazendo inúmeras vantagens e possibilidades de sucesso à difícil tarefa pedagógica."

2.3.2. Terceira Semana da PES 1ºCEB (Implementação em «Par Pedagógico» - dias 13, 14 e 15 de outubro de 2015)

Guião Semanal de Atividades

Unidade Temática: O passado próximo e familiar.

Tema Integrador: As várias fases de crescimento do ser humano.

Elemento Integrador: Frase: "A criança em crescimento"

Atividades:

- Apresentação do elemento integrador
- Diálogo sobre o significado da frase "A criança em crescimento"
- Recolha e registo das ideias dos alunos acerca da frase numa tira de papel
- Afixação das frases e da imagem de uma criança no placar ao fundo da sala
- Observação e análise de uma linha do tempo com alguns acontecimentos importantes
- Preenchimento de um pequeno texto com as informações obtidas na linha do tempo
- Construção de uma linha do tempo por anos, de 2008 a 2015 e pintar na mesma, com cores diferentes, os anos mais significativos de cada um
- Leitura, análise e interpretação do texto poético "Quando eu nasci" Isabel Minhós Martins
- Decomposição de números em centenas, dezenas e unidades – até às cinco centenas
- Descoberta de sequências de números e completando-os numa tabela
- Leitura, análise e interpretação do texto "Carlita" de Eduardo Olimpo
- Observação de dois calendários com um ano bissexto e um ano comum e identificação das diferenças entre eles
- Atividades com numerais ordinais até ao vigésimo
- Leitura, análise e interpretação do texto "Que Grande Confusão" de António Mota
- Desenho livre, ilustração das várias fases da vida do ser humano

Reflexão sobre a Implementação:

A primeira semana de implementação, que foi realizada em «Par Pedagógico» revelou que uma das nossas preocupações, durante o período de observação, continuou a exigir muita atenção da nossa parte. As nossas 'angústias' estavam relacionadas com o comportamento do grupo, visto que muitos dos alunos não mostravam maturidade suficiente para estar numa sala de aula, que durante o período de observação já tinha sido detetado e que durante a implementação, ainda se tornou mais evidente.

Os pontos fracos desta semana foram: a falta de um Guião de Atividades, o comportamento de dois alunos que falavam constantemente um com o outro, o que fez com que fosse necessário estar bastante tempo perto deles para os controlar e, por fim, o não cumprimento da planificação que, por motivos de dificuldades dos alunos, foi-nos totalmente impossível avançar para as atividades seguintes quando detetávamos que a aquisição dos conteúdos não estava a ser cumprida na atividade que estávamos a trabalhar.

Os pontos fortes foram: a participação e motivação de um modo geral da turma, que de uma forma ou de outra participava com empenho e, nalguns casos, por vontade própria.

2.3.3. Quinta Semana da PES 1ºCEB (Implementação Individual - dias 27, 28 e 29 de outubro de 2015)

Guião Semanal de Atividades

Unidade Temática: Datas e fatos significativos.

Tema Integrador: Os acontecimentos mais importantes.

Elemento Integrador: O calendário.

Atividades:

- Análise, em grande grupo, de um calendário de grandes dimensões.
- Identificação de alguns acontecimentos importantes de cada um dos meses.
- Atividades com numerais ordinais até «vigésimo».
- Distinção de palavras no singular e no plural (preencher um quadro).
- Leitura, análise e interpretação do texto «Rosa, minha irmã Rosa» de Alice Vieira.
- Atividades para aprender o que são os determinantes artigos (definido e indefinido).
- Atividades com números pares e ímpares.
- Resolução de charadas com numerais ordinais e números pares e ímpares.
- Atividades com recurso ao conto e reconto.

- Transcrição partes de textos.
- Construção de um calendário.

Reflexão sobre a Implementação:

Nesta primeira semana individual foram sentidas muitas dificuldades no controlo do grupo, o que constituiu a principal preocupação. Esta situação afetou toda a prática, uma vez que nalguns momentos quase se ia instalando o «desânimo». Ainda assim, ao se tomar consciência desta situação, foi feito um esforço no sentido de se proporcionar um clima de aula mais calmo.

Um dos obstáculos que senti, enquanto professor, foi a dificuldade em expressar por palavras simples e claras aquilo que queria explicar, mas, por vezes, ou as palavras não saem ou, quando saem, muitas vezes saem trocadas. Outro fator que me frustrou um pouco foi o fato de que quando estou em frente à turma sentir uma insegurança constante por causa da sensação de não estar a conseguir cumprir o meu "dever".

2.3.4. Sétima Semana da PES 1ºCEB (Implementação Individual - dias 10, 11 e 12 de novembro de 2015)

Guião Semanal de Atividades

Unidade Temática: A saúde do seu corpo.

Tema Integrador: A dentição e a higiene oral.

Elementos Integradores: Cartaz da dentição. Cofre com dinheiro.

Atividades:

- Leitura, análise e interpretação do texto «O país dos dentes», um excerto do livro «As mil cores do sorriso da Maria» de Ana Daniela Soares, Ana Luísa Costa e João Carlos.
- Leitura e diálogo acerca de um texto informativo sobre a dentição.
- Diálogo sobre a importância da higiene e saúde oral.
- Jogo dos sabichões e dos curiosos (sobre o tema).
- Reconhecimento da unidade de medida do dinheiro português e escrita por extenso do valor das moedas e notas.
- Resolução de vários problemas relacionados com dinheiro.
- Destacamento de todos os determinantes artigos num texto e preenchimento de um pequeno texto usando os vários determinantes artigos definidos e indefinidos.

Reflexão da Implementação:

O ponto menos positivo da semana foi a impossibilidade de receber a visita dos estagiários do Centro de Saúde de S. Tiago na manhã de quarta-feira. Devido à ausência de profissionais nessa semana neste centro, a visita acabou por não acontecer. Como nestes casos é sempre bom ter algo planeado caso algum imprevisto aconteça, tinha preparado um jogo que abordava tudo o que se tinha estado a dar até então. Era um jogo muito interessante, mas correu mal porque a turma é muito grande. Sempre que alguns alunos se punham a conversar instalava-se o caos, acabando por perturbar o decorrer do jogo.

Para corrigir este problema, talvez dividir a turma em mais grupos fosse uma melhor ideia, pois, quando a turma está toda junta neste tipo de situações torna-se muito difícil controlá-la. Com o jogo, como instrumento de aprendizagem, também se desenvolve o espírito de competição amigável. Segundo Froebel, citado por Zacharias (2007, p. 5), "o jogo é o espelho da vida e o suporte da aprendizagem" e este foi um dos primeiros a utilizá-lo na educação.

2.3.5. Décima segunda Semana da PES 1ºCEB (Implementação Individual - dias 15, 16 e 17 de dezembro de 2015)

Guião Semanal de Atividades

Unidade Temática: Natividade.

Tema integrador: Natividade.

Elemento Integrador: O presépio.

Atividades:

- Descoberta do significado e o simbolismo do presépio.
- Construção das personagens do presépio, decorá-las através da pintura, colagens, recortes, etc. Montar o presépio na sala.
- Leitura, análise e interpretação do texto «A primeira prenda de Natal» de Alice Vieira.
- União de pontos numéricos pela ordem correta de forma a criar vários símbolos do Natal (Pai Natal, árvore de Natal, etc.).

Reflexão da Implementação:

A atividade e decoração da sala com imagens relacionadas com o Natal, o momento de estarem a pintar e ao mesmo tempo estarem a ouvir as músicas de Natal, permitiu aos alunos estarem calmos e concentrados no que estavam a fazer. Alguns alunos continuam com dificuldades na leitura. Os pontos fortes desta semana foram: o empenho e cooperação de todos alunos nas atividades destinadas á época Natalícia; a festa de Natal no agrupamento Afonso de Paiva. Os pontos fracos desta semana foram: a ausência do meu colega de estágio. Sem estarmos à espera ocorrem

situações que vem sem aviso e sem estarmos preparados temos de agir pois o tempo não para e a vida tem de continuar.

2.3.5. Décima quarta Semana da PES 1ºCEB (Implementação Individual - dias 12, 13 e 14 de janeiro de 2016)

Guião Semanal de Atividades

Unidade Temática: Os sinais de pontuação.

Tema Integrador: Os sinais de pontuação.

Elemento Integrador: Os sinais de pontuação.

Atividades:

- Construção e saber de memória a tabuada do 2.
- Leitura, análise e interpretação do texto narrativo «Ponto final» de António Torrado.
- Atividades com os sinais de pontuação.
- Utilização dos sinais de pontuação mais usuais com correção.
- Visita de estudo ao Centro de Saúde de São Tiago de Castelo Branco.
- Desenvolver estratégias para resolver problemas de um ou dois passos.
- Resolução de problemas de um ou dois passos envolvendo situações multiplicativas nos sentidos aditivo e combinatório.
- Multiplicação de qualquer número por 2 e utilização adequada do termo "dobro".
- Leitura, análise e interpretação do texto narrativo «O Tiago» de Mymi Doinet Nanon.

Reflexão da Implementação:

Do conjunto de atividades propostas no meu guião, e realizadas com a turma, destaco a visita de estudo ao Centro de Saúde de São Tiago que considero a atividade mais importante da semana e, talvez, a que tenha corrido melhor. Os alunos mostraram muito interesse e deixaram-se envolver pelo espírito bastante positivo das doutoras que nos receberam. As visitas de estudo são encaradas pelos alunos de forma bastante aliciante, dado o carácter motivador pela saída do espaço escolar. Para Almeida (1998, p. 51), a visita de estudo é definida como "qualquer deslocação efectuada por alunos ao exterior do recinto escolar, independentemente da distância considerada, com objectivos educativos mais amplos ao do mero convívio entre professores e alunos", tornando-se fundamentais no processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Proença (1990, p. 137), a visita de estudo:

> *"(…) permite realizar um ensino activo e interessante (…) contribuindo para uma aprendizagem integradora da realidade. Os alunos encontram-se em presença das "coisas", e, deste modo, a sua adesão à realidade histórica não se faz por uma imposição magistral, mas através das provas que lhe são fornecidas directamente pelas coisas observadas.".*

Destaco, ainda, a intervenção da professora cooperante no final da semana devido ao mau comportamento de alguns alunos naquele momento. Esta semana foi marcada por momentos de alguma dificuldade em manter a disciplina, pelo que algumas crianças demonstraram um comportamento desadequado. Por vezes dialogava com a turma acerca das regras de comportamento, no entanto a falta de atenção e comportamentos indesejados foram uma constante durante a aula. Veríssimo (citada por Campos e Veríssimo, 2010, p. 89), "as crianças não sabem impor limites a si próprias", cabendo aos adultos "balizar até onde a criança pode ir, até que a criança consiga percebê-lo autonomamente e auto-regular-se". As crianças precisam de ter em mente que as regras existem e têm que ser cumpridas, para isso temos que ser firmes e fazer cumpri-las também.

2.3.6. Reflexão Global da Prática Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico

No início da PES 1.º CEB, ao entrarmos na sala de aula da turma com a qual iríamos estagiar, deparámo-nos com um grupo bastante curioso e aparentemente sossegado. No decorrer das duas semanas de observação, pudemos verificar que alguns dos alunos tinham um comportamento que provocava a agitação da restante turma, tendo de estar sentados em lugares um pouco estratégicos, para que as aulas possam decorrer da melhor forma. Outro aspeto importante que observámos foi o facto de a Orientadora Cooperante tomar como ponto de partida para determinadas aprendizagens, alguns acontecimentos e situações da vida quotidiana, para que os alunos pudessem compreender mais facilmente o que estava a ser dito relativamente a um determinado conteúdo das diferentes áreas curriculares. Para além de permitir uma melhor compreensão por parte dos alunos, na minha opinião, a utilização de aspetos da vida quotidiana suscita o interesse dos alunos no que está a ser explicado, pois poderá ser um acontecimento ou situação que os alunos já viveram ou poderão vir a vivenciar.

Para além desta relação, pudemos também experienciar a forma como a Orientadora Cooperante reagia a determinados comportamentos por parte dos alunos, mais especificamente, de um aluno com necessidades educativas especiais. Tais situações permitiram-nos compreender um pouco melhor como reagir a certas situações quando nos encontrássemos a implementar as atividades nas nossas semanas de PES 1ºCEB. Ao planificar as aulas, o professor tem que ter em conta as caraterísticas e especificidades do grupo, por forma a adequar a sua pedagogia,

respeitando as diferenças. Como é comum afirmar-se, "Ensinar é uma forma de arte" e, deste modo, o bom professor tem que adequar a sua 'arte' ao contexto social, físico e moral em que está inserido. Tem que ter, também uma intenção muito específica, na forma como veicula os conteúdos/conhecimentos e os transmite aos alunos.

No que diz respeito à nossa primeira semana de implementação, esta foi realizada em «Par Pedagógico» o que nos ajudou a não sentirmos tanta insegurança e ansiedade, pois encontrávamo-nos ambos a lecionar os conteúdos para a turma. Este aspeto ajudou-nos no primeiro contacto com os alunos assumindo o papel de professores, pois ao tomarmos essa responsabilidade temos de ser o mais corretos possível nas nossas explicações, o que implica uma preparação prévia. Desta forma, não nos sentíamos tão nervosos, pois se faltasse algum aspeto importante na explicação dada por um elemento, o outro complementava essa explicação, facilitando essa tarefa.

Relativamente às semanas de implementação onde tive uma atuação mais preponderante, pudemos verificar que houve uma evolução, quer ao nível das planificações, quer ao nível da comunicação com os alunos. No que se refere às planificações, fomos sempre tentando completá-las cada vez mais e procurámos ser cada vez mais formais no que diz respeito à linguagem utilizada. Por outro lado, a comunicação com os alunos tornou-se cada vez mais positiva ao longo das semanas, na medida em que fomos conhecendo melhor o grupo e as melhores formas de lecionar os conteúdos, sendo que a turma com a qual estivemos a estagiar era uma turma bastante participativa.

Por fim, a nossa relação com a Orientadora Cooperante também foi bastante positiva, pela razão de ter sempre mostrado disponibilidade para nos atender e ajudar sempre que necessário. Para além deste aspeto, sempre nos motivou nas nossas atividades, mostrando interesse pela realização de todas e intervindo sempre que considerava necessário devido às caraterísticas da turma, dado que já possuía um conhecimento muito mais alargado da turma e de cada um em particular.

Em suma, consideramos que a PES 1.º CEB decorreu de forma positiva, fazendo-nos crescer enquanto futuros professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico no que diz respeito a determinados aspetos, nomeadamente, ao nível dos diferentes ritmos de aprendizagem; ao comportamento; a determinadas intervenções feitas pelos alunos; à preparação das aulas; entre outros aspetos. Desta forma, com a realização deste estágio, adquirimos uma 'bagagem' fundamental para a nossa futura vida profissional. Neste particular, destaca-se ainda a experiência prévia obtida na PSEPE que fez com que nos pudéssemos apresentar mais bem preparados e mais confiantes pelo facto de estarmos a ser responsáveis pelas aprendizagens de uma turma.

Capítulo II — Revisão de Literatura

1. Fundamentação Teórica da Pesquisa

As tecnologias aplicadas na educação estão gradualmente a tornar-se uma importante área de investigação. Presentemente são consideradas três áreas de investigação sobre as TIC aplicadas na educação: as implicações das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) no Currículo, as Tecnologias e os Ambientes de Aprendizagem e Tecnologias e a Formação. O giz e a ardósia estão a ficar cada vez mais em desuso. Atualmente, logo no primeiro ciclo, as crianças são estimuladas a desenvolver as suas atividades no computador e, se tudo isso for realizado com mestria, os efeitos no ensino poderão ser muito positivos. Atualmente são três as tecnologias que melhor caracterizam neste momento o ensino: o computador, a Internet e o quadro interativo (QI). Será assim, e apenas, a Internet o alvo deste estudo.

As principais funções que as TIC podem desempenhar no 1ºCEB podem ser aglutinadas, fundamentalmente, em quatro domínios: como fonte de informação; como instrumentos ou ferramentas de suporte à produção e apresentação de trabalhos; como recurso didático e como desenvolvimento e apoio da comunicação à distância. Os alunos respiram tecnologia e costumadamente dominam as ferramentas. Tal como é afirmado por Gil (2014, p. 93), há uma razão para que se aposte cada vez mais "(…) na utilização das TIC, em contexto educativo [que] tem a ver com o aumento do número de nativos digitais, [visto que possuem] maiores níveis de familiarização e de competências digitais que a população em geral."

O professor e o aluno relacionam-se num ambiente mais tecnológico e propício a novas e diversificadas experiências de aprendizagens. Todavia, este ideal cruza-se com a lentidão no apetrechamento das escolas; com a resistência e falta de formação dos professores, e com alguma dificuldade das escolas em fazer a manutenção dos recursos.

1.1. Tecnologias da Informação e da Comunicação

A palavra TIC (Tecnologias da Informação e da Comunicação) tem consequência das seguintes palavras:

1. Informática – tratamento automático de informação em computadores;
2. Tecnologias de informação – processo de tratamento central e comunicação da informação, através do hardware e software;
3. Tecnologias da Informação e da Comunicação – transmissão de informação através de redes de computadores e meios de comunicação.

O objetivo das TIC é promover a cultura e a formação essencial ao desenvolvimento da sociedade da informação e propor uma visão estratégica.

1.2. A Importância das TIC na Sociedade

As TIC são usadas pelos organismos da administração pública, empresas, famílias e indivíduos. A ligeira disseminação das TIC pratica mudanças no modo de vida das sociedades. Assume importância na vida coletiva e individual atual. A tecnologia é assumida pela sociedade, exercendo uma influência decisiva no seu desenvolvimento. A sociedade portuguesa tem usufruído dessas tecnologias, na administração pública, central e local e na estrutura empresarial portuguesa. A vantagem da difusão das TIC contribuiu para simplificar processos administrativos e proporcionar a redução dos custos que lhe estão associados. Contribuindo também a agilização do relacionamento com os cidadãos e empresas. A principal forma de interação com os cidadãos e a tecnologia é a existência de canais direcionados para sugestões e reclamações on-line, pagamentos e preenchimento de formulários/declarações.

1.3. Internet

A Internet é a tecnologia mais vantajosa e usada hoje em dia. As comunicações via Internet, podem 'transportar' trabalhos com informação pessoal a um vasto número de pessoas e a um custo reduzido. Pode-se afirmar que o uso da Internet contribui para o desenvolvimento da sociedade, na veiculação e num melhor acesso à informação que resulta numa melhoria de vida dos cidadãos. A Internet aperfeiçoa as comunicações e o acesso à informação. Os intervenientes desta trocam ideias e informações cooperando entre si. Atualmente este meio de comunicação é utilizado em casa, no trabalho, para realizar trabalhos ou simplesmente em atividades de lazer.

As principais vantagens da Internet são:

- Comunicação entre as pessoas de uma forma rápida e eficaz, via e-mail e chat.
- Melhora a capacidade de gerir a informação.
- Novas oportunidades para constituir redes de pessoas e de grupos, que não eram possíveis antes do aparecimento das novas tecnologias.
- Possibilidade de estabelecer laços à escala mundial.

O aparecimento das redes eletrónicas não aumenta o isolamento, nem prejudica a sociedade, a cultura e as relações humanas; pelo contrário, constata-se que as TIC são úteis para estimular as cooperações, partilhar conhecimentos e ideias, desenvolver parcerias e enriquecer as atividades.

De acordo com Nunes (2004), a Internet era utilizada por quase 2/5 da população portuguesa no ano de 2003. A maioria dos utilizadores é do sexo masculino, jovens e quanto menor é o nível de escolaridade, menor é a utilização destas tecnologias. Em relação à condição perante o trabalho, a população empregada é que usufrui mais

desta tecnologia em relação à população desempregada, mas é sobretudo a população inativa (estudantes) que introduz a utilização da Internet nos seus hábitos quotidianos. Pelas razões enunciadas, a Internet veio promover e proporcionar novos hábitos, práticas de trabalho, estudo, lazer, consumo e procura de informação.

1.4. A Integração das TIC em Contexto Escolar

Nas últimas décadas registou-se, a nível nacional, a implementação de vários projetos, ações e programas de modernização tecnológica relativos às TIC no ensino/aprendizagem, que permitiram a integração progressiva das novas tecnologias nas escolas portuguesas. Qual terá sido o seu impacto nas escolas? Quais foram as suas implicações na prática pedagógica na sala de aula? Referimos, em seguida, alguns dos projetos e programas nacionais que nos parecem mais significativos, desenvolvidos segundo ritmos diferentes e obtendo resultados diversos. Segundo Ponte (2002) e Silva (2001), há dois grandes momentos marcantes da introdução das TIC no sistema educativo português: o primeiro momento, foi o Projeto Minerva que decorreu de 1985 a 1994 e o segundo foi o Programa Nónio Século XXI, iniciado em 1996.

1.5. O Projeto MINERVA

Em Portugal, o computador surge nas escolas através do Despacho 68/SEAM/84 que estabelece a criação de um grupo de trabalho em torno das novas tecnologias informáticas na escola, o que viria a produzir um relatório conhecido por — Relatório Carmona (Silva et al., 1999).

O Projeto MINERVA, cujo nome resulta das iniciais Meios Informáticos No Ensino: Racionalização, Valorização, Atualização, foi o primeiro e o mais relevante projeto nacional com o objetivo de introduzir meios informáticos e investigar acerca da utilização das TIC nos níveis de Ensino Básico e Secundário. Este projeto é criado através do Despacho 206/ME/85, de 15 de novembro com os pressupostos — a evolução acelerada das tecnologias de informação, a sua difusão crescente e o seu efeito transformador sobre a sociedade (Silva et al., 1999).

Com o Projeto Minerva pretendeu-se:

- Apetrechar escolas com equipamento informático;
- Desenvolver o ensino das tecnologias de informação para a inserção na vida ativa.
- Desenvolver software educacional;
- Formar professores e formadores de professores;
- Potenciar as tecnologias de informação como instrumento de valorização dos professores e do espaço escolar;

- Promover investigação e desenvolvimento sobre a utilização educacional das tecnologias da informação e da comunicação nas escolas primárias e secundárias.

1.6. O Programa Nónio - Século XXI

O Programa Nónio XXI foi lançado pelo Ministério da Educação e centrou-se no desenho, teste e implementação em larga escala do uso das TIC no Sistema Educativo, aproveitando as experiências anteriormente desenvolvidas nas Escolas dos Ensino Básico e Secundário, com o apoio das Escolas Superiores de Educação. O Programa Nónio – Século XXI foi uma iniciativa do Ministério da Educação com o objetivo de apoiar e adaptar o desenvolvimento das escolas às novas exigências colocadas pela Sociedade de Informação: exigências de novas infraestruturas, de novos conhecimentos e de novas práticas (Silva et al., 2002).

Para este programa foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- Apetrechar com equipamento multimédia as escolas dos ensinos básico e secundário e acompanhar com formação adequada, inicial e contínua, os respetivos docentes visando a plena utilização e desenvolvimento do potencial instalado;
- Apoiar o desenvolvimento de projetos de escolas em parceria com instituições especialmente vocacionadas para o efeito, promovendo a sua viabilidade e sustentabilidade;
- Incentivar e apoiar a criação de software educativo e dinamizar o mercado de edição;
- Promover a introdução e generalização no sistema das Tecnologias da Informação e da Comunicação resultantes das dinâmicas referidas no ponto dois e três, que permitam satisfazer as necessidades e garantam o desenvolvimento do sistema educativo.

1.7. Internet na Escola

Em simultâneo com o Programa Nónio – Século XXI, surge a iniciativa Internet na Escola com grande impacto na integração das TIC nas escolas. O Programa Internet na Escola (PIE), no que diz respeito ao 1º Ciclo do Ensino Básico, foi aquele que mais contribuiu para o apetrechamento em meios informáticos. Teve como objetivo principal equipar todas as escolas com um computador multimédia e sua ligação digital RDIS à Internet via RCTS – Rede Ciência, Tecnologia e Sociedade.

A iniciativa Internet na Escola, foi lançada em 1997/98, pelo Ministério da Ciência e da Tecnologia, teve como objetivo assegurar a instalação de um computador multimédia e a sua ligação à Internet na biblioteca/mediateca de cada escola do Ensino Básico e Secundário, acabando por incluir também, a partir de 2000, as

escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico. Com este projeto, as escolas públicas ficaram com ligação à Internet, o que contribuiu para colocar Portugal numa posição de destaque no contexto europeu. A título de exemplo, refere-se que, em meados de 2001, estavam ligadas em rede 7135 escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico.

1.8. Programa Internet@EB1

Para dar continuidade ao programa anterior, foi lançado, em 2002, o Programa Internet@EB1. O objetivo deste Programa consistiu na promoção da utilização educativa da Internet pelos professores e alunos nas escolas públicas do 1º Ciclo do Ensino Básico, através da criação de um dispositivo de acompanhamento e formação centrado nas escolas (Ponte et al., 2006). O Programa desenvolveu-se através de um conjunto de protocolos de colaboração celebrados entre este Ministério, diretamente ou através da Fundação para a Computação Científica Nacional (FCCN), Escolas Superiores de Educação e Universidades que intervêm na formação inicial dos professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

O objetivo era acompanhar e prestar apoio pedagógico à utilização da Internet nas escolas básicas públicas do 1º ciclo a efetuar pelas instituições do ensino superior durante o ano letivo de 2002/03, e teve continuação em 2003/04 e 2004/05. Este acompanhamento foi assegurado, pelas ESE ou pelas Universidades com visitas às escolas para dar formação a alunos e professores de forma a permitir produzir páginas Web e obter o Diploma de Competências Básicas em TIC.

As competências básicas em TIC estão estabelecidas no artigo 3º, do Decreto-Lei nº 140/2001 de 24 de abril, e são as seguintes:

- Escrever, imprimir e guardar um texto;
- Pesquisar informação na Internet;
- Receber e enviar correio eletrónico.

1.9. Plano Tecnológico da Educação

O Plano Tecnológico da Educação (PTE), aprovado em agosto de 2007 e que abrange o 2º e 3º ciclos do ensino básico e o ensino secundário, constituiu-se como um poderoso meio para atingir uma meta fundamental: a melhoria do desempenho escolar dos alunos, garantindo a igualdade de oportunidades no acesso aos equipamentos tecnológicos-digitais.

Assim, o PTE constituiu-se como um meio para:

- a melhoria do ensino e dos resultados escolares dos alunos;
- a igualdade de oportunidades no acesso aos equipamentos tecnológicos;
- a modernização das escolas, possibilitando que os estabelecimentos de ensino funcionem em rede e que os professores trabalhem de forma colaborativa.

O PTE teve como metas fundamentais:

- ligar todas as escolas à Internet em banda larga de alta velocidade;
- atingir um rácio de dois alunos por computador;
- formar e certificar 90% dos docentes em tecnologias da informação e da comunicação.

O PTE apostou em três eixos de atuação:

- Tecnologia: Kit Tecnológico (computadores, quadros interativos e videoprojectores); Internet em Banda Larga de Alta Velocidade; Internet na Sala de Aula (redes de área local); Cartão da Escola (controlo de acessos, registo de assiduidade e porta-moedas eletrónico); Escol@segura (videovigilância).
- Conteúdos: Portal da Escola; Escola Simplex (Plataforma de Gestão Escolar); Portal Institucional do Ministério da Educação.
- Formação: Competências TIC (formação e certificação); Avaliação Eletrónica; Estágios TIC; Academias TIC.

1.10. Equipa de Recursos e Tecnologias Educativas

A Equipa de Recursos e Tecnologias Educativas (ERTE), a decorrer no ano de 2016, é uma equipa multidisciplinar, dirigida por um chefe de equipa, na dependência direta da Direção de Serviços de Projetos Educativos (DSPE), cabendo-lhe em particular:

a) propor modos e modalidades de integração nos currículos, nos programas das disciplinas e nas orientações relativas às componentes do currículo e componentes de formação da utilização efetiva das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) em todos os níveis de educação e de ensino;
b) promover a investigação e divulgar estudos sobre a utilização educativa das TIC em meio escolar;
c) propor orientações para uma utilização pedagógica e didática racional, eficaz e eficiente das infraestruturas, equipamentos e recursos educativos à disposição dos estabelecimentos de ensino e de educação;
d) conceber, desenvolver, acompanhar e avaliar iniciativas inovadoras e promotoras do sucesso educativo que contemplem, incluam e façam uso das TIC nos estabelecimentos de ensino e de educação;
e) conceber, desenvolver, certificar e divulgar recursos educativos digitais para os diferentes níveis de ensino, disciplinas, componentes do currículo e componentes de formação;
f) gerir, manter, ampliar e melhorar os repositórios educativos de recursos educativos digitais;

g) contribuir para a definição dos termos de referência para a formação inicial, contínua e especializada de educadores e professores na área da utilização educativa das TIC;
h) assegurar a participação da Direção Geral da Educação (DGE) junto de instâncias, organismos e instituições internacionais em projetos, iniciativas e órgãos coordenadores transnacionais que envolvam o estudo, a promoção, a avaliação e o uso das TIC na educação.

Capítulo III — Enquadramento Metodológico

1. Plano da Investigação e Metodologia

1.1. Metodologia e o seu Significado

A metodologia é parte do processo de investigação (método científico) que vem na sequência da propedêutica e que possibilita a sistematização dos métodos e das técnicas necessárias para a levar a cabo. Convém esclarecer que a propedêutica é o conjunto de saberes e disciplinas que são necessários para preparar o estudo de uma matéria. Para Oliveira (1997, p. 57): "O Método deriva da Metodologia e trata do conjunto de processos pelos quais se torna possível conhecer uma determinada realidade (…) [que] nos leva a identificar a forma pela qual alcançamos determinado fim ou objetivo."

1.2. Investigação e o seu Significado

Um projeto de investigação é um procedimento científico destinado a obter informação e formular hipóteses sobre um determinado fenómeno social ou científico. pode-se dizer que uma investigação é a procura de conhecimentos ou de soluções para certos problemas. Cabe destacar que uma investigação, mais concretamente na área científica, é todo um processo sistemático, organizado e objetivo. Neste sentido, segundo Melo (2009): "Encontrar respostas é satisfação temporária. O bom mesmo é a investigação que nos mobiliza".

2. Problema e Objetivos do Estudo

Se atualmente muitos consideram que a Escola não acompanha a evolução tecnológica o problema não é novo e já se arrasta há muito tempo. A Escola tem sofrido ao longo do tempo de um défice crónico de utilização e acompanhamento tecnológico comparativamente à sociedade em que está inserida. A escola esteve sempre um passo atrás das evoluções tecnológicas quando estas se processavam a um ritmo mais lento. Atualmente, principalmente na área das TIC a evolução é diária, facto que deve preocupar a escola de forma a não se deixar ultrapassar. Esta é uma das características atuais das TIC que permitem evoluções rápidas e constantes, aspeto geralmente designado por "salto tecnológico".

Uma das principais razões para a dificuldade de integração curricular das TIC (principalmente a Internet e, em menor escala, o computador) prende-se com o facto destas tecnologias terem aparecido recentemente (há poucos anos) e se forem sentidas como úteis têm uma penetração social facilitada e rápida, enquanto as alterações curriculares necessitam de alguns anos para serem implementadas

(envolvem pareceres de especialistas, criação de legislação, alterações organizacionais, refinamento de estratégias e, por último, a avaliação e se necessário proceder a alterações).

Enquanto para muitos adultos a evolução tecnológica, nomeadamente na área das TIC, aparece como algo distante e complexo, para as crianças estas tecnologias fazem parte do seu quotidiano, ou seja, é-lhes natural. É essencial que as crianças aprendam a tirar vantagens das suas oportunidades, das suas utilizações e que se apercebam, também, das suas limitações e perigos.

A utilização das TIC na escola vai muito além do papel que lhes está tradicionalmente associado, ou seja, o acesso à informação. Elas possibilitam não só a produção e edição de informação como também a sua partilha (mesmo ao nível do 1º Ciclo). Neste contexto, o objetivo deste estudo não é aprofundar todas as questões relativas aos objetivos da utilização das TIC na educação, mas sim apontar alguns que se podem considerar fundamentais. Belchior e colaboradores (1993) propõem um conjunto de objetivos para o 1º Ciclo na utilização das TIC, destacando-se:

a) Comunicar ideias e expressões através do processamento de texto.
b) Efetuar investigações matemáticas ou explorar representações de situações reais ou imaginárias baseadas no computador.
c) Explorar as TIC com o objetivo de desenvolver aspetos criativos e estéticos.
d) Identificar algumas consequências das TIC na sociedade e nos indivíduos.
e) Manusear informação pesquisando, selecionando, analisando e interpretando dados.
f) Projetar, medir, fazer e controlar no ambiente físico, utilizando variadas ferramentas, materiais, interruptores e computadores, nas Ciências, Matemática e Estudo do Meio.

No que diz respeito à investigação a realizar, pretende-se encontrar uma resposta para a seguinte questão de investigação: «Quais as implicações, em termos comparativos, na utilização da Internet (recurso digital) e do manual escolar (recurso analógico) no processo de ensino/aprendizagem ao nível do 1ºCEB?»

Para o efeito, são definidos os seguintes objetivos:

a) Promover a utilização das TIC em contexto educativo;
b) Enquadrar a utilização da Internet no processo de ensino/aprendizagem no 1ºCEB.
c) Implementar e diversificar recursos educativos na sala de aula: recurso digital (Internet) e recurso analógico (manual escolar);
d) Comparar as implicações na utilização de recurso digital e de recurso analógico no processo de ensino/aprendizagem.

3. Participantes na Investigação

Na presente investigação não se pode considerar a existência de uma amostra, mas antes a indicação de 'participantes', pelo facto de dizerem respeito à turma que foi atribuída ao investigador no âmbito da PES 1ºCEB.

O estudo em questão foi implementado na turma 3_ST2 de 2º ano, com 26 alunos de idades compreendidas entre os 7 e 8 anos, da Escola EB1 São Tiago em Castelo Branco, no decorrer da PES 1ºCEB, durante o primeiro semestre do 2º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Para além dos alunos, a investigação em causa contou ainda com a participação da Orientadora Cooperante da PES 1ºCEB e ainda mais três professoras titulares de turmas do 1ºCEB da escola envolvida.

4. Caraterização do Tipo de Pesquisa

4.1. Estudo Qualitativo

O estudo a realizar vai assentar numa matriz de âmbito qualitativo. Na perspetiva qualitativa de investigação educativa, o objeto de estudo não é constituído pelo comportamento, mas pelas intenções e situações. Mais do que a procura de relações entre um processo e um produto, pretende-se um estudo dos significados e a sua influência na interação didática. Neste sentido, tal como afirmam Carmo et al (2008, p. 235) numa investigação ação qualitativa "(…) é dada uma maior importância aos processos do que aos produtos, à compreensão e à interpretação."

No âmbito da metodologia, a investigação didática numa perspetiva qualitativa, baseia-se no método indutivo já que o investigador procura a intenção, o propósito de uma ação, estudando-a na sua própria posição significativa. Porém, o interesse está mais no conteúdo do que no procedimento, razão pela qual a metodologia é determinada pela problemática em estudo. Concluindo, a investigação qualitativa possui as seguintes caraterísticas: é descritiva, estuda o ambiente natural, sendo o pesquisador o instrumento principal, tende a analisar dados de forma indutiva, tem mais interesse pelo processo do que pelos resultados, entre outros aspetos.

4.2. Investigação-ação

Para a concretização deste estudo, a metodologia que se considera mais adequada é a investigação-ação, enquadrada numa abordagem qualitativa. Esta metodologia possibilita a interação diária do investigador com os indivíduos envolventes da qual resulta uma mais-valia para a compreensão das relações que se vão construindo e das duas preferências durante todo o processo da investigação.

A investigação-ação constitui uma forma de questionamento reflexivo de situações sociais realizado pelos participantes de modo a melhorar as racionalidades das suas próprias práticas. Na opinião de Freire (1975), quanto mais as pessoas se aplicam na ação transformadora das realidades, mais se inserem nela (na ação) de forma critica e reflexiva. Neste sentido, a investigação-ação é uma das metodologias que mais pode contribuir para a melhoria das práticas educativas, porque aproxima partes envolvidas na investigação, colocando-as na mesma direção, favorecendo o diálogo e desenvolvendo-se em ambientes de colaboração e partilha.

Deste modo, a investigação-ação não é uma metodologia de investigação sobre a educação, mas sim uma forma de investigar para a educação. Assim, os estudos qualitativos são importantes por proporcionarem a real relação entre a teoria e a prática, oferecendo ferramentas eficazes para a interpretação das questões educacionais.

A preferência pela investigação-ação no presente estudo, para além de se realizar numa intervenção/investigação, em que o investigador é, em paralelo, ator no contexto envolvido na investigação, teve ainda como objetivo promover uma reflexão sobre as práticas no sentido de apresentar melhorias subsequentes nas diferentes intervenções realizadas.

5. Instrumentos e Técnicas de Recolha de Dados

Tal como é afirmado por Turato (2003), para que um método de pesquisa seja considerado adequado, é preciso sabermos se ele responderá aos objetivos da investigação que queremos levar a cabo. Assim, a escolha da técnica e do instrumento de recolha de dados dependerá dos objetivos que se pretende alcançar com a investigação e do universo a ser investigado. Tendo em conta a opção metodológica subjacente a esta investigação e, tal como para qualquer outro ato de investigação, é necessário pensar em diferentes instrumentos e técnicas de recolha de dados. Logo, antes de se proceder à mesma, os instrumentos e as técnicas devem ser cuidadosamente selecionados e elaborados, tendo em atenção os objetivos da investigação que se pretendem atingir.

Segundo De Ketelle & Roegiers (1993, p. 17), a recolha de informações pode, desde já, ser definida como "(…) o processo organizado posto em prática para obter informações junto de múltiplas fontes, com o fim de passar de um nível de conhecimento ou de representação de uma dada situação, no quadro de uma ação deliberada cujos objetivos foram claramente definidos e que dá garantias de validades suficientes".

Nesta investigação, as notas de campo, as observações, o inquérito por questionário e a entrevista semiestruturada foram considerados os instrumentos mais importantes de recolha de dados. Os inquéritos por questionário foram aplicados a 19 alunos da turma do 2º ano do 1ºCEB de modo a recolher opiniões e

informações sobre a utilização do computador/Internet, a entrevista semiestruturada foi realizada às quatro professoras titulares da escola, incluindo a Orientadora Cooperante. Para finalizar, as notas de campo foram bastante importantes, para registar observações, comentários, atitudes, reações e comportamentos dos alunos nas diferentes atividades propostas nas aulas. É também importante referir que, as reflexões realizadas no final da aula juntamente com a Orientadora Cooperante e o Par Pedagógico, ajudaram a tirar conclusões sobre as atividades propostas.

Em suma, na presente investigação foram utilizados três diferentes instrumentos de investigação: a observação participante (e as respetivas notas de campo), o inquérito por questionário e a entrevista.

5.1. Documentos Oficiais

Nesta investigação foi atribuída bastante importância à análise do manual escolar e ao programa do 1º Ciclo do Ensino Básico. Entende-se por documentos oficiais: fichas de trabalho, horários, legislação, manuais escolares, ofícios, planificações, registos de avaliação, entre outros.

5.2. Observação Participante

Na opinião de Ludke e André (1986), a observação é um dos instrumentos básicos para a recolha de dados na investigação qualitativa. Na verdade, é uma técnica de recolha de dados, utilizando os sentidos, de forma a obter informação de determinados aspetos da realidade. Obriga o investigador a um contacto mais direto com a realidade, ajudando-o a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam o seu comportamento (Lakatos & Marconi, 1990; Santos 1999, 2002).

De acordo com Alvarez (1991) "(…) a observação é o único instrumento de pesquisa e de recolha de dados que permite informar o que ocorre de verdade, na situação real". Deste modo, através da observação o investigador pode retirar possíveis dúvidas que possam ocorrer no decurso da investigação.

A observação participante pode ser avaliada como:

> *"O processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquele grupo"* (May, 2001, p. 177)

Durante a investigação, a observação foi participante, pois foi realizada com contato direto, frequente e prolongado do investigador, com outros indivíduos, dentro dos seus contextos, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa. Bogdan e Taylor (1975) definiram observação participante como uma investigação caracterizada por interações sociais intensas, entre investigador e sujeitos, no seu meio, sendo um procedimento durante o qual os dados são recolhidos de forma sistematizada.

5.3. Notas de Campo

Tuckman (2000, p. 523) refere que numa investigação qualitativa, a observação visa estudar o ambiente através de um esquema geral para nos orientar e que o rendimento dessa observação é registado em notas de campo.

As notas de campo, também muito utilizadas na metodologia qualitativa, aplicam-se nos casos em que se pretende estudar as práticas educativas no seu contexto sociocultural e caracterizam-se pela sua flexibilidade e abertura ao improviso e que têm uma relação direta com a observação participante.

Bogdan e Bilken (1994, p. 150) referem que essas notas são "(…) o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo".

Este tipo de recolha de dados constitui uma ferramenta preciosa no âmbito da investigação, uma vez que se vai registando anotações obtidas nas observações e que estas compilam informações sobre o objeto e o próprio processo investigativo. Na presente investigação, são incluídos os dados recolhidos junto da Orientadora Cooperante e do «Par Pedagógico» no final de cada uma das sessões de intervenção a fim de poderem completar as notas de campo recolhidas pelo investigador.

No caso de o investigador ser um observador-participante, alguns autores (Yin, 1994; Merriam, 1995), alertam para esse risco, mas também para as excelentes oportunidades que esse papel pode proporcionar.

5.4. Trabalhos Realizados pelos Alunos

Para complementar as informações recolhidas pela observação participante e pelas notas de campo, os trabalhos realizados pelos alunos constituíram uma outra fonte de recolha de dados, que permitiu revelar aspetos novos, sendo, por isso, uma técnica de recolha de informação necessária em qualquer investigação.

5.5. Inquérito por Questionário

Esta técnica será aplicada numa etapa inicial, de forma a perceber as diversas conceções que os alunos possuem relativamente ao tema da investigação. Numa etapa

final, será novamente, aplicado um questionário para detetar eventuais mutações relativamente à perspetiva que possuíam no início e na sequência de uma utilização prática e efetiva da Internet em contexto de sala de aula no seio do processo ensino/aprendizagem. Recorrendo ao método dos 3 juízes, estes questionários serão previamente validados e, numa fase posterior, aplicados aos alunos com o intuito de na fase final da recolha de todos os dados haja melhores condições para uma triangulação dos dados.

Pardal & Correia (1995) defendem que o questionário é um conjunto de questões estruturadas com o fim de obter dados das pessoas a quem se dirige. A utilização deste instrumento de investigação é muito útil quando um investigador pretende recolher informação sobre um assunto, logo, através da aplicação de um questionário a um público-alvo, neste caso a uma turma do 1ºCEB, é possível recolher informações fidedignas que enriquecerão a investigação.

É importante ter em conta as habilitações do público-alvo a quem o questionário vai ser administrado. É necessário ser cuidadoso na forma como se formulam as questões, assim como na apresentação do questionário, ou seja, o conjunto de questões deverá ser bem organizado e conter uma forma lógica para quem o responde. Neste sentido, as questões devem ser desenvolvidas tendo em conta três princípios básicos: o princípio da clareza, o princípio da coerência e o princípio da neutralidade.

Numa fase inicial, foi criado um pré-questionário (Apêndice A), que foi validado recorrendo-se ao «Método dos Juízes», que incluíram uma especialista em Ensino do 1º Ciclo (Orientadora Cooperante) e um especialista em TIC (Doutor Paulo Silveira). Após a validação, sucederam-se as modificações sugeridas pelos especialistas, procedendo-se à produção do questionário concludente (Apêndice B), que foi aplicado. O questionário é constituído por diferentes blocos, no sentido de se recolherem opiniões relacionadas com os objetivos da investigação: «Bloco I – A tua identificação»; «Bloco II – As Tecnologias da Informação e da Comunicação no teu dia-a-dia»; «Bloco III - As Tecnologias da Informação e da Comunicação na tua Escola».

De acordo com Freixo (2009, p. 197): "O investigador utiliza o questionário com o intuito de obter informações que lhe permita confirmar ou infirmar uma ou várias hipóteses de investigação".

5.6. Entrevista Semiestruturada

Para Pereira (2011), a entrevista semiestruturada aproxima-se mais duma conversação (diálogo), focada em determinados assuntos, do que duma entrevista formal. Baseia-se num guião de entrevista adaptável e não rígido ou pré-determinado. A vantagem desta técnica é a sua flexibilidade e a possibilidade de rápida adaptação. A entrevista pode ser ajustada quer ao indivíduo, quer às circunstâncias. Ao mesmo

tempo, a utilização dum plano ou guião contribui para a reunião sistemática dos dados recolhidos.

Normalmente, a entrevista semiestruturada inicia-se com tópicos gerais, a que se seguem perguntas utilizando "O quê?", "Porquê?", "Quando?", "Como?" e "Quem", devendo deixar-se que a conversação decorra de modo fluido. Apesar de o entrevistador poder ter as perguntas previamente preparadas, a maioria das perguntas geram-se à medida que a entrevista vai decorrendo, permitindo quer ao entrevistador, quer à pessoa entrevistada a flexibilidade para aprofundar ou confirmar, se necessário. A entrevista semiestruturada pode ser planeada ou acontecer espontaneamente. Pode permitir a recolha de muitos e importantes dados, podendo gerar informação quantitativa e qualitativa.

Bogdan e Biklen (1994, p. 134) defendem que a técnica que envolve a realização de entrevistas:

> *"(…) é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem da própria pessoa, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo".*

Neste estudo, para a aplicação da entrevista semiestruturada, foi criado um guião no sentido de se promover o encadeamento e uma coerência interna relativamente aos dados que se pretendiam recolher. Esta técnica viabilizou um ajuste da entrevista ao entrevistado e a uma melhor flexibilidade perante a análise das questões. Neste sentido, esta técnica de recolha de dados qualitativos possui uma flexibilidade de adaptação ao individuo que está a ser entrevistado e ao contexto, uma vez que possui um guião que é ajustável.

As entrevistas foram efetuadas à Orientadora Cooperante e a três professoras titulares de turmas do 1ºCEB, como forma de saber qual a sua opinião relativamente às TIC na educação, à segurança dos alunos do 1ºCEB na Internet e o contributo da Internet no processo de ensino/aprendizagem. Depois de realizadas as entrevistas, passou-se à sua transcrição. Posteriormente, foi efetuada a transcrição das mesmas, preservando-se ao máximo a fidedignidade das respostas dadas. Numa fase posterior, procedeu-se à análise de conteúdo.

Tendo em consideração as respostas obtidas através da realização das entrevistas, foi possível selecionar as frases que, de acordo com os objetivos propostos se revelaram mais significativas. A partir destas, foram construídas tabelas de forma a organizar os dados em unidades de conteúdo (Apêndice H). Com este método, pretendeu-se simplificar o discurso, através da utilização de menos vocabulário, optando por palavras mais simples. A transformação do discurso em terminologia mais clara e mais curta realizou-se através do levantamento e análise da presença ou

ausência de ocorrências que traduzem um significado relevante perante os objetivos delineados. Concluída a definição das unidades de conteúdos, procedeu-se à enumeração dessas mesmas unidades.

5.7. Análise de Conteúdo

Após a transcrição, na íntegra, das entrevistas, procede-se à sua análise de conteúdo. A análise de conteúdo é um instrumento que permite ao investigador estudar o comportamento humano de forma indireta, através da análise das suas comunicações. Para Fraenkel e Wallen (2008), geralmente são analisados os conteúdos escritos de uma comunicação, mas, por exemplo, uma imagem ou um som podem ser foco de uma análise de conteúdo.

Genericamente, Denscombe (1998) descreve este instrumento como um recurso que ajuda o investigador a analisar o conteúdo de documentos, podendo ser aplicado em qualquer conteúdo de comunicação, reproduzida através de escrita, som ou imagem.

Para executar uma análise de conteúdo, o investigador necessita organizar uma amostra considerável de material. Fraenkel e Wallen (2008) sugerem que é através do desenvolvimento de um sistema de categorias que o investigador pode usar para posterior comparação de forma a aclarar o que se está a investigar.

5.8. Triangulação dos Dados

Uma das formas de assegurar a validade interna é através do recurso à triangulação dos dados. A triangulação também nos permite avaliar a fiabilidade duma investigação. A triangulação consiste em combinar dois ou mais pontos de visa, fontes de dados, abordagens teóricas ou métodos de recolha de dados numa mesma pesquisa para que possamos obter como resultado final um retrato mais fidedigno da realidade ou uma compreensão mais completa do fenómeno a analisar.

A maior diversidade e integração de métodos produz uma maior confiança nos resultados (Santos, 1999, 2002). De acordo com Denzin (1970), citado em Merrian (1998), a racionalidade desta estratégia reside no facto de se poder atingir o melhor de cada um dos métodos, pois que os defeitos de um método são, muitas vezes, os pontos fortes de outro, pelo que a combinação de métodos permite que se ultrapasses as suas deficiências específicas. Desta forma, optando por uma investigação qualitativa com abordagem multimetodológica, utilizar-se-ão como técnicas de recolha de dados a observação participante (notas de campo; orientador cooperante e «Par Pedagógico»; trabalhos realizados pelos alunos), a análise documental, inquérito por questionário e a entrevista semiestruturada.

Assim, nesta investigação analisou-se, separadamente, em primeiro lugar, os dados recolhidos através dos instrumentos de recolha enumerados atrás e, de

seguida, triangularam-se todos os dados obtidos, com o intuito de agrupar os resultados, por variável.

6. Procedimentos de Análise de Dados

Em primeiro lugar, terá que ser solicitada a autorização ao responsável da escola onde será efetuada a investigação e elaborar as declarações que permitirão realizar o estudo. Os questionários são elaborados de forma clara e objetiva de modo a deixar percetível o que se pretende de acordo com os objetivos da investigação.

Berelson (1952, 1968), citado por Carmo e Ferreira (1998, p. 251), definiu análise de conteúdo como "(…) uma técnica de investigação que permite fazer uma descrição objetiva, sistémica e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tendo por objetivo a sua interpretação". Stone (1966), citado por Carmo e Ferreira (1998, p. 251), apresenta outra definição referente ao mesmo conceito em causa afirmando que se trata de "(…) uma técnica que permite fazer inferências, identificando objetiva e sistematicamente as características específicas da mensagem".

Do mesmo modo, Godoy (1995), propõe que a utilização da análise de conteúdo prevê três fases fundamentais: pré-análise, exploração do material e análise de conteúdo: tratamento de resultados. A pré-análise pode ser identificada como uma fase de organização, onde existe o primeiro contacto com os documentos (documentos estes que são mais promissores para se analisar o problema), objetivos da pesquisa, algumas hipóteses provisorias. A segunda fase, relaciona-se com a exploração do material que é o cumprimento das decisões tomadas anteriormente. Como terceira fase, a análise de conteúdo apoia-se nos resultados significativos e válidos que deve ir além do conteúdo manifesto dos documentos. Ainda para Olabuenaga & Ispizua (1989) referido por Moraes (1999), a análise de conteúdo em vertente qualitativa, parte de uma série de pressupostos. Mas esta série de pressupostos nem sempre é manifestada e o seu significado não é único, podendo ter diferentes perspetivas. Desta forma, aconselha-se este método para permitir analisar as motivações, as atitudes, os valores, as crenças e as tendências dos participantes do estudo (Bardin, 2004).

Em suma, a investigação deve seguir uma metodologia rigorosa, implicando que o investigador seja capaz de definir o problema, construir hipóteses, recolher dados, aplicar ou adaptar instrumentos e, como é claro, tratar e interpretar os dados recolhidos. Tratando-se de uma investigação-ação, esta fase é considerada de particular importância, porque é através dela que se permitem recolher inferências e uma reflexão crítica que leva a uma melhoria e à reformulação dos comportamentos e das intervenções.

7. Princípios Éticos

É igualmente importante referir que a investigação em causa seguiu todos os procedimentos éticos necessários. Anteriormente à realização da investigação propriamente dita, existem princípios éticos dos quais nunca deverão ser descorados. O investigador deve respeitar esses princípios. Uma conduta ética está profundamente ligada à relação que se estabelece no campo de investigação. Para o efeito, foram pedidas autorizações ao Agrupamento para a realização desta investigação. Bell (2010), citando Blaxter et al (1996), sumariam da seguinte forma os princípios da ética da investigação:

> *"Uma investigação conduzida de forma ética envolve o consentimento informado das pessoas que vão ser entrevistadas, questionadas, observadas, ou ainda junto de quem vão ser recolhidos materiais. Fazem parte do processo os acordos relativos ao uso dos dados e à forma como a sua análise vai ser comunicada e difundida. Uma vez alcançados, tem a ver com respeitá-los."*

No decorrer desta investigação, foram tidos em conta os seguintes princípios éticos:

- Garantia do anonimato dos intervenientes com codificação dos nomes;
- Garantia da salvaguarda dos direitos, interesses e sensibilidades dos alunos.

Capítulo IV — Apresentação, Análise e Tratamento de Dados

Neste capítulo são apresentados os dados recolhidos durante a investigação realizada, a sua análise e o tratamento dos mesmos. Como tal, importa esclarecer acerca de como são organizadas as referidas informações neste capítulo. Em primeiro lugar, encontram-se devidamente explicadas e fundamentadas as duas sessões de intervenção ao nível da PES 1ºCEB e, em seguida, é dada a conhecer a análise dos dados do inquérito por questionário feito aos alunos, bem como do inquérito por entrevista aplicado às professoras participantes no estudo.

1. Análise das Sessões de Intervenção

A investigação pretende averiguar quais as implicações, em termos comparativos, na utilização da Internet (recurso digital) e do manual escolar (recurso analógico) no processo de ensino/aprendizagem ao nível do 1ºCEB.

Quando se deu início à PES, foi essencial compreender até que ponto o computador com acesso à Internet seria um recurso tecnológico utilizado em contexto educativo. Após o *feedback* recolhido a este nível, dado a sua utilização não se verificar, foram propostas estratégias metodológicas para promover essa mesma utilização e, assim, permitir comparar práticas de ensino/aprendizagem através do manual escolar e da utilização da Internet.

Este estudo foi implementado em quatro sessões, de acordo com a calendarização proposta no âmbito da PES 1ºCEB. As intervenções tiveram uma duração de 90 minutos cada. Não houve dias específicos para implementar as atividades, houve somente a preocupação de implementá-las de acordo com o tema da semana e com calendarização e os objetivos aprovados pela Orientadora Cooperante. Deu-se prevalência a cada um dos recursos de forma bem distinta. Em primeiro lugar, os conteúdos eram abordados pelo investigador. Seguidamente, os alunos usavam o manual escolar para aplicarem os seus conhecimentos com várias atividades sobre o tema em questão e, posteriormente, usavam a Internet para complementar/continuar o estudo dos mesmos conteúdos e estabelecer aqui uma comparação entre o uso dos dois tipos de recursos.

As sessões de intervenção foram divididas em quatro fases: duas com recurso ao manual e outras duas com recurso à Internet. Segue-se a Tabela 6 que explica a organização das fases mencionadas:

Tabela 6 - Divisão das Sessões de Intervenção

Data	Recurso
24 de novembro de 2015	Manual (recurso analógico)
25 de novembro de 2015	Internet (recurso digital)
9 de dezembro de 2015	Manual (recurso analógico)
10 de dezembro de 2015	Internet (recurso digital)

Antes de ter dado início à investigação teve-se o cuidado de conhecer a turma bem como os seus interesses, de modo a compreender quais estratégias que poderiam vir a ser adotadas. Desde o início da PES que a turma investigada se mostrou determinada, disponível e disposta para realizar as atividades e adquirir novas aprendizagens.

1.1. Primeira Sessão de Intervenção: 24 e 25 de novembro de 2015

A primeira fase de intervenção foi realizada no campo de ação da área curricular de estudo do meio, nos dias 24 e 25 de novembro de 2015. Esta foi tardia, visto que, inicialmente houve uma ambientação ao contexto e foram estudadas quais as melhores atividades e estratégias para desenvolver nesta investigação. Assim sendo, com o desenrolar da PES, foi-me dado a conhecer quais as motivações das crianças e qual o papel que poderiam representar as TIC e, em particular, a utilização da internet em contexto educativo.

Esta sessão esteve inserida na unidade temática «Hábitos de Higiene» e consistiu numa atividade de abordagem em contexto didático, cuja finalidade era dar a conhecer e aplicar as normas de higiene do corpo, no vestuário e dos espaços de uso coletivo. Os objetivos a atingir estão apresentados na tabela seguinte (Tabela 7):

Tabela 7 - Matriz da planificação didática referente à área curricular do estudo do meio

ESTUDO DO MEIO					
Blocos	*Conteúdos*	*Objetivos específicos*	*Descritores de desempenho*	*Atitudes, valores e normas*	*Avaliação*
À descoberta de si mesmo	A saúde do seu corpo	Conhecer e aplicar normas de higiene: higiene do corpo (hábitos de higiene diária); higiene do vestuário; higiene dos espaços de uso coletivo (habitação, escola, ruas...). Identificar alguns cuidados a ter com a visão e a audição (não ler às escuras, ver televisão a uma distância correta, evitar sons de intensidade muito elevada...). Reconhecer a importância da vacinação para a saúde.	Conhece e aplica normas de higiene: higiene do seu corpo (hábitos de higiene diária); higiene do seu vestuário; higiene nos espaços de uso coletivo (habitação, escola, ruas...). Identifica alguns cuidados a ter com a sua visão e a sua audição (não lê às escuras, vê televisão a uma distância correta, evita sons de intensidade muito elevada...). Reconhece a importância da vacinação para a sua saúde.	Apresenta de forma limpa e organizada os seus trabalhos. Escuta com atenção as indicações dadas. Participa com interesse e entusiasmo. Participa quando solicitado. Respeita a sua vez de falar e a dos outros. Respeita o silêncio dentro da sala de aula.	Diagnóstica através do diálogo e da observação. Formativa: verificar o conhecimento dos alunos ao corrigir os exercícios no quadro, na folha de trabalhos, nos manuais e no guião de atividades.

Em seguida, são apresentadas as atividades concretizadas durante a primeira semana de intervenção, com integração das várias áreas disciplinares (português, matemática, estudo do meio e expressões):

Guião Semanal de Atividades

Unidade Temática: Hábitos de higiene.

Tema integrador: A higiene do corpo e dos espaços de uso coletivo.

Elementos Integradores: Reta numérica graduada. Acentos gráficos (agudo, grave, circunflexo) e o til.

Atividades:

- Leitura, análise e interpretação do texto «Hábitos de higiene».
- Atividades de cálculo utilizando uma reta numérica graduada.
- Comparação da adição de números naturais, até 1000, utilizando os sinais < e >.
- Escrita de números por ordem crescente e decrescente, utilizando os sinais < e >.
- Diálogo com os alunos sobre as normas de higiene do corpo (hábitos de higiene diária), a higiene do vestuário e a higiene dos espaços de uso coletivo (habitação, escola, ruas…).
- Resolução de problemas de um ou dois passos envolvendo situações de juntar, acrescentar, retirar, comparar e completar.
- Leitura do poema «O acento do avô e da avó» de Tárcio Costa.
- Atividades com acentos gráficos (agudo, grave, circunflexo) e o til.
- Pesquisa na Internet sobre hábitos de higiene.
- Leitura de um excerto do texto «Tudo ao contrário» de Luísa Ducla Soares.
- Atividades com antónimos e sinónimos.

Esta sessão de intervenção esteve dividida em duas fases: a primeira com recurso ao manual e a segunda com recurso à Internet. De seguida, são apresentadas detalhadamente as atividades feitas através do manual na primeira fase de intervenção (Tabela 8):

Tabela 8 - Atividades e procedimentos da primeira sessão de intervenção (recurso analógico)

Atividades	Procedimentos
1. Higiene do corpo	1.1. Diálogo com os alunos sobre as normas de higiene do corpo (hábitos de higiene diária), a higiene do vestuário e a higiene dos espaços de uso coletivo (habitação, escola, ruas…) 1.2. Observação de imagens que ilustram alguns hábitos de higiene e legendá-las com as regras que são indicadas no manual: 1. Toma banho todos os dias e veste roupa lavada. 2. Penteia o cabelo depois do banho e corta as unhas com regularidade. 3. Lava as mãos antes das refeições e os dentes depois das refeições. 4. Não uses roupa e sapatos apertados para poderes movimentar-te à vontade.
2. Higiene do corpo	2.1. Realização de um debate sobre os cuidados que todos devemos ter para proteger os órgãos dos sentidos a partir da observação das imagens e da leitura das frases do manual: 1. Ler com fraca luz prejudica a visão. 2. Ouvir música com som muito alto prejudica a audição. 2.2. Ilustração e legenda, num espaço em branco do manual, outros cuidados a ter com os órgãos dos sentidos.
3. Higiene dos espaços de uso coletivo	3.1. Observação das imagens e diálogo com os colegas sobre a forma de colaborar na escola, em casa, e nos espaços públicos para manter os espaços limpos e saudáveis: 1. Na escola, colabora na reciclagem. 2. Em casa, ajuda a aspirar o pó. 3. Na rua, coloca o lixo nas papeleiras. 4. Não estragues as plantas dos jardins. 5. Descarrega sempre o autoclismo, depois de utilizares a casa de banho. 6. Em casa e na escola, arruma o material que utilizares.

Os alunos corresponderam às expetativas com os resultados esperados para este tipo de atividades. Foram participativos quando solicitados, resolveram as atividades de forma autónoma e pediam ajuda apenas para confirmar se as suas respostas estariam corretas. No decorrer das atividades utilizaram o manual como um complemento relativamente aos conteúdos que eram discutidos. À medida que os conteúdos eram abordados, alguns alunos iam respondendo às atividades do manual sem ter sido solicitado, de forma autónoma, sempre que sentiam necessidade para esse efeito, podendo inferir-se que a presença deste recurso é muito significativa na sala de aula, dada a grande frequência da sua utilização. Esta turma manuseava o manual com grande à vontade e sabiam quais as atividades que iam ser feitas com base no que ouviam.

C: "Já sei onde é, é nesta página aqui!"

Em termos gerais, o manual pode ser considerado como um recurso de referência para estes alunos tendo em conta o facto do mesmo estar já muito enraizado nas suas rotinas levando-os a fazer uma utilização quase 'automática'. No mesmo sentido, a Orientadora Cooperante também manifestou uma opinião idêntica ao que foi permitido observar pelo investigador:

> *Orientadora Cooperante: "Os alunos já sabem como o processo se desenrola. Eles estão habituados a utilizar o manual para fazerem as atividades. Nem é preciso dizer nada… eles sabem quais são as páginas e quais são as atividades. Do que observei, o comportamento deles foi o esperado e tudo correu dentro da normalidade… os objetivos foram atingidos e eles aprenderam o que estava previsto."*

No mesmo sentido, o Par Pedagógico também emitiu uma opinião semelhante ao afirmar que os alunos têm uma grande facilidade na utilização do manual na realização das atividades:

> *Par Pedagógico: "Consegue ver-se que o manual é fundamental para os alunos e eles dominam-no muito bem… os objetivos foram atingidos e eles conseguiram resolver as atividades propostas."*

Na segunda fase desta intervenção, que decorreu no dia 25 de novembro de 2015, procedeu-se, então, à utilização da Internet para efeitos comparativos, ainda na mesma temática da área curricular de estudo do meio. Tendo como base as atividades abordadas em contexto didático com recurso ao manual, foi distribuída uma folha (Apêndice I), por cada um dos alunos, com uma tabela dividida em duas colunas denominadas de 1. 'Hábitos de Higiene Pessoal' ('Higiene corporal'; 'Higiene no vestuário' e 'Higiene na alimentação'); 2. 'Hábitos de Higiene Coletivo' ('Na sala de aula / biblioteca'; 'Em casa' e 'Espaços públicos').

O objetivo desta tabela consistia em ser preenchida na sua totalidade com o recurso à Internet, mas como o número de alunos presentes neste dia totalizava 19 crianças e os computadores da biblioteca com acesso à Internet eram apenas seis os que se encontravam operacionais, teve-se que se acrescentar mais atividades com o objetivo de ocupar as crianças enquanto esperavam pela sua vez para utilizar o computador/Internet, obtendo informações através de livros e da visualização de um vídeo). Antes de levar a turma para a biblioteca, foram explicados os objetivos da atividade, como deveriam estar na biblioteca, por onde se deviam deslocar e, no que diz respeito à pesquisa na Internet, foram indicados os sítios que tinham de abrir e quais os procedimentos para o preenchimento da folha de pesquisa. A maioria da

turma demonstrou muito interesse em utilizar os computadores, e quando souberam que iam utilizar a Internet ficaram muito empolgados. Muitos comentaram ser algo que gostariam muito de fazer na escola, mas que nunca tinha acontecido:

A: "Boa! Que fixe... vai ser aqui na sala?"

M: "Queria mesmo usar os computadores, gosto muito!"

T: "Eu já sei mexer na Internet, devíamos poder usá-la todos os dias."

A pesquisa na Internet limitou-se a sítios previamente selecionados que estivessem relacionados com o tema desta unidade. É importante referir que o investigador fez uma pesquisa anterior sobre a temática e, em particular, relativamente aos objetivos a atingir pelos alunos. Para o efeito, foram selecionados sítios em língua portuguesa e com informações cujo teor se encontra adaptado à faixa etária (linguagem simples). No mesmo sentido, foi também uma preocupação que para cada informação houvesse uma ilustração correspondente. Na opinião de Gil (2001, p.2), "muitas das vezes não se tem muito a certeza de quem é o autor ou o responsável do site e daí a falta de conhecimentos que nos permitam aferir o rigor e até a própria veracidade da informação aí contida." A título de exemplo, apresentam-se as páginas iniciais de cada sítio que foi explorado e que correspondem às figuras 9, 10 e 11:

Figura 9 - Vista principal do blogue 'Hábitos de Higiene'

O sítio *www.habitos-de-higiene.blogspot.pt* (Figura 9) é um blogue criado por uma professora do 1ºCEB sobre hábitos de higiene. O blogue apresenta na sua vista principal uma pequena introdução sobre os hábitos de higiene. No topo dispõe de um menu de fácil navegação onde se podem escolher as informações pretendidas sobre

higiene na escola, higiene pessoal e higiene em casa. Os textos são acessíveis e de fácil compreensão às crianças do 1ºCEB e estão acompanhados de imagens que ilustram os vários hábitos de higiene mencionados ao longo dos textos.

Figura 10 - Vista principal do blogue 'Higiene Pessoal'

O sítio *www.higienepessoal.blogs.sapo.pt* (Figura 10) é um blogue sobre a temática dos hábitos de higiene direcionado a crianças do 1ºCEB, contendo uma linguagem bastante acessível e direta. Apresenta todas as informações relativas ao tema separadas pelos tópicos: 'Higiene pessoal'; 'Higiene corporal'; Higiene dentária'; 'Higiene genital'; 'Regras de uma boa prática de higiene' e 'Sugestões'. Os textos estão acompanhados por figuras que ilustram várias práticas de higiene e, também, contém alguns vídeos que veem ilustrar e complementar a informação sobre esta temática.

Figura 11 - Vista principal do blogue 'Educação para Saúde'

O sítio *www.mccandrade.no.sapo.pt/higienecorpo.htm* (Figura 11) faz parte de um projeto da Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos de Viatodos (Bragança) sobre educação para a saúde. O tópico sobre a higiene corporal que se encontra neste sítio tem uma linguagem bastante muito adequada a crianças do 1ºCEB e apresenta as informações acompanhadas por imagens associadas aos vários hábitos de higiene mencionados.

Como se pode depreender, tal como afirmado anteriormente, os sítios selecionados estão perfeitamente adequados ao público alvo, aos objetivos e aos conteúdos. Dois desses sítios são da autoria de professores o que, à partida, garante o enquadramento pedagógico e didático dos mesmos. Contudo, apenas um desses sítios não permitiu averiguar com clareza a sua autoria. Apesar de tudo, o conteúdo do sítio, tal como os anteriores, permite a sua utilização em contexto educativo.

Para crianças desta faixa etária (7 anos), muitos já mostravam alguma autonomia na utilização do computador, sabiam deslocar-se pelos sítios sem necessidade de muita ajuda e demonstravam interesse por estarem a participar numa atividade que também envolvia a sua deslocação para fora da sala. Como se tratava de uma tarefa individual, e para muitos era a primeira vez que faziam algo do género na escola, foi bastante difícil gerir tantas crianças divididas pelas três atividades, ao mesmo tempo. Ou seja, seis alunos, cada um em seu computador, mais seis alunos em atividades relacionadas com pesquisa em livros e os restantes seis alunos numa atividade que implicava a visualização de um vídeo. Enquanto dava apoio na tarefa principal, que era a pesquisa na Internet, os restantes acabaram por ter um comportamento muito desadequado numa biblioteca, associado a alguma indisciplina, por falta de apoio.

A atividade proposta teve como objetivo a realização de uma atividade (Apêndice I) atrás mencionada e que visava a utilização de três sítios da internet para a consecução da mesma.

O investigador, na sala de aula, fez uma apresentação e uma caracterização de cada um dos sítios que iriam ser utilizados pelos alunos. Havia a intenção do investigador em fazer a projeção de cada um dos sites na sala de aula, no entanto, tal não foi possível porque não existia projetor. Apesar desta situação poder ser considerada como um constrangimento, o investigador tentou aproveita-la no sentido de tornar o recurso digital em condições semelhantes às do manual. Contudo, o investigador teve sempre como intenção fazer um acompanhamento mais próximo dos alunos, no decorrer das atividades, para que se pudessem ultrapassar potenciais dificuldades técnicas.

Quando os alunos foram para a biblioteca e se sentaram nas mesas com os computadores, foi possível verificar-se um grande à vontade dos mesmos na manipulação deste recurso. É importante referir que o investigador tinha feito o download de cada um dos sítios em separadores distintos. Deste modo, bastava que o aluno selecionasse um separador, de cada vez, para aceder a cada um dos três sítios. Da observação realizada, verificou-se que os alunos começaram imediatamente a utilizar cada um dos sites 'instalados', sem se verificar qualquer tipo de dificuldade.

Foi possível ainda observar-se que eles 'saltavam' de sítio para sítio sempre que o entendiam e sempre que necessitavam. Apesar do investigador estar próximo de cada um dos alunos (seis alunos, um em cada computador) com a preocupação de poder esclarecer alguns aspetos de carácter técnico, os alunos apenas apresentaram dúvidas relativamente ao preenchimento da ficha de trabalho. Para o efeito, apresentam-se alguns dos comentários dos alunos, devidamente codificados:

A: "Os sítios são fixes… têm a informação toda."

D: "Eu já vi os três e já consegui encontrar o que queria."

H: "É muito fixe… assim é fácil! A matéria está lá toda."

P: "Com a Internet é fácil e mais giro, mas onde é que vou responder?"

Terminada a atividade na Internet pelo primeiro grupo de seis alunos, foi aplicada uma rotatividade com os outros dois grupos de alunos (seis na atividade com livros e seis na visualização de um vídeo). O que se notou foi uma certa frustração por parte do grupo que estava a utilizar o computador pelo facto de ter que o deixar. Pelo contrário, houve uma grande alegria e excitação por parte do grupo que ia iniciar as atividades com o computador. Alguns dos comentários dos alunos que deixaram a atividade do computador:

B: "Agora que estava tão contente e queria continuar a fazer mais…"

F: "Assim não vale! Quero mais."

G: "Eh… já acabou? Posso fazer outra?"

Em sentido contrário, apresentam-se alguns dos comentários dos alunos que iam começar a atividade no computador:

I: "Agora é que é bom!"

J: "Fixe, agora é que é com os computadores!"

L: "Até que enfim, estava a ver que nunca mais íamos para o computador."

Como se pode verificar, a utilização do computador/internet foi altamente motivadora para os alunos. Verificou-se que os alunos se mostravam mais concentrados e mais envolvidos na realização da atividade. Neste particular, o investigador não teve que encorajar os alunos, não teve que os motivar porque eles, por si só, se mostraram entusiasmados e com vontade para realizarem a atividade

que lhes foi proposta. Apesar do investigador estar alerta e de ter previsto algumas dificuldades na utilização do computador/internet, tal não veio a ocorrer pelo facto dos alunos terem mostrado possuir as competências básicas para a manipulação destes recursos digitais.

No final da primeira sessão de intervenção, a Orientadora Cooperante foi questionada acerca dos pontos positivos e negativos desta atividade. A mesma indicou que o facto de a turma ser muito grande e o número de computadores com acesso à Internet ser insuficiente para todos os alunos fez com que esta primeira sessão corresse menos bem (em termos comportamentais) e deu a sugestão de na próxima aula se dividir a turma em duas partes iguais e colocar dois alunos por computador.

> *Orientadora Cooperante: "Os objetivos e as atividades estavam adequadas e corretas e seria interessante utilizar a Internet porque podia ser mais motivador e mais interessante para os alunos. O que foi possível verificar. O problema foi mesmo a falta de computadores para todos… um professor sozinho a ter que controlar três atividades em simultâneo é muito difícil… e até compreendo a indisciplina e o comportamento dos alunos não ser, às vezes, o melhor. Mas o trabalho que todos fizeram com o computador na utilização da Internet pode ser considerada como muito boa."*

Em termos comparativos, foi notório o envolvimento entusiasmante das crianças por utilizarem um recurso que até então tinha sido escasso ou inexistente. Demonstraram uma grande aptidão ao utilizarem os computadores e na utilização dos recursos da Internet. Foi possível observar que o uso deste recurso é uma mais valia, pois para obterem as respostas os alunos tornam-se mais autónomos, tendo que procurar a informação com base na orientação que possuíam na folha de atividades que lhe foi entregue. De acordo com a observação realizada associada ao comportamento dos alunos quando utilizavam o computador/internet era visível o seu entusiasmo e o seu empenho na realização das atividades, podendo afirmar-se que a mudança para um suporte digital fez toda a diferença, uma diferença que se verificou na promoção de maiores índices de motivação. E, ao mesmo tempo, foi ainda possível verificar-se que houve um acréscimo na autonomia que os alunos demonstraram possuir quando utilizaram estes recursos digitais.

Em termos comparativos, relativamente à utilização do manual (recurso analógico) e à utilização da Internet (recurso digital) os resultados das aprendizagens dos alunos foram semelhantes, de acordo com a correção das respetivas fichas de trabalho. No entanto, pode-se afirmar que a utilização de um recurso digital trouxe uma mais-valia relativamente ao desempenho dos alunos nas atividades porque se destacaram as seguintes valências: motivação, envolvimento e autonomia. Pois,

enquanto que na utilização do manual o investigador sentiu a necessidade de estar mais próximo no sentido de orientar a atividade, na utilização da Internet tal não foi necessário porque os alunos estavam 'auto-orientados'. Pareceu que a Internet conseguia desencadear nos alunos um 'impulso' que gerava neles quase que forma automática a vontade em realizar as atividades porque iam manipular um recurso digital. Neste sentido, apresentam-se alguns comentários dos alunos que foram recolhidos:

> *L: "A mim não me custa fazer as atividades, mas no computador e com a Internet é muito mais fixe… gosto mesmo."*
>
> *M: "Eu fiz bem no livro e na Internet, mas gostei mais de fazer na Internet."*
>
> *P: "Se pudesse escolher, eu queria a Internet… é mais fixe. Mas também faço no livro."*

Neste contexto, a Orientadora Cooperante, no que diz respeito à comparação entre o manual e a Internet teceu os seguintes comentários:

> *Orientadora Cooperante: "Quando se comparam os dois recursos e tendo em conta os resultados… eles fizeram bem a atividade no livro e na Internet. O que se destacou mais foi o entusiasmo e, por isso, posso afirmar que os senti mais motivados. Depois… há aquela coisa… eles adoram os computadores, eles adoram a Internet… pareceu tudo bem mais fácil, nem foi preciso o professor estar mais em cima deles. Apesar de eu estar um pouco mais afastada das TIC… pouco as uso mas o que pude observar foi positivo."*

Na sessão seguinte foram adotadas medidas de melhoria sugeridas pela Orientadora Cooperante e que o investigador sentiu de modo a ultrapassar os obstáculos sentidos na primeira sessão que serão explicados no próximo subcapítulo. Visto tratar-se de uma investigação-ação, tornou-se importante a reflexão sobre as práticas no sentido de se promoverem e de se introduzirem alterações para que o processo possa ser melhorado e estar mais adequado aos contextos (alunos, investigador, recursos).

1.2. Segunda Sessão de Intervenção: 9 e 10 de dezembro de 2015

A segunda sessão de intervenção foi realizada nos dias 9 e 10 de dezembro e esteve inserida na unidade temática «As Profissões» (Apêndice K). Consistiu numa atividade de abordagem em contexto didático, cuja finalidade era saber identificar as

profissões e as suas respetivas funções sociais. Os objetivos a atingir são apresentados na tabela seguinte (Tabela 9):

Tabela 9 - Matriz da planificação didática referente à área curricular do estudo do meio

ESTUDO DO MEIO					
Blocos	*Conteúdos*	*Objetivos específicos*	*Descritores de desempenho*	*Atitudes, valores e normas*	*Avaliação*
À descoberta dos outros e das instituições	Modos de vida e funções de alguns membros da comunidade	Identificar profissões (merceeiro, médico, agricultor, sapateiro, operário, carteiro...). Contactar e descrever elementos da comunidade em termos de: idade; sexo; o que fazem; onde trabalham; como trabalham...	Identifica profissões (merceeiro, médico, agricultor, sapateiro, operário, carteiro...). Contacta e descreve elementos da comunidade em termos de: idade; sexo; o que fazem; onde trabalham; como trabalham...	Apresenta de forma limpa e organizada os seus trabalhos. Escuta com atenção as indicações dadas. Participa com interesse e entusiasmo. Participa quando solicitado. Respeita a sua vez de falar e a dos outros. Respeita o silêncio dentro da sala de aula.	Diagnóstica através do diálogo e da observação. Formativa: verificar o conhecimento dos alunos ao corrigir os exercícios no quadro, na folha de trabalhos, nos manuais e no guião de atividades.

Em seguida, são apresentadas as atividades concretizadas durante a segunda semana de intervenção, com integração das várias áreas disciplinares (português, matemática, estudo do meio e expressões):

Guião Semanal de Atividades

Unidade Temática: As profissões.

Tema Integrador: Modos de vida e funções de alguns membros da comunidade.

Elemento Integrador: Mapa da cidade do Alfa.

Atividades:

- Exploração do mapa da cidade do Alfa.
- Descoberta das profissões, das suas funções e do local onde se praticam.
- Diálogo sobre as profissões que estão a desaparecer e novas profissões e o motivo pelo qual acontece.
- Leitura, análise e interpretação do texto narrativo «Bombeiros» de António Torrado.
- Atividades de distinção entre Ah!, há e à. Completar frases com à e há.
- Resolução de problemas de um ou dois passos envolvendo situações de juntar, acrescentar e retirar.
- Aprendizagem das regras de construção de um texto para construir um sobre a profissão de bombeiro.
- Pesquisa na Internet sobre as profissões e a sua função social.

Esta sessão de intervenção esteve dividida em duas fases: a primeira com recurso ao manual e a segunda com recurso à Internet. De seguida, são apresentadas detalhadamente as atividades feitas através do manual na primeira fase de intervenção (Tabela 10):

Tabela 10 - Atividades e procedimentos da terceira sessão de intervenção (recurso analógico)

Atividades	Procedimentos
1. As profissões	1.1. Diálogo sobre as profissões, as suas funções e o local onde se praticam. 1.2. Os alunos fazem corresponder cada profissão à sua função: 1. Profissões: polícia; cozinheiro; atriz; enfermeiro; astronauta; motorista; agricultor; juíza. 2. Funções: conduz o camião; cozinha os alimentos; julga os suspeitos de crimes; cultiva a terra; representa no cinema ou no teatro; cuida dos dentes; explora o espaço; mantém a ordem e a segurança. 1.3. Os alunos escrevem, num espaço reservado no manual, o nome da profissão que gostaria de ter quando for adulto e as razões da sua escolha e ilustra-a. 1.4. Os alunos observam imagens de algumas instituições e selecionam a frase que corresponde ao serviço que cada uma presta: 1. Instituições: a escola; o centro de saúde; a biblioteca; a junta de freguesia; a polícia; os correios. 2. Serviços: presta cuidados de saúde; zela pela segurança dos cidadãos; manda executar obras nas ruas e nos jardins; assegura a educação dos cidadãos; assegura a distribuição de cartas, encomendas e outra correspondência; coloca à disposição das pessoas livros e outros meios de acesso à cultura.
2. Instituições e serviços que prestam	2.1. Diálogo sobre a profissão de bombeiro, as várias funções que presta e em que situações precisamos de os chamar. 2.2. Os alunos observam imagens de algumas instituições e assinalam as que existem na sua localidade. 1. Instituições: escola, centro de saúde; biblioteca; junta de freguesia; esquadra da polícia; correios. 2.3. Diálogo sobre as profissões que estão a desaparecer e novas profissões e o motivo pelo qual acontece.

Relativamente à utilização do manual, os alunos realizaram as tarefas com facilidade porque lhes foi proporcionado um mapa de uma cidade onde constavam várias profissões, para além do diálogo estabelecido entre professor-aluno. Estas duas situações complementaram-se de tal forma que tornou possível a resolução das atividades propostas no manual. Os alunos estavam mais participativos oralmente, mostravam-se mais interessados para dialogar com o professor e restantes colegas do que para fazer as atividades do manual. Os alunos resolveram as atividades sem ajuda embora fosse notória uma certa confusão na atribuição de determinadas funções a algumas profissões. Para estimular a participação dos mesmos recorria-se ao quadro e ao diálogo.

A segunda fase desta intervenção, decorreu no dia 10 de dezembro de 2015, procedendo-se, então, à utilização da Internet para efeitos comparativos ainda na mesma temática da área curricular de estudo do meio. Tendo como base as atividades abordadas em contexto didático com recurso ao manual, foi distribuída uma ficha de atividades (Apêndice J), por grupos de dois alunos, com quatro caixas cujos títulos eram os seguintes. «Profissões que nos ensinam»; «Profissões que contribuem para a nossa saúde e segurança»; «Profissões que nos fornecem alimentos» e «Profissões que nos prestam serviços úteis». O objetivo era pesquisar nos sítios previamente selecionado pelo investigador, profissões que se enquadravam dentro de cada um destes tópicos e escrevê-las dentro da caixa correta (profissão e função). Seguem-se os sítios onde puderam pesquisar estas informações (Figuras 12, 13 e 14) os quais, tal como no caso anterior, foram selecionados pelo investigador por incluírem informações adequadas aos conteúdos a serem explorados e, ao mesmo tempo, de acordo com os objetivos previstos para esse efeito:

Figura 12 - Vista principal do site 'Junior' sobre as profissões

Os sítios *http://junior.te.pt/escolinha/anosLista.jsp?p=2&d=em&t=apr* e *http://www.junior.te.pt/servlets/Jardim?P=QueFaz* (Figuras 12 e 13) é da autoria da

Texto Editora direcionado às crianças do Pré-Escolar, 1º e 2º CEB. Na parte correspondente ao 1ºCEB é possível encontrar a secção 'Aprender' todas as áreas curriculares do mesmo e nelas estão presentes alguns conteúdos como, neste caso específico, as profissões (estudo do meio). Todos os textos são apresentados com uma linguagem bastante acessível e acompanhados por imagens que ilustram os mesmos. Sendo este um sítio com características educativas, criado com esse objetivo específico, no entender do investigador, estavam acauteladas todas as questões relacionadas com um adequado enquadramento didático e pedagógico.

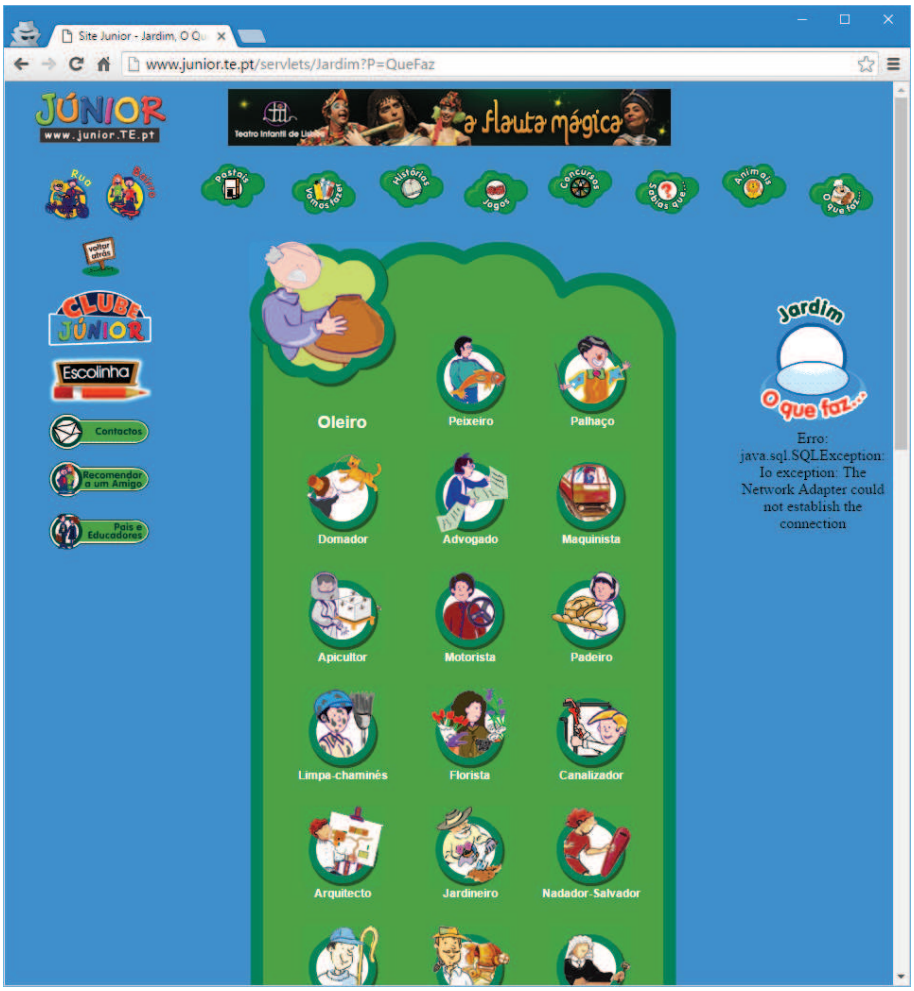

Figura 13 - Vista principal do site 'Junior' sobre as profissões

A figura 14 apresenta um ficheiro que foi criado num programa de apresentação eletrónica (Prezi) no formato de *slideshare*:

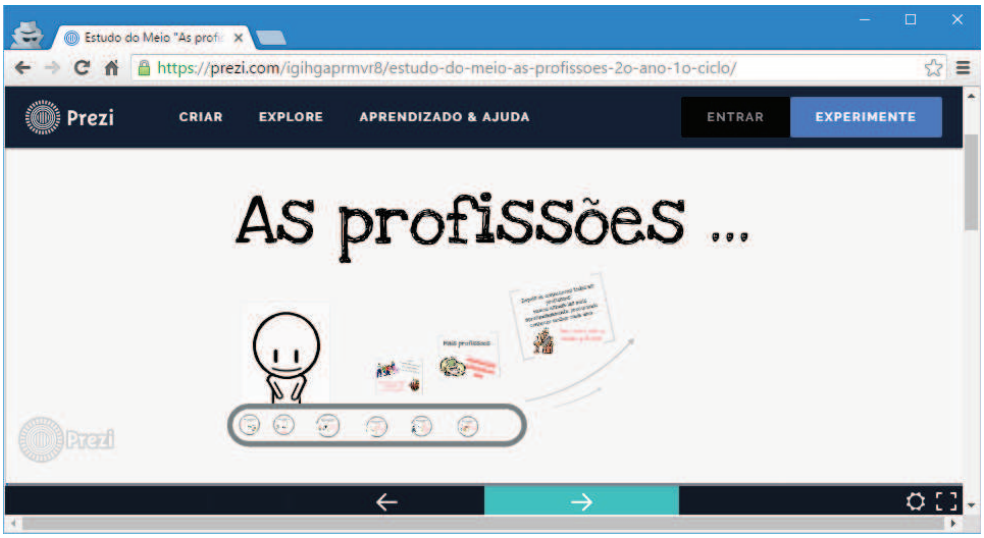

Figura 14 - Vista principal da apresentação Prezi sobre as profissões

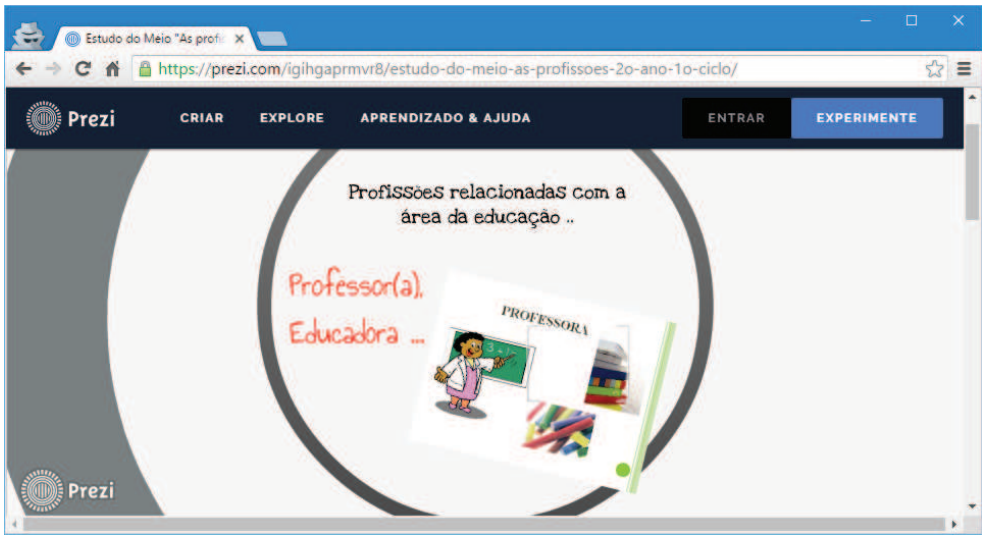

Figura 15 - Vista do interior da apresentação Prezi sobre as profissões

No sítio *https://prezi.com/igihgaprmvr8/estudo-do-meio-as-profissoes-2o-ano-1o-ciclo/*, estava disponível uma apresentação bastante divertida e intuitiva sobre as profissões para alunos do 2º ano do 1ºCEB, da autoria de uma professora do ensino básico Vilma Carriço. Para além de apresentar várias profissões, são apresentadas as suas funções e imagens ilustrativas para cada uma das mesmas.

A atividade proposta teve como objetivo a realização de uma atividade (Apêndice J) atrás mencionada e que visava a utilização dos dois sítios (apresentados anteriormente nas Figuras 12, 13 e 14) para a consecução da mesma. Como se pode inferir, tal como afirmado anteriormente, os sítios selecionados estão perfeitamente adequados ao público-alvo, aos objetivos e aos conteúdos. Os sítios das Figuras 12 e 13 são da autoria de uma editora de manuais escolares (Texto Editora), e o sítio da Figura 14 é uma apresentação criada por uma professora do 1ºCEB o que, à partida, garante o enquadramento pedagógico e didático dos mesmos.

Devido à ausência de um projetor na sala de aula, não foi possível ao investigador fazer a projeção de cada um dos sítios. Por isso, o investigador fez uma apresentação e uma caracterização, ainda na sala de aula, de cada um dos sítios que iriam ser utilizados pelos alunos. Apesar desta situação poder ser considerada como um constrangimento, o investigador tentou aproveitá-la no sentido de tornar o recurso digital em condições semelhantes às do manual. Contudo, o investigador teve sempre em consideração fazer um acompanhamento mais próximo dos alunos, no decorrer das atividades, para que se pudessem ultrapassar potenciais dificuldades técnicas.

Aquando da ida dos alunos à biblioteca, a turma foi dividia ao meio. Metade dos alunos ficaram na sala na presença do Par Pedagógico a fazer atividades relacionadas com o tema e a outra metade foi para a biblioteca, distribuindo os alunos em pares pelos computadores disponíveis. Esta alteração na organização dos grupos foi resultado de uma proposta da Orientadora Cooperante, com a concordância do investigador, dado que no contexto de uma investigação-ação é importante refletir sobre as práticas no sentido de melhorar as mesmas. Mais se acrescenta, que neste caso foi possível esta abordagem porque o Par Pedagógico assumiu o controlo de metade da turma, o que seria muito difícil de realizar se o investigador estivesse sozinho. Foi mencionado ainda na sala que ambos os membros do par poderiam fazer a consulta dos sítios em conjunto e um deles teria que anotar, obrigatoriamente, as respetivas informações recolhidas na ficha de trabalho. Contudo, e curiosamente, vários pares atribuíram estas tarefas de forma autónoma e equitativa perante ambos. Quer isto dizer, que os alunos surpreenderam o investigador pelo comportamento 'maduro' que evidenciaram ao conseguirem autorregular-se e auto-organizar-se de forma quase imediata. Uma vez mais, tal como já se tinha verificado na sessão anterior, a utilização do computador/Internet gerou nos alunos um comportamento que se manifestou num nível alto de concentração e de motivação. Questionados pelo investigador, alguns alunos responderam o seguinte:

> *B: "Eu faço a pesquisa sobre as profissões que ensinam e ela [par] escreve na folha… depois ela faz a pesquisa sobre esta aqui [Profissões que nos prestam serviços úteis] e eu escrevo…"*
>
> *M: "Eu quero pesquisar primeiro e a C escreve na folha… depois trocamos…"*

Foi possível notar um grande à vontade na manipulação deste recurso, como também se tinha verificado na sessão anterior. Como o investigador tinha feito o *download* de cada um dos sítios em separadores distintos, bastava aos alunos selecionarem um separador, de cada vez, para aceder a cada um dos dois sítios. Da observação realizada, verificou-se que os alunos começaram, sem qualquer tipo de dificuldade, a manipular cada um dos sítios 'instalados', sem se verificar qualquer tipo de dificuldade em alternar entre eles e na navegação dentro dos mesmos. Os alunos

'saltavam' de sítio para sítio sempre que entendiam e sempre que necessitavam. Apesar da proximidade do investigador junto de cada um dos alunos (dois alunos por computador) sempre com a preocupação de poder clarificar ou de complementar alguns aspetos de carácter técnico, os alunos apenas apresentaram dúvidas relativamente ao preenchimento da ficha de trabalho, respetivamente ao local onde deveriam colocar as profissões que iam encontrando. Ou seja, as situações vivenciadas foram muito semelhantes aquelas que ocorreram na sessão anterior. Neste particular, pode afirmar-se que a questão relacionada com o denominado 'efeito novidade' não interferiu. Por um lado, porque os alunos já tinham utilizado a Internet noutros contextos fora da sala de aula e porque na segunda sessão os comportamentos dos alunos foram bastante semelhantes aos da primeira sessão. Na sequência da observação realizada, são apresentados alguns comentários dos alunos:

> *A: "Eu já encontrei muitas profissões, mas não sei onde colocar algumas porque nunca ouvi falar delas. Assim é mais giro pesquisar a informação e gostei daquele que tinha as animações."*
>
> *E: "Dá mais gosto de fazer com a Internet… tem mais cor e é mais divertido. Com o computador gosto mais…"*
>
> *N: "Não sei quais são para meter aqui… são estas? Eu já encontrei as profissões que o professor queria, mas andei nos dois sites e até foi mais divertido."*

Terminada a atividade na Internet pelo primeiro grupo de alunos, foi aplicada uma rotatividade com os outros alunos que estavam na sala de aula a realizar atividades de sistematização de conteúdos já lecionados. Foi notório um certo desapontamento por parte do grupo que estava a utilizar o computador/internet pelo facto de ter que o deixar, como se poder constatar nos comentários feitos pelos alunos:

> *B: "Mas já? Fogo… queria ficar aqui mais um bocado!"*
>
> *P: "Eu estava a gostar tanto de estar aqui…"*
>
> *T: "Não quero ir embora, eu prefiro ficar aqui no computador. Deixe lá…"*

Em relação ao grupo que estava à espera da sua vez, houve uma grande alegria e excitação por iniciar as atividades com o computador. Alguns dos comentários dos alunos que iam começar a atividade no computador:

> *D: "Até que enfim, estava farto de estar na sala!"*

L "Tanto tempo à espera… pensava que nós não íamos para o computador."

Pode-se verificar, novamente, que a utilização do computador/Internet foi altamente motivadora para os alunos. Continuaram a mostrar-se concentrados e envolvidos na realização da atividade. Não foi necessário ao investigador encorajar os alunos nem motivar porque eles já se encontravam entusiasmados e com vontade em realizar a atividade que lhes foi proposta.

Em reflexão com a Orientadora Cooperante e com o Par Pedagógico, foi possível concluir-se que a atividade foi melhor planeada em relação à anterior, visto que nesta a distribuição dos alunos pelos computadores foi a mais adequada, permitindo que nesta nova organização os alunos pudessem partilhar conhecimentos, discutir, refletir e dividir tarefas. Com esta abordagem, foi possível verificar-se que a utilização do computador por um pequeno grupo de alunos pode fomentar um trabalho colaborativo e cooperativo. Em termos de motivação e de envolvimento, os níveis observáveis foram semelhantes ao da sessão anterior, tendo os alunos demonstrado uma grande facilidade em partilharem o computador/Internet. Relativamente a esta questão a opinião do Par Pedagógico foi a seguinte:

Par Pedagógico: "Durante esta atividade foi notório um maior entusiasmo por parte da turma como um todo. Conseguiste atrair a atenção dos alunos ao realizar as atividades ambicionadas. Mais uma vez, as atividades foram realizadas com sucesso. Foi bom ver como eles se organizavam e distribuíam as tarefas, alternando entre a utilização do computador e o registo na ficha."

No que diz respeito à opinião da Orientadora Cooperante, houve conformidade com o comentário dado pelo Par Pedagógico:

Orientadora Cooperante: "Foi importante o Ricardo ter dividido a turma ao meio, levando metade consigo para a biblioteca dando assim oportunidade aos alunos de explorar as suas capacidades informáticas e selecionarem a informação necessária para preencher a ficha de trabalho com maior concentração em relação às atividades anteriores... este trabalho em pequeno grupo resultou muito bem e, pelo que pude observar, o computador tanto pode vir a ser utilizado individualmente como em pequeno grupo… e o mais importante é que os alunos gostaram de utilizar a Internet num contexto educativo."

No final da segunda sessão de intervenção, a Orientadora Cooperante indicou ainda que esta sessão correu muito melhor que a primeira, que as crianças estavam muito mais motivadas e interessadas, e que a utilização da Internet proporcionou uma aprendizagem mais aprofundada e completa comparativamente à utilização feita com o manual:

> *Orientadora Cooperante: "Todo o contributo [da utilização das TIC] foi benéfico ao ensino/aprendizagem dos alunos em relação aos conteúdos abordados. O facto de estarem mais motivados… mais concentrados… muito mais envolvidos e motivados permite acrescentar que a Internet ganhou vantagem… apesar de também terem feito as atividades corretamente com o livro, com a Internet havia mais alegria, mais vontade em fazer a atividade."*

Concluindo, as atividades trabalhadas nestas sessões de intervenção permitiram retirar algumas conclusões, no sentido de se ter evidenciado por parte dos alunos uma preferência pela utilização do computador/Internet. As atividades exploradas conseguiram ser mais rentabilizadas onde a Internet surgiu como um complemento a este tipo de aprendizagem. Contudo, não foi um complemento 'neutro', bem pelo contrário, veio-se a demonstrar que utilizar este recurso digital, para além de motivar os alunos, torna-os mais autónomos e dinâmicos. Os alunos mostraram muito interesse por este tipo de tecnologias o que leva a pressupor que demonstram vontade em usar o computador para fins educativos. Como aspeto negativo, foi o facto de cada aluno não poder ter um computador com acesso à Internet, isto porque, o objetivo desta investigação era que todos os alunos tivessem tido a oportunidade de trabalhar individualmente com o computador/internet, em simultâneo, para que todos pudessem usufruir do mesmo tipo de recursos e com um ganho de tempo. Tal oportunidade foi difícil de proporcionar, visto que a escola não tem meios tecnológicos suficientes para tantas crianças. No entanto, foram criadas condições para que todos os alunos utilizassem o computador/internet, através de um sistema de rotatividade. Na comparação entre o manual e a Internet, em termos de aquisição de aprendizagens não houve diferenças significativas. No entanto, em termos de comportamento dos alunos as alterações foram evidentes, para melhor, quando utilizaram o computador/Internet, apresentando níveis de motivação, de envolvimento e de autonomia mais consistentes e mais elevados.

2. Análise dos Dados dos Inquéritos por Questionário

É importante reforçar a informação de que o inquérito aos alunos foi aplicado de forma a recolher informações acerca das opiniões e dos conhecimentos relativamente às TIC e de se recolherem dados relacionados com a avaliação que os alunos fizeram da utilização da Internet.

2.1. Bloco I: «A tua identificação»

O primeiro grupo do questionário aplicado aos alunos participantes na investigação contemplou a recolha de informações relacionadas com a idade e o sexo. No entanto, importa ressalvar que esses dados apenas serviram para facilitar a perceção da possibilidade de existir uma relação efetiva de causa-efeito entre o conhecimento que os alunos tinham previamente acerca das TIC. No decorrer da presente investigação essa informação foi sempre sujeita a uma codificação, para que os procedimentos éticos e legais inerentes à investigação não fossem, de forma alguma, postos em causa.

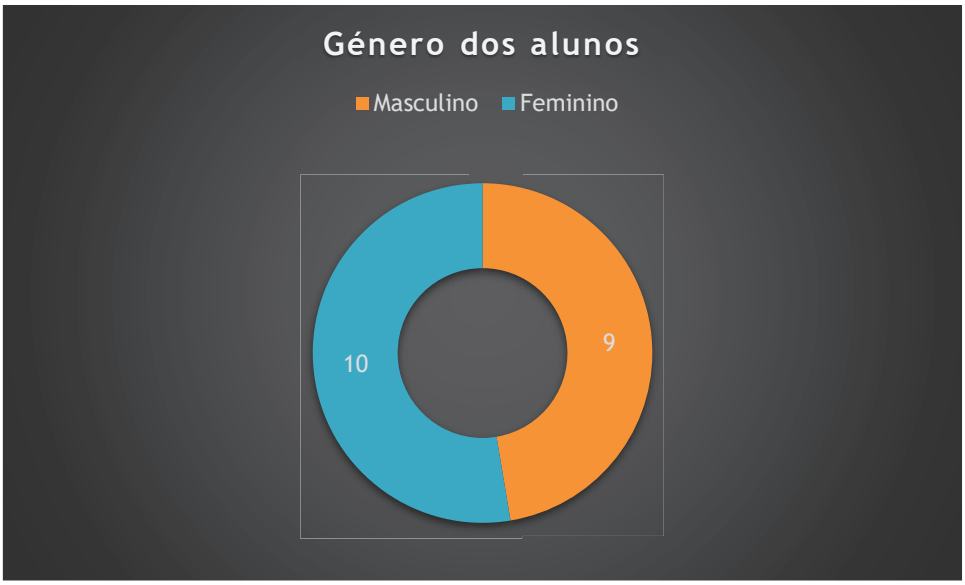

Gráfico 1 - Distribuição da variável género

Como tal, passando ao estudo dos dados recolhidos pelas respostas dos alunos ao inquérito por questionário proposto, este permitiu verificar que todos os alunos tinham 7 anos de idade, e no que diz respeito à variável género, como é possível observar no Gráfico 1, dos 19 alunos que deram resposta ao questionário, 47% dos eram alunos do sexo masculino e 53% do sexo feminino. O grupo tinha assim na sua composição aproximadamente o mesmo número de rapazes e de raparigas, não sendo a diferença expressiva.

2.2. Bloco II: «As Tecnologias da Informação e da Comunicação no teu dia-a-dia»

Este bloco pretendia, de forma mais pormenorizada, apurar até que ponto os alunos fazem uso do computador e, em caso afirmativo, qual a periodicidade com que tal acontece, em que local(ais), se costumam estar sozinhos ou acompanhados por alguém e quais as atividades que realizam com mais frequência no mesmo. No caso de não fazerem uso do computador também se procurou a razão de tal facto.

Assim sendo, a questão número 1 «Tens computador em casa?» obteve 19 respostas positivas, ou seja, a totalidade dos inquiridos respondeu 'sim'.

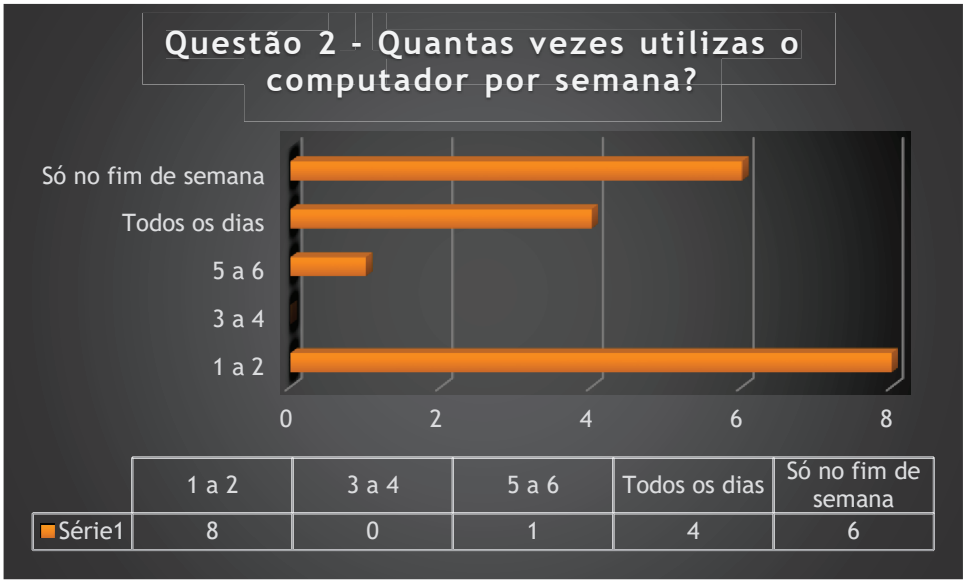

Gráfico 2 - Resultados para a questão «Quantas vezes utilizas o computador por semana?»

Destes 19 alunos, 42% afirmaram fazer uso do computador «1 a 2 vezes por semana», apenas 5% referiram utilizar «5 a 6 vezes por semana», 21% afirmaram utilizar «Todos os dias» e 32% «Só no fim de semana», conforme representa o Gráfico 2. De acordo com estes dados, pode-se afirmar que o computador já faz parte das rotinas dos inquiridos. No entanto, há um número relativamente significativo (32%) que faz uma utilização ao fim de semana o que poderá indiciar que essa utilização não é feita para fins educativos. Em termos globais, a utilização do computador é realizada, mas não segue um determinado padrão.

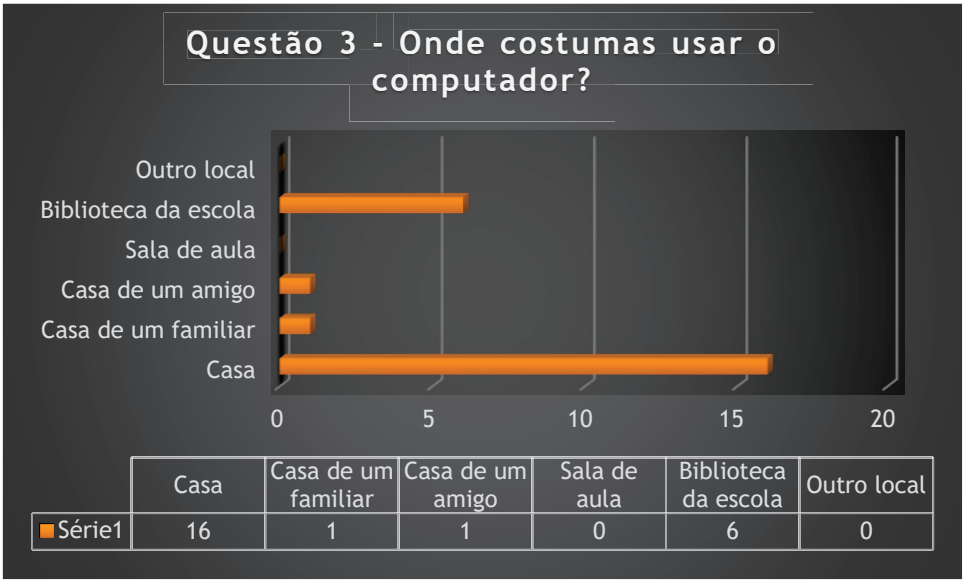

Gráfico 3 - Resultados para a questão «Onde costumas usar o computador?»

O local mais mencionado para a utilização do computador é na própria casa de cada aluno (70%), seguido da casa de familiares (4%) (Gráfico 3). É de salientar que nesta questão os alunos podiam assinalar mais do que uma opção. Os dados permitem inferir que a grande maioria possui um computador pessoal.

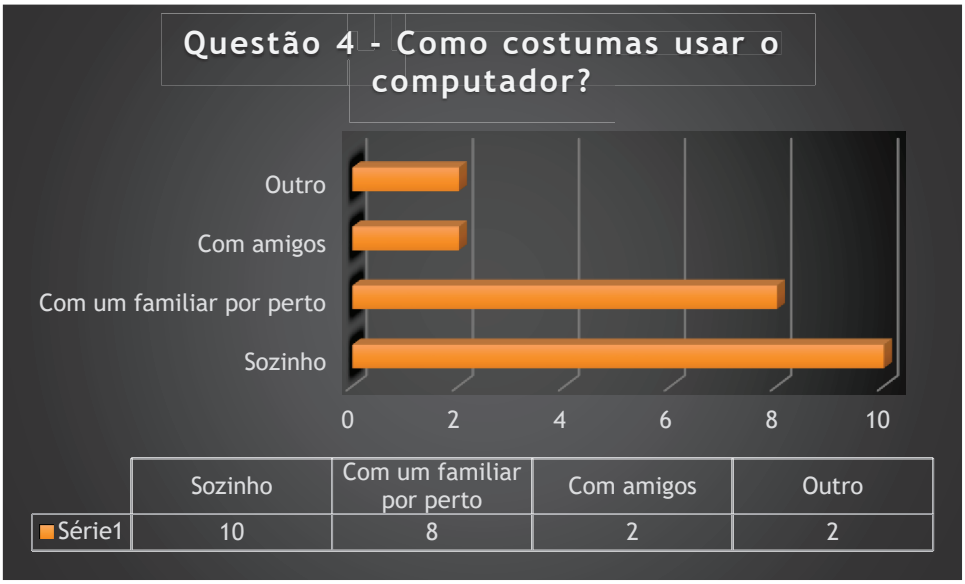

Gráfico 4 - Resultados para a questão «Como costumas usar o computador?»

O gráfico 4 permite concluir que grande parte dos alunos (57%) costumam estar sozinhos quando utilizam o computador. Os dois alunos que referiram estar com os amigos aquando da referida utilização também não clarificam por quem é feita essa supervisão e/ou acompanhamento. Em termos globais, pode afirmar-se que uma grande maioria destes alunos que utilizam o computador o fazem já de forma autónoma. No entanto, atendendo à faixa etária destes alunos (7 anos) poderão

existir alguns perigos nesta utilização 'solitária' tendo em conta potenciais perigos inerentes à utilização da Internet.

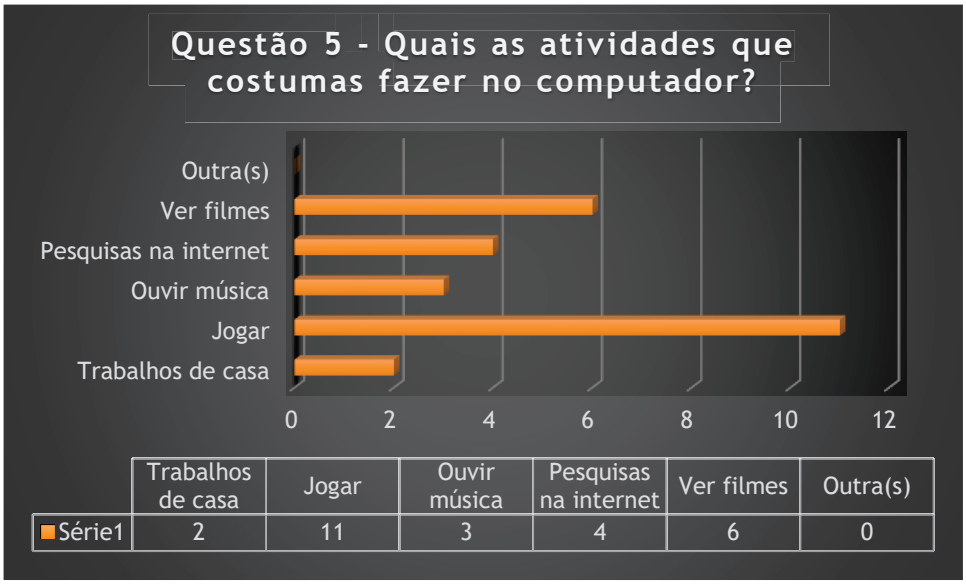

Gráfico 5 - Resultados para a questão «Quais as atividades que costumas fazer no computador?»

A atividade predominante na escolha dos alunos como sendo a mais executada com o computador é «Jogar» (42%). Imediatamente a seguir, «Ver filmes» foi também apontada por 23% dos alunos como uma atividade muito realizada com o computador (Gráfico 5). Nesta questão, os alunos podiam selecionar mais do que uma resposta. Perante os dados recolhidos, torna-se bastante claro apurarem-se as preferências dos alunos, as quais recaem em atividades associadas a uma componente lúdica e de lazer. Destes dados pode ainda inferir-se que a utilização do computador em casa não está enquadrada em atividades que estejam potencialmente relacionadas com atividades de caráter escolar/educativo, dado que apenas 8% referem utilizar o computador para fazerem os Trabalhos de Casa. De certa forma, estes dados vêm corroborar os dados apurados do gráfico 2.

À questão número 6 «Tens internet em casa», todos responderam 'sim'. Relativamente à utilização específica da Internet, o gráfico 6 apresenta os dados que foram obtidos:

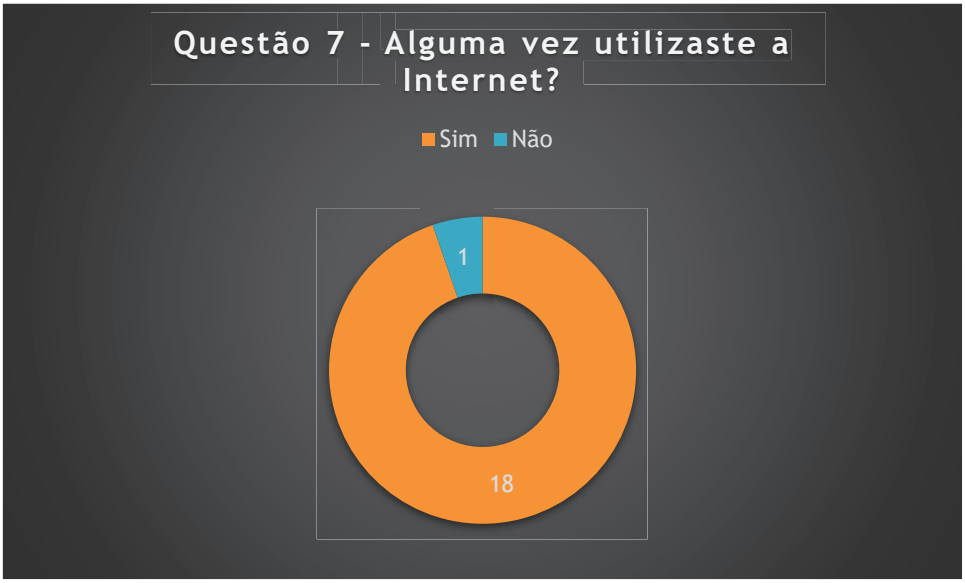

Gráfico 6 - Resultados para a questão «Alguma vez utilizaste a Internet?»

Apenas um aluno indica nunca ter utilizado a Internet até então enquanto os restantes 18 já fazem uma utilização da mesma. Em termos percentuais, 95% dos alunos já fazem uma utilização do computador que inclui a navegação na Internet.

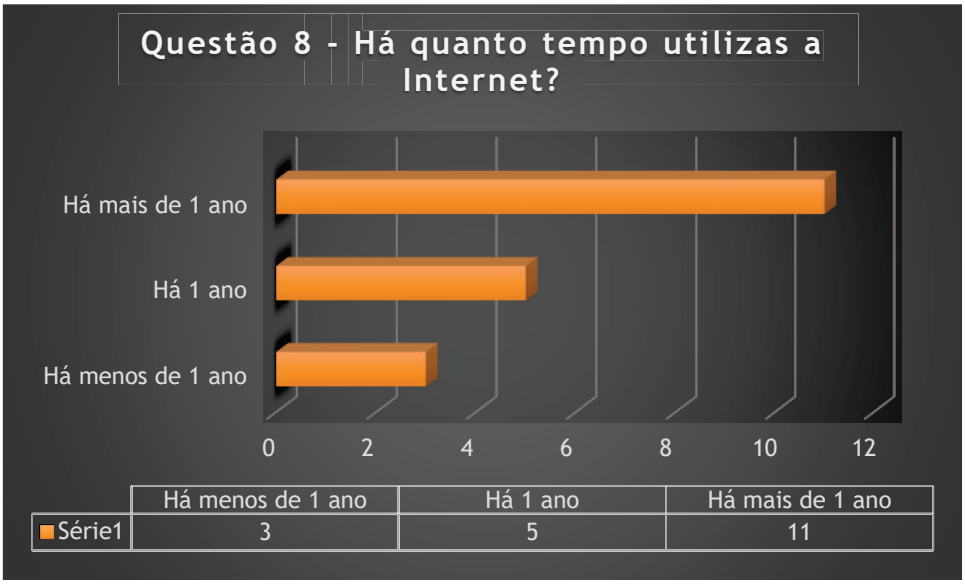

Gráfico 7 - Resultados para a questão «Há quanto tempo utilizas a Internet?»

Apesar do grupo avaliado se encontrar na faixa dos 7 anos de idade, 58% dos alunos afirmam ter contacto com a Internet há mais de um ano, 26% indica um tempo de contacto a partir dos 6 anos de idade enquanto 16% afirma ser algo muito recente nas suas vidas, portanto há menos de um ano. Do mesmo modo, tendo em conta dados anteriores, a Internet já constitui uma ferramenta digital enquadrada nas atividades destes alunos.

No gráfico 8 está expressa a frequência de utilização da Internet:

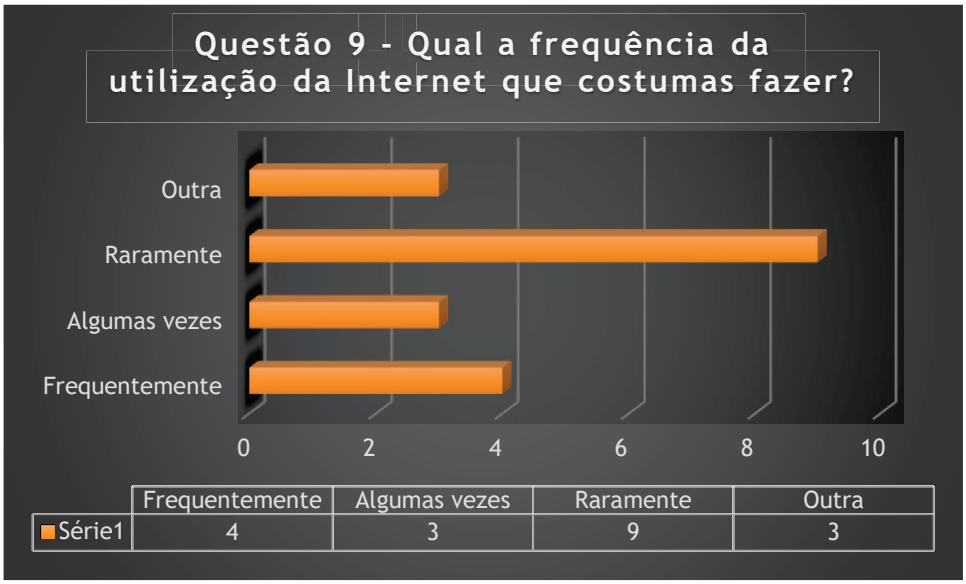

Gráfico 8 - Resultados para a questão «Qual a frequência da utilização da Internet que costumas fazer?»

Apesar dos alunos terem referido fazer uma utilização da Internet, a frequência de utilização da mesma é muito variável. Neste ponto, verifica-se que a opção que mais respostas acolheu corresponde a uma utilização escassa que, de acordo com informações recolhidas junto dos alunos, correspondia a uma utilização por semana («Raramente» com o valor de 47%). Os dados mostraram ainda que 21% afirma fazer uma utilização mais assídua («Frequentemente»). As restantes utilizações eram feitas de uma forma pouco consistente. Em termos globais, pode inferir-se que essa utilização da Internet não seguia um dado padrão, tal como se verificou quando os alunos foram questionados em relação à frequência de utilização do computador (gráfico 2).

No gráfico 10 pode observar-se quais os locais em que é feita a utilização da Internet:

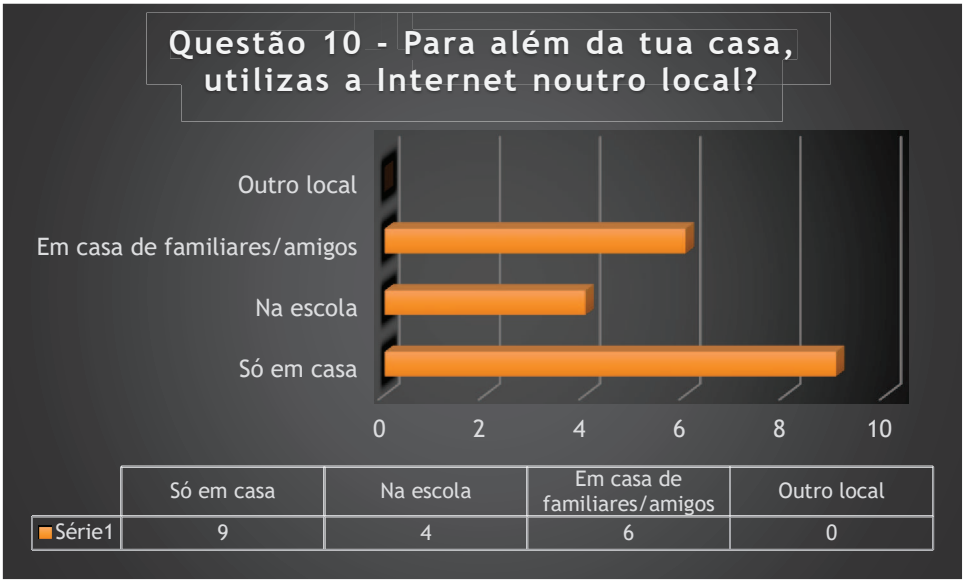

Gráfico 9 - Resultados para a questão «Para além da tua casa, utilizas a Internet noutro local?»

Em resposta à questão 10, se acediam à Internet noutro local para além de o fazerem em casa, 47% afirma aceder somente em casa enquanto 32% indica poder utilizar a mesma em casa de familiares/amigos. Apenas 21% afirma ter acedido à Internet nos computadores da escola. Neste caso, o local de utilização da Internet pode considerar-se como sendo 'variável', destacando-se a maior utilização que é realizada em casa dos alunos. Em termos comparativos, com os dados apresentados no gráfico 3, enquanto a utilização do computador é feita maioritariamente na casa dos alunos, a utilização da Internet é distribuída noutros espaços. Uma possível razão para esse fato pode estar relacionada com a possível inexistência de uma ligação à Internet nas respetivas casas. Em termos globais, 53% dos alunos refere fazer essa utilização na Escola e na casa dos amigos, não havendo indicação se essa utilização é feita com alguma supervisão ou não.

O gráfico 10 apresenta os dados relativamente ao número de horas que são utilizadas diariamente em atividades associadas à Internet:

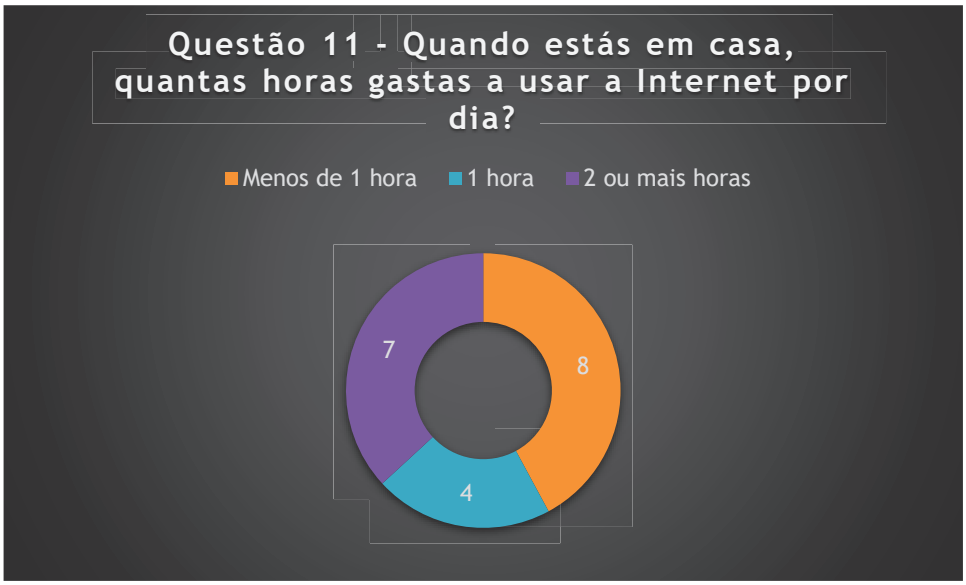

Gráfico 10 - Resultados para a questão «Quando estás em casa, quantas horas gastas a usar a Internet por dia?»

Segundo o gráfico 10, nas respostas à questão 11, há a indicação de que a permanência destes alunos na Internet é realizada maioritariamente (42%) num período de tempo correspondente a menos de uma hora por dia, enquanto que 37% permanece mais de duas horas. Destes dados pode-se afirmar que, à semelhança de dados anteriores, não há propriamente um padrão de conduta. Ou seja, o tempo de utilização da Internet distribui-se de forma quase equitativa. No entanto, a maioria faz uma utilização muito breve, correspondendo a menos de 1 hora, o que de certa forma pode indiciar uma utilização mais 'controlada' dado que o tempo de exposição a potenciais perigos é diminuto.

À questão número 12, «Indica os sites que costumas visitar» a maioria não responde por não saber os endereços dos sítios que visitam, indicando apenas o Google quando se referiam a pesquisas feitas na Internet.

No gráfico 11 são apresentadas as respostas dos alunos sobre quais eram as atividades que realizavam com mais frequência na Internet:

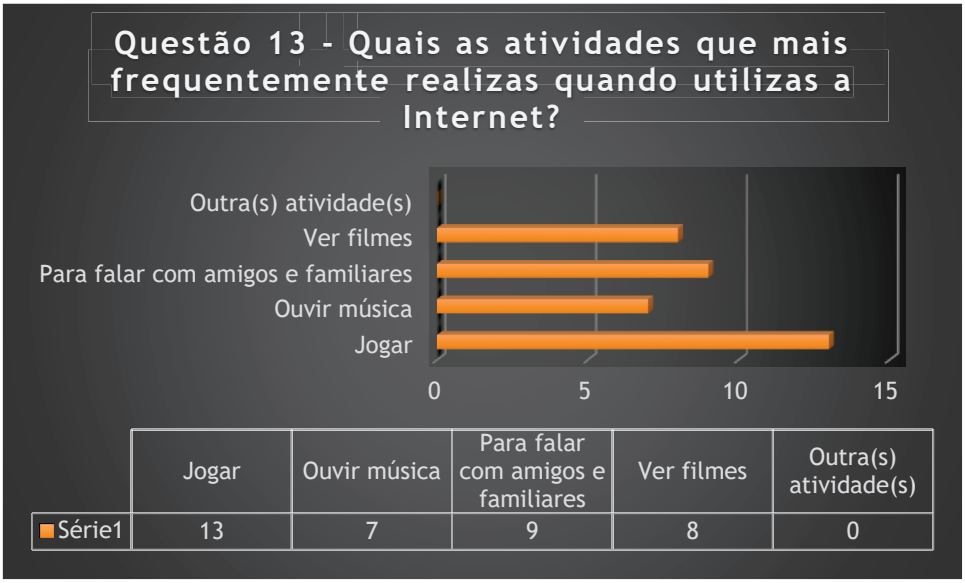

Gráfico 11 - Resultados para a questão «Refere quais as atividades que mais frequentemente realizas quando utilizas a Internet?»

Como é indicado no Gráfico 11, a maioria dos alunos prefere utilizar a Internet para jogar. No entanto, muitos dividem-se entre as hipóteses «Para falar com amigos e familiares» (24%), «Ver filmes» (22%) e «Ouvir música» (19%). Conclui-se que devido às idades e aos poucos conhecimentos de informática que estas crianças têm utilizam a Internet como uma extensão das brincadeiras que têm na vida real.

2.3. Bloco III: «As Tecnologias da Informação e da Comunicação na tua Escola»

No gráfico 12, apresentam-se os resultados correspondentes à questão «Costumas utilizar a Internet para fazer pesquisas?», podendo verificar-se que a grande maioria (63%) refere executar pesquisas na Internet.

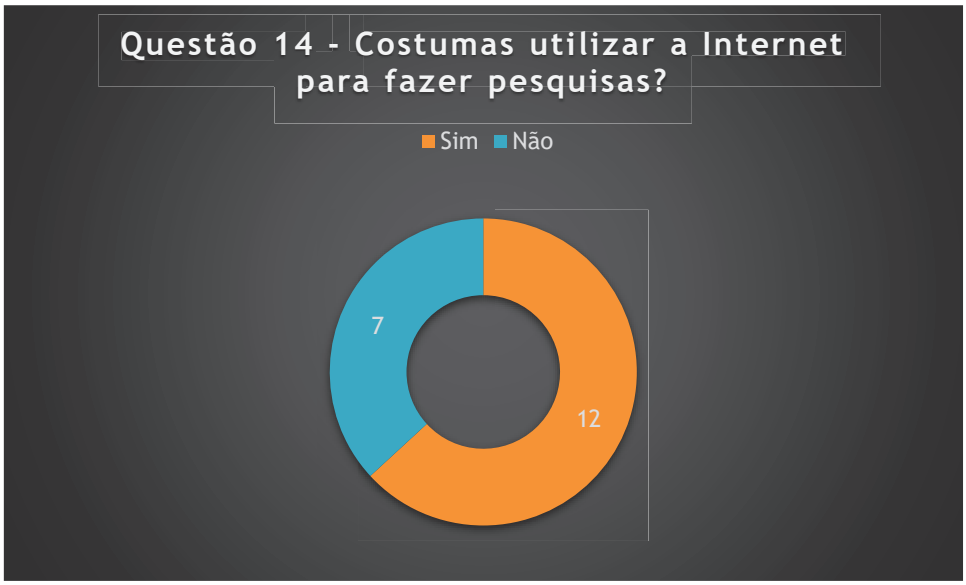

Gráfico 12 - Resultados para a questão «Costumas utilizar a Internet para fazer pesquisas?»

No gráfico 13, são mostrados os dados relativos apenas aos alunos que afirmaram fazer pesquisas unicamente para efeitos educativos (escola):

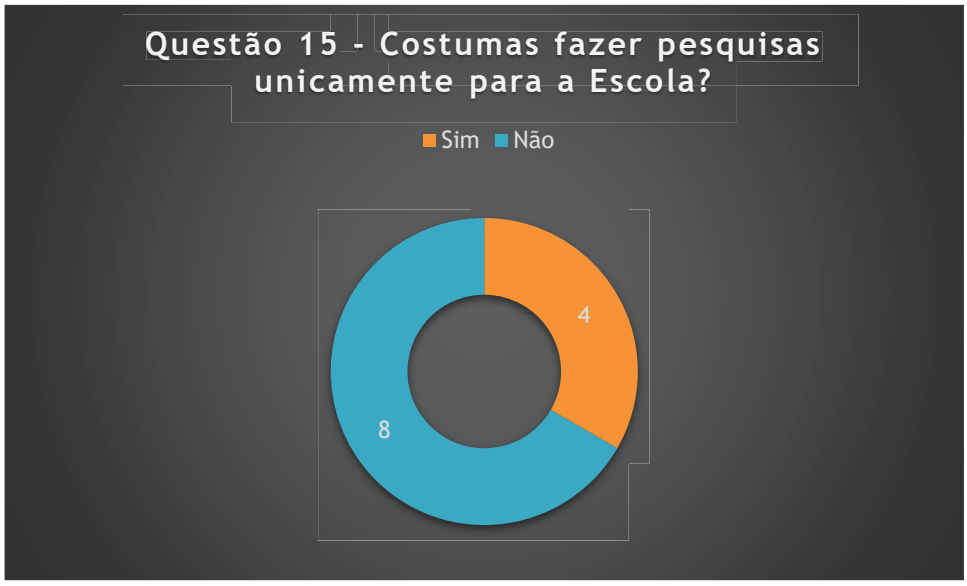

Gráfico 13 - Resultados para a questão «Costumas fazer pesquisas unicamente para a Escola?»

Convém assinalar que dos 19 alunos da turma apenas 12 referem fazer pesquisas na Internet com objetivos educativos. Estes dados mostram que é uma minoria dos alunos que fazem uma utilização educativa da Internet (33%). Enquanto 63% alunos afirmam utilizar a Internet para fazer pesquisas, 37% respondem que nunca a usaram para tal. Isto reflete-se na questão seguinte que procurava saber se as pesquisas estariam envolvidas com algum tipo de atividade escolar. As respostas mostraram-se muito mais negativas, com 67% dos alunos a responder que não costumam fazer pesquisas relacionadas com a escola, enquanto apenas 33% responderam

afirmativamente. Tendo em consideração os dados apresentados no gráfico 11, parece evidenciar-se alguma contradição, dado que neste gráfico não há nenhuma atividade que esteja relacionada com fins educativos. Pelo contrário, no gráfico 11 estão apenas evidenciadas atividades relacionadas com o entretenimento e lazer.

De seguida, o gráfico 14 apresenta quais são os tipos de pesquisas que estes alunos costumam realizar na Internet:

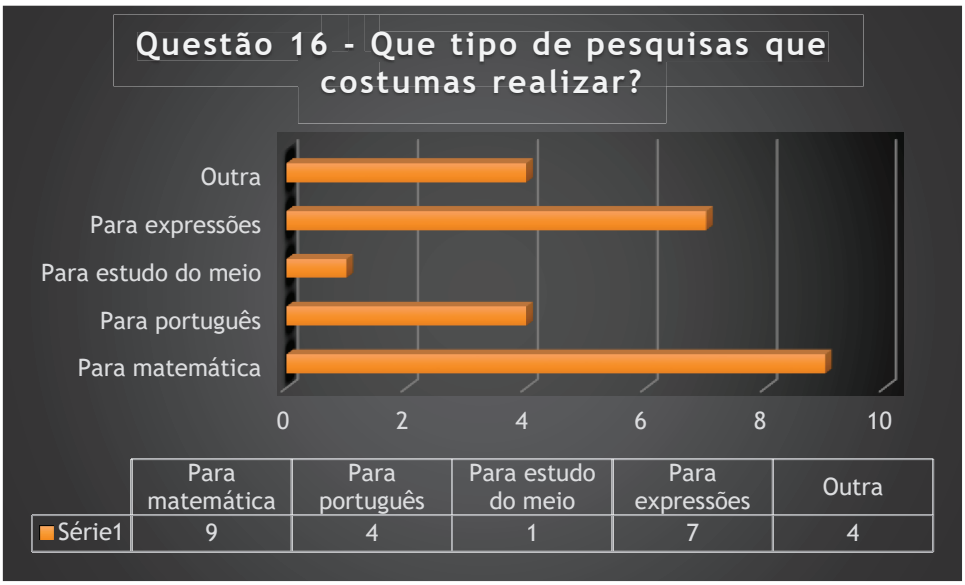

Gráfico 14 - Resultados para a questão «Que tipo de pesquisas que costumas realizar?»

Como se pode observar no gráfico 14, conclui-se que todos os alunos assumem realizar pesquisas para todas as áreas curriculares com maior predominância na matemática e nas expressões. Segue-se uma menor incidência no português e no estudo do meio. Alguns alunos ainda indicaram pesquisar sobre outros assuntos relacionados com atividades extracurriculares, sem serem capazes de exemplificar essas atividades.

À questão número 18, «Conheces alguns dos perigos da Internet?» apenas três alunos responderam 'vírus', o que revela que ainda desconhecem os perigos a que estão expostos quando utilizam a Internet. À questão número 19 «Gostaste de utilizar a internet na biblioteca da escola?» todos responderam 'sim'.

A última questão do questionário incluiu um conjunto de catorze afirmações de acordo com a seguinte escala: sim; maios ou menos; não. Tendo em consideração a faixa etária dos alunos e sugestões recolhidas aquando a validação do pré-questionário foi considerada esta a escala mais adequada. As afirmações apresentadas foram organizadas de acordo com três grupos: afirmações sobre a Internet (afirmações b), c), e), f), l) e n)); afirmações onde se compara o professor e a Internet (afirmações a) e h)); afirmações onde se compara a Internet e o manual (afirmações e), i), k) e m)); por último, a afirmação g) pretendeu comparar as

preferências dos alunos entre o professor, a Internet e o manual. Para o efeito, é feita uma apreciação crítica grupo a grupo.

Tabela 11 - Respostas dos alunos quanto à utilização da Internet na Biblioteca da Escola

	Sim	Mais ou menos	Não
a) Aprendo melhor com o professor do que quando utilizo a Internet.	**14**	**4**	**1**
b) Aprendo melhor quando utilizo a Internet.	**3**	**6**	**10**
c) Com a utilização da Internet aprendi mais facilmente.	**6**	**8**	**8**
d) Com o manual aprendo melhor do que com o professor.	**4**	**8**	**7**
e) Com o manual é melhor do que a Internet porque não há computadores para todos.	**8**	**4**	**7**
f) Não posso confiar sempre em toda a informação que encontro na Internet.	**9**	**5**	**5**
g) Não tenho dúvidas que o professor é sempre melhor que a Internet e o manual.	**11**	**5**	**3**
h) Prefiro o professor à utilização da Internet na sala de aula.	**5**	**8**	**6**
i) Prefiro usar a Internet em vez do manual.	**5**	**4**	**10**
j) Prefiro usar o manual porque o tenho comigo.	**9**	**6**	**4**
k) Prefiro utilizar a Internet e o manual.	**7**	**7**	**5**
l) Quando a Internet foi utilizada foi mais divertido.	**12**	**5**	**2**
m) Se me pedirem para eu escolher, prefiro usar a Internet na sala de aula em vez do manual.	**4**	**4**	**11**
n) Tenho mais vontade de aprender quando a Internet é utilizada na sala de aula.	**7**	**4**	**8**

Analisadas as afirmações onde os alunos eram questionados acerca das potencialidades da Internet, sem que tivessem que comparar este recurso com nenhum outro, pode-se verificar que há um sentimento maioritariamente negativo. Os dados evidenciam que a Internet, como recurso educativo, apenas tem uma apreciação claramente positiva quando a associam a um ambiente mais divertido, potencialmente mais informal. Em termos opostos, a Internet não foi tida como um recurso educativo que tivesse propiciado melhores e mais fáceis aprendizagens. No entanto, atendendo ao facto dos alunos terem apresentado uma resposta neutra de igual valor da resposta positiva, pode-se afirmar, ainda que com algumas reservas que pode ter havido condições para que tivessem aprendido mais facilmente com a utilização da Internet. Pois, como se acabou de referir, na «alínea n)» torna a surgir um 'empate' nas preferências, com uma ligeira opinião negativa manifestando menos vontade em aprender com a utilização da Internet. No mesmo sentido, e de forma a

acentuar esta opinião negativa, os alunos referem na sua maioria que as informações recolhidas na Internet podem não ser confiáveis (alínea f). Em termos globais, dos dados recolhidos, sente-se que existe um sentimento generalizado para uma não utilização da Internet no processo de ensino/aprendizagem.

Na comparação direta entre o professor e a Internet, as opiniões não são muito conclusivas porque são de opinião que aprendem melhor com o professor, mas ficam «divididos» entre optarem pelo professor em detrimento da Internet e vice-versa. Possivelmente, uma razão que se poderá avançar é que a utilização da Internet possa não ter sido a mais adequada e/ou a mais pertinente. Ou, numa outra ordem de razões, o facto das condições associadas à utilização da Internet não terem criado um ambiente educativo estimulante, dado que tiveram que recorrer a um outro espaço: biblioteca. Falta de ligação à Internet e número reduzido de computadores.

No grupo de afirmações onde se compara o manual e a Internet não restam muitas dúvidas que os alunos preferem a utilização do manual em detrimento da utilização da Internet. Uma potencial razão para estas opiniões que foram manifestadas, podem ter a ver com o facto de o manual fazer parte integral das suas rotinas, de ser um recurso com o qual há já uma habituação na sua utilização e também pelo facto do seu acesso e disponibilidade ser total. Uma outra razão que se poderá adiantar pode estar relacionada a uma utilização muito reduzida e pontual da Internet e, por essa razão, não terem tido a oportunidade de poderem averiguar as suas potencialidades. Pois, uma maior exposição a este recurso digital, eventualmente, com o envolvimento de outros conteúdos e com um período de tempo mais extensivo viesse a demonstrar (ou não) que a Internet pode ser considerada como um recurso educativo válido e a incluir no processo de ensino/aprendizagem. Talvez, as opiniões manifestadas na «alínea k)» sejam o reflexo de alguma incerteza nas opiniões dos alunos ao não terem uma clareza muito grande numa utilização simultânea e/ou complementar do manual e da Internet.

Por último, a «alínea g)» vem colocar o professor nas preferências dos alunos comparativamente com o manual e com a Internet. Esta opinião favorável é bastante clara e que vem no sentido das opiniões anteriormente já comentadas onde o professor surge como o elemento fulcral e fundamental no processo de ensino/aprendizagem. Apesar desta opinião se possa considerar natural e, eventualmente, a opinião que se poderia esperar pelo facto de o papel do professor assumir um a relevância que lhe é 'intocável' pelas suas competências profissionais inerentes à sua função. No entanto, dada a grande apetência dos mais jovens pelas TIC, pela sua utilização frequente e pela sua acessibilidade, poderia ter havido uma opinião mais favorável relativamente à Internet como recurso educativo. Mas, para que tal aconteça, é necessários um enquadramento e uma contextualização educativa onde sobressaia um ambiente pedagógico que, por si só, a Internet ou as TIC não são capazes de promover. Por isso, ressalta o papel do professor como um 'recurso' propiciador de um ensino capaz de promover aprendizagens mais motivadoras e mais pertinentes junto dos alunos. Pois, através de respostas anteriores foi possível

verificar-se que a utilização do computador/TIC era feita para efeitos de entretenimento e de lazer, muito diferente da utilização realizada nesta investigação, tendo em consideração os objetivos que sustentaram as planificações. Desses mesmos resultados também se pode inferir que a utilização das TIC/Internet não era requerida nas suas casas para efeitos de aprendizagens formais. Em suma, associando um outro fator ainda não referido que se prende com a faixa etária destes alunos (7 anos) também faz com que a sua autonomia seja limitada e, por isso, a rentabilização e respetiva compreensão destes recursos ainda não esteja suficientemente interiorizada pelos mesmos.

3. Análise de Conteúdo dos Inquéritos por Entrevista

Neste capítulo são alvo de análise as quatro entrevistas realizadas às professoras titulares, incluindo a Orientadora Cooperante da PES 1ºCEB, da Escola EB1 São Tiago, que lecionam em turmas do 1ºCEB. Esta análise está organizada de forma a apresentar cada categoria e respetivas subcategorias que emergiram na sequência da análise de conteúdo (Apêndice H).

A presente investigação teve nas entrevistas semiestruturadas realizadas mais um importante meio de recolha de dados. Como tal, foi elaborado previamente um guião de entrevista (Apêndice C) que, depois de devidamente analisado, foi aplicado pelo investigador às quatro professoras.

Importa referir que as quatro entrevistas foram realizadas posteriormente à conclusão da PES 1ºCEB, em momentos que se ajustaram, da melhor forma possível, aos compromissos profissionais e pessoais das entrevistadas e do próprio investigador/entrevistador. O tempo dispensado para a realização de cada entrevista foi variável e ajustado às necessidades da mesma.

Resumidamente, o objetivo principal da análise de conteúdo compreende a identificação de categorias e de indicadores dentro da estrutura das entrevistas. A análise de conteúdo é apresentada sob a forma de um quadro, bem como as categorias e subcategorias. Cada uma das entrevistas foi dividida em blocos: Bloco A - Literacia/Formação em Informática; Bloco B - As TIC na Educação; Bloco C - Segurança na Internet; Bloco D: Opinião sobre o contributo da Internet no processo Ensino/Aprendizagem.

Assim sendo, houve a possibilidade de concretizar a análise de conteúdo das mesmas (Apêndice H) que será dada a conhecer no presente subcapítulo. A análise de conteúdo em causa será feita por cada bloco e questão a questão. As Tabelas 12, 13, 14 e 15 apresentam uma síntese das categorias e de todas as subcategorias que foram apuradas, assim como o número de registos/ocorrências para cada uma delas:

Tabela 12 - Análise de Conteúdo do Inquérito por Entrevista

Categoria	Subcategorias	Nº de registo/ ocorrências
Bloco A: «Literacia/ Formação em Informática»	A.1. Durante a sua formação (inicial ou continua) como professora, teve alguma área curricular em que abordasse as Tecnologias da Informação e da Comunicação? Qual?	**8**
	A.2. Foi sensibilizada para utilizar esses recursos em contexto educativo? Em que sentido?	**12**
	A.3. Obteve outro tipo de formação ao nível das TIC? Porquê?	**7**
	A.4. Considera importante desenvolver mais formação nesta área? Porquê?	**11**
	Total de ocorrências	**38**

Tabela 13 - Análise de Conteúdo do Inquérito por Entrevista

Categoria	Subcategorias	Nº de registo/ ocorrências
Bloco B: «As TIC na Educação»	B.1. Já teve oportunidade de trabalhar nas suas aulas alguma ferramenta digital (computador ou programa/software) educativo? Quais?	**12**
	B.2. Quando começou a usar as TIC nas aulas? Porquê?	**7**
	B.3. Em que mudaram as suas aulas, desde que passou a usar as TIC?	**8**
	B.4. Quando planifica uma unidade temática, quais são os recursos das TIC que mais utiliza ou que pretende que os alunos utilizem? Porquê?	**7**
	B.5. Costuma usar software didático nas suas aulas? Qual?	**6**
	B.6. Considera que a área das TIC deveria ser integrada nas metas curriculares e no programa das diferentes áreas do 1ºCEB?	**10**
	Total de ocorrências	**50**

Tabela 14 - Análise de Conteúdo do Inquérito por Entrevista

Categoria	Subcategorias	Nº de registo/ ocorrências
Bloco C: «Segurança na Internet»	C.1. Considera a internet segura para os alunos que frequentam o 1ºCEB? Porquê?	**7**
	C.2. Enumere os perigos que a internet possui.	**9**
	C.3. Para cada perigo enumerado indique soluções para mitigar o risco associado a essas ameaças.	**6**
	C.4. Conhece os seguintes sites: Seguranet.pt e Internetsegura.pt?	**4**
	C.5. Gostaria de recomendar algum site que aborde a segurança na Internet?	**4**
	Total de ocorrências	**30**

Tabela 15 - Análise de Conteúdo do Inquérito por Entrevista

Categoria	Subcategorias	Nº de registo/ ocorrências
Bloco D: «Opinião sobre o Contributo da Internet no Processo Ensino/ Aprendizagem»	D.1. A sala de aula onde leciona tem ligação à Internet?	**5**
	D.2. Acha que a Internet deve ser usada na sala de aula? Porquê?	**8**
	D.3. Com que objetivos considera que os professores do 1 º CEB utilizam a Internet?	**7**
	D.4. Quais as vantagens da utilização da Internet na sala de aula?	**9**
	D.5. Conhece alguma ferramenta para efetuar pesquisas seguras na Internet? Se sim quais?	**4**
	D.6. De um modo global, quais são os objetivos educacionais que considera que podem ser alcançados através do recurso às TIC em sala de aula?	**7**
	Total de ocorrências	**40**

3.1. Início da Entrevista: «Motivação e Legitimidade da Entrevista»

Em primeiro lugar, pretendia-se contextualizar as professoras entrevistadas em relação ao estudo e à realização da própria entrevista. No primeiro momento, o investigador apresentou-se e deu a conhecer às entrevistadas a questão-problema e os objetivos da investigação na qual estavam a ser participantes. Ainda no seguimento desta intervenção, o investigador salientou a importância do contributo das entrevistadas a fim de se poderem obter outros pontos de vista, no sentido de se poderem utilizar na triangulação dos dados. Foi também assumido o compromisso de se cumprirem todos os procedimentos éticos e legais inerentes.

Ao longo do presente Relatório de Estágio, a identificação das entrevistadas será sempre confidencial e, por isso mesmo, sujeita a uma codificação: P1, P2, P3 e P4 (Professora 1, Professora 2, Professora 3 e Professora 4).

3.2. Bloco A: «Literacia/Formação em Informática»

Relativamente ao Bloco A, os objetivos a ele associados pretenderam averiguar qual a formação em TIC das entrevistadas ao longo da sua formação inicial e contínua e o tipo de sensibilização relativa à utilização das TIC em contexto educativo. Nesta categoria, foram obtidos, na totalidade, 38 registos/ocorrências.

Na subcategoria «Formação inicial e/ou contínua em TIC» obtiveram-se 8 registos/ocorrências. Das quatro professoras entrevistadas apenas P4 refere não ter tido qualquer tipo de formação em TIC. Como tal, as entrevistadas P1, P2 e P3 referem ter obtido uma formação em TIC. Neste particular, P2 refere ter possuído uma formação em TIC com um enquadramento educativo, em termos gerais, e com uma particular incidência na matemática:

> *P2: "Sim."; "(…) tive informática na formação inicial e na formação contínua."; "Abordei as TIC em contexto de sala de aula (…)"; "(…) e as TIC na matemática."*

P1 e P3, por seu lado, referem ter obtido uma formação em TIC mas com um carácter mais generalista:

> *P1: "Sim, tive. Tal como a sua pergunta o refere, em Tecnologias da Informação e da Comunicação, as TIC."*
>
> *P3: "Sim, em TIC."; "(…) a ensinar como ligar e desligar o computador (…)"; "(…) a escrever textos no Microsoft Office Word."*

Na subcategoria «Sensibilização relativa à utilização das TIC em contexto educativo» obtiveram-se 12 registos/ocorrências. As quatro professoras entrevistadas respondem afirmativamente, sendo que P1, P2 e P3 referem as TIC no sentido de serem uma forma de motivar os alunos o que vem a permitir uma maior facilitação na aquisição de novas aprendizagens, dado que há um maior empenho e concentração:

> *P1: "Como forma de motivar e de facilitar as aprendizagens dos alunos."*
>
> *P2: "(…) são motivadores para os alunos."*
>
> *P3: "(…) a sua utilização contribui para melhorar a motivação (…)"; "(…) a concentração (…)"; "(…) o empenho dos alunos (…)"; "(…) facilitando assim a aquisição de conhecimentos."*

P4 afirma somente ter sindo sensibilizada para utilizar as TIC como recurso em contexto educativo pelo agrupamento onde se encontrava a lecionar. Ao contrário do que é habitual, a sensibilização para a utilização das TIC costuma ser uma consequência de uma formação nesta área. No caso concreto, através da resposta de P4, foi o contexto (o agrupamento) que fez despoletar na professora a vontade em utilizar as TIC:

> *P4: "Sim."; "No agrupamento onde trabalhei."*

Na subcategoria «Obtenção de outro tipo de formação ao nível das TIC» obtiveram-se 7 registos/ocorrências. Duas professoras (P1 e P2) responderam que não obtiveram outro tipo de formação enquanto que P3 e P4 respondem de forma afirmativa. Estas professoras justificam, ainda, que tipo de formação tiveram, no caso de P3, no *software* Excel, e P4 obteve formação via sindicato, sem ter especificado e clarificado essa formação, podendo subentender-se que tenha sido de carater generalista:

> *P3: "Obtive formação em* Microsoft Office Excel*."*
>
> *P4: "Formação de sindicato."*

P1 justifica a sua resposta negativa apontando a falta de recursos nas escolas como o motivo de não ter tido qualquer tipo de formação:

> *P1: "Não obtive nenhum tipo de formação."; "Porque as escolas não oferecem esses recursos."*

Na subcategoria «Importância para o desenvolvimento de mais formação na área das TIC» obtiveram-se 11 registos/ocorrências. As quatro professoras entrevistadas respondem que é importante desenvolver mais formação nesta área. Duas professoras (P2 e P3) justificam a sua resposta com o facto de as TIC serem mais motivadores para os alunos no contexto de sala de aula:

> *P2: "(…) cada vez mais os alunos estão despertos para as tecnologias (…)"; "(…) o seu uso em sala de aula contribui para a sua motivação."*
>
> *P3: "(…) permite uma maior motivação dos alunos na execução das suas tarefas (…)"; "(…) facilitando a sua aprendizagem."*

P1 volta a afirmar que as escolas não possuem meios para que haja mais trabalho na área das TIC devido à inexistência de recursos e horários e, também, pelo facto de não haver tempo livre para atividades que envolvam esses recursos digitais:

> *P1: "(…) caso houvesse mais recursos na escola (…)"; "(…) e os horários, demasiado longos, permitissem desenvolver mais formação ao nível dessa área."*

P4 apenas justifica dizendo que as TIC seriam mais vantajosas como sendo um auxílio na sala de aula, ou seja, na perspetiva das TIC poderem vir a ser um complemento:

> *P4: "Seria vantajoso como auxílio ao método tradicional."*

Ao longo deste bloco de questões, pode-se afirmar que há uma opinião consensual relativamente à importância das TIC em contexto educativo, onde se realçaram os maiores índices de motivação, de concentração e de envolvimento dos alunos o que lhes irá permitir melhores aprendizagens. No entanto, foi destacado um aspeto negativo relacionado com a falta de equipamentos. Pois, sem recursos digitais suficientes e adequados não é possível, como é óbvio, promover a utilização das TIC no processo de ensino/aprendizagem.

3.3. Bloco B: «As TIC na Educação»

Relativamente ao Bloco B, os objetivos a ele associados pretenderam averiguar qual a utilização das TIC em contexto educativo feita pelas professoras entrevistadas, procurando assim saber quais as ferramentas utilizadas, quando começaram a usá-las e em que medida vieram promover uma alteração nas aulas após a sua utilização. Nesta categoria, foram obtidos, na totalidade, 50 registos/ocorrências.

Na subcategoria «Oportunidade de trabalhar nas aulas com ferramentas digitais» obtiveram-se 12 registos/ocorrências. Todas as professoras entrevistadas afiram já ter tido essa oportunidade relativamente à utilização das TIC em contexto de sala de aula. P2, P3 e P4 afirmam ter usado *software* do *Office,* como o *PowerPoint,* para apresentação de conteúdos e, também, o *Word* para trabalhar e explorar a escrita de textos:

> *P2: "(…) como programa, o* PowerPoint *(…)"*
>
> *P3: "(…) escrevendo textos no* Word *(…)"*
>
> *P4: "*PowerPoint *como exposição de conteúdos."*

P1 afirma ter usado apenas vídeos sobre temáticas da área curricular de estudo do meio:

> *P1: "Já tive essa oportunidade (…)"; "(…) através de vídeos de temas/conteúdos da área de estudo do meio."*

P2 e P3 acrescentam ainda mais ferramentas que usaram com os alunos, como jogos interativos, pesquisa na Internet, a criação de um blogue de escola e a construção de bandas desenhadas no *Toondoo*:

> *P2: "(…) como software, por exemplo, jogos interativos."*
>
> *P3: "(…) pesquisas na internet (…)"; "(…) criando um blogue de escola (…)"; "(…) fazendo bandas desenhadas através do* Toondoo*."*

Na subcategoria «Início da utilização das TIC em contexto de sala de aula» obtiveram-se 7 registos/ocorrências. Todas as professoras entrevistadas costumar dar uso às TIC nas suas aulas, embora o seu uso seja pouco recorrente, no que diz respeito a P1, acabando por justificar o seu uso apenas quando os alunos estagiários assim o requerem:

P1: "Raramente (…)"; "(…) só quando os alunos estagiários o [requerem]."

P2 declara ter começado a utilizar as TIC há uns sete anos, enquanto P4 assim que surgiram. Ambas justificam a sua adesão às TIC como forma de motivar os alunos:

P2: "Comecei a dar uso às TIC há uns sete anos."; "Para motivar os alunos."

P4: "Quando surgiram."; "Como motivação dos alunos."

P3 indica que começou a utilizar as TIC assim que lhe foi facultado um computador:

P3: "Logo que me foi facultado um computador na sala de aula."

Na subcategoria «Mudanças que ocorreram nas aulas após o uso das TIC» obtiveram-se 7 registos/ocorrências. Três das quatro entrevistadas responderam a esta questão justificando-a enquanto uma professora (P1) decidiu não dar resposta porque faz uma utilização muito escassa das TIC não tendo opinião sobre qualquer tipo de mudança que estas possam ter provocado.

P2, P3 e P4 indicam ter ocorrido mudanças nas suas aulas e apontam a motivação, a facilidade na aprendizagem e nas pesquisas e ainda uma maior atenção, por parte dos alunos, como resultado da sua utilização:

P2: "Mudaram bastante (…)"; "(…) são mais motivadoras (…)"; "(…) os alunos aprendem com mais facilidade."

P3: "As TIC facilitam as pesquisas (…)"; "(…) e a motivação dos alunos."

P4: "Passou a haver maior concentração (…)"; "(…) e atenção por parte dos alunos."

Na subcategoria «Recursos das TIC mais utilizados aquando da planificação de uma unidade didática» obtiveram-se 6 registos/ocorrências. Uma professora (novamente P1) optou por não responder visto não planificar qualquer unidade didática com recurso às TIC. As restantes três (P2, P3 e P4) afirmam planificar o uso da pesquisa na Internet e a escrita no Word por parte dos alunos, enquanto utilizam o PowerPoint como forma de apresentar os conteúdos:

P2: "Dou primazia ao uso do PowerPoint por mim (…)"; "(…) os alunos costumam usar a Internet para fazer pesquisas relacionadas com os conteúdos abordados."

P3: "Internet (…); "(…) escrita no Word."

P4: "Pesquisa."; "Para alargar o conhecimento dos alunos."

Na subcategoria «Uso de software didático nas aulas» obtiveram-se 6 registos/ocorrências. Das quatro professoras entrevistadas apenas uma respondeu que sim, embora seja o material fornecido pelas editoras dos manuais:

P2: "Sim."; "Uso o software fornecido pelas editoras dos manuais."

P1, P3 e P4 respondem de forma negativa porque afirmam existir uma lacuna de *hardware* nas salas de aula o que impossibilita o uso do *software* didático:

P1: "Não."

P3: "Neste momento não uso (…)"; "(…) não tenho computador na sala de aula."

P4: "Neste momento não existe na sala de aula."

Na subcategoria «Integração das TIC nas metas curriculares e no programa das diferentes áreas do 1ºCEB» obtiveram-se 10 registos/ocorrências. Todas as professoras entrevistadas consideraram de forma positiva a sua inclusão afirmando, de forma consensual, a necessidade de serem necessários recursos suficientes em todas as escolas que possibilitem a sua utilização:

P1: "Sim (…)"; "(…) desde que as escolas estivessem apetrechadas para tal."

P2: "Sim (…)"; "(…) seriam necessários recursos suficientes em todas as escolas."

P3: "Eu acho que deveria ser integrada (…)"; "(…) desde que haja recursos humanos (…)"; "(…) e bons recursos materiais."

P4: "Sim (…)"; "(…) desde que haja recursos nas escolas."

O facto de todas as professoras estarem de acordo corresponde à realidade da situação atual das escolas, principalmente do 1ºCEB, como afirma P1:

> *P1: "A realidade é outra."*

No decorrer do Bloco B, as opiniões manifestadas pelas professoras são amplamente satisfatórias relativamente à sua predisposição para o enquadramento e a inclusão das TIC no processo de ensino/aprendizagem. Apenas, a título excecional, P1 é que mantém uma opinião mais distante. Das opiniões recolhidas, verificou-se a existência de varias utilizações das TIC em contexto de sala de aula, como uma utilização diferenciada. Ou seja, uma utilização focalizada em determinadas áreas (ex: escrita em Word) e uma utilização mais abrangente. Neste particular, é importante referir o papel que os estagiários têm nesta área dado que houve referência à sua apetência pela inclusão das TIC. No entanto, tal como já se tinha vindo a assinalar, uma maior utilização das TIC está fortemente ligada e dependente à existência de equipamentos digitais, os quais não existem ou são muito escassos.

3.4. Bloco C: «Segurança na Internet»

Relativamente ao Bloco C, os objetivos a ele associados pretenderam averiguar os conhecimentos das docentes relativamente à segurança dos alunos do 1ºCEB na utilização da Internet e o conhecimento dos principais perigos que esta possui para os mesmos. Nesta categoria, foram obtidos, na totalidade, 30 registos/ocorrências.

Na subcategoria «A segurança dos alunos do 1ºCEB na Internet» obtiveram-se 7 registos/ocorrências. Quatro das três professoras afirmam conhecer a Internet como um local seguro para alunos do 1ºCEB desde que estes não estejam sozinhos. Segundo P1, P2 e P3, a sua permanência deve ser orientada por um adulto responsável, seja ele um professor ou os pais:

> *P1: "Considero a Internet segura para os alunos do primeiro ciclo."; "Desde que orientada, diretamente, por qualquer educador responsável (professor ou pais) a sua utilização é segura."*
>
> *P2: "(…) quando usada na presença do adulto torna-se segura."*
>
> *P3: "A internet só será segura se for controlada e vigiada."*

P4 considera a Internet um local duvidoso porque as crianças ficam expostas a perigos difíceis de controlar:

P4: "Não."; "Estão expostos a muitos perigos que muitas vezes são difíceis de controlar."

Na subcategoria «Enumeração dos perigos da Internet» obtiveram-se 9 registos/ocorrências. P1 e P4 insistem na ausência de um controlo parental como a principal causa da exposição das crianças aos perigos da Internet:

P1: "Existem vários se não houver orientação/vigilância, por parte de um adulto responsabilizado."

P4: "A falta de controle por parte do adulto é um deles, talvez o pior."

P2 e P3 enumeram vários perigos, onde se destaca a pedofilia e o acesso a informações não adequadas para estas faixas etárias, embora nem todos se apliquem a crianças que frequentam o 1ºCEB como, por exemplo, o acesso às contas bancárias:

P2: "(…) identificação das crianças por pedófilos (…)"; "(…) acesso à informação não apropriada à idade (…)"

P3: "(…) vírus (…)"; "(…) malware (…)"; "Pode haver roubo de identidade (…)"; "(…) calúnias (…)"; "(…) acesso a contas bancárias (…)"

Na subcategoria «Soluções para mitigar o risco associado às ameaças» obtiveram-se 5 registos/ocorrências. Para P1, a solução continua no acompanhamento da criança por parte de um adulto responsável:

P1: "Podem surgir vários perigos se não existir orientação ou vigilância de alguém responsabilizado."

P4 absteve-se de responder a esta pergunta por achar não saber dar a melhor solução enquanto professora. No entanto, P2 e P3 enumeram várias soluções que acham pertinentes, tais como, a utilização de programas que restrinjam uma utilização livre da Internet e a não publicação de dados pessoais e fotografias:

P2: "Programas específicos para escolas com conteúdos restritos (…); "(…) acesso aos dados apenas pelos professores e encarregados de educação."

P3: "Nunca divulgar dados pessoais, como endereço, telefone, números de documentos (...)"; "(...) ter cuidado com a publicação de fotos e assuntos comprometedores."

Na subcategoria «Conhecimento da existência de *websites* sobre segurança na internet» obtiveram-se 4 registos/ocorrências. Três das quatro professoras entrevistadas afirmam desconhecer a existência dos *websites* Seguranet.pt e Internetsegura.pt. Apenas P4 diz saber que tais sítios existem.

P1: "Não."

P2: "Não."

P3: "Não."

P4: "Sim."

Na subcategoria «Recomendação de websites que abordem a segurança na Internet» obtiveram-se 4 registos/ocorrências e todas negativas. Nenhuma das quatro professoras entrevistadas quiseram recomendar *websites* que abordassem a segurança na Internet, pois, como mostraram desconhecimento acerca dos websites da subcategoria anterior, não têm conhecimento sobre mais nenhum.

P1: "Não."

P2: "Não."

P3: "Não."

P4: "Não."

As opiniões recolhidas no Bloco C veem demonstrar que existem um conhecimento básico, em termos preventivos, ao associarem o acompanhamento parental ou de um adulto sempre que as crianças estão a aceder à Internet. Infelizmente, há um desconhecimento acerca de software e de sítios da Internet (ex.: Seguranet.pt e Internetsegura.pt) onde se podem recolher informações que possibilitem uma utilização mais segura da Internet por parte das crianças

3.5. Bloco D: «Opinião sobre o contributo da Internet no processo Ensino/Aprendizagem»

Relativamente ao Bloco D, os objetivos a ele associados pretenderam averiguar a opinião das docentes sobre o contributo da Internet no processo de ensino/aprendizagem. Nesta categoria pretendia-se saber se a sala de aula onde lecionam tem ligação à Internet e se esta deveria ser usada, com que objetivos e quais as suas vantagens. Foram obtidos, na totalidade, 40 registos/ocorrências.

Na subcategoria «Ligação à Internet na sala de aula» obtiveram-se 5 registos/ocorrências. P1 e P2 demonstram não haver qualquer tipo de condições favoráveis à sua utilização em contexto de sala de aula:

> *P1: "Não, não tem, tal como referido em resposta a questões anteriores."*
>
> *P2: "Não."*

Por sua vez, P3 e P4 indicam existir uma ligação muito deficiente à Internet, impossibilitando um funcionamento normal da mesma o que dificulta a sua correta utilização:

> *P3: "Sim (…)"; "(…) muito fraca."*
>
> *P4: "Nem sempre."*

Na subcategoria «A Internet na sala de aula como um instrumento de ensino/aprendizagem» obtiveram-se 8 registos/ocorrências. Todas as professoras concordam que a Internet deveria ser usada na sala de aula embora voltem a indicar algumas limitações já referidas anteriormente, tais como as condições da escola e das salas de aula segundo P1 e P4:

> *P1: "Poderia ser utilizada (…)"; "(…) se fosse possível."*
>
> *P4: "Sim, deveria (…)"; "(…) a sala não tem computador."*

P2 e P3 justificam as suas respostas positivas indicando os motivos pelos quais a Internet deve estar presente numa sala de aula. A promoção de um enquadramento que torna mais fácil a aprendizagem de certos conteúdos, torna-os mais apelativos e de mais fácil memorização:

P2: "(…) facilita a visualização de certos conteúdos tornando-os de mais fácil memorização."

P3: "(…) facilita a aprendizagem (…)"; "(…) a aquisição de conhecimentos de uma forma mais apelativa e rápida."

Na subcategoria «Objetivos da utilização da Internet pelos professores do 1ºCEB» obtiveram-se 7 registos/ocorrências. As quatro professoras indicam vários objetivos, dentre eles, destacam-se a opinião comum de que esta permite proporcionar, ampliar e melhorar os conhecimentos adquiridos pelos alunos:

P1: "(…) todos os que permitissem levar conhecimentos (…) às crianças."

P2: "(…) ampliar os conhecimentos."

P3: "Para motivar os alunos nas atividades (…)"; "(…) obter mais sucesso escolar e melhores aprendizagens por parte dos alunos."

P4: "Principalmente como melhoramento de aprendizagens."

Na subcategoria «Vantagens da utilização da Internet na sala de aula» obtiveram-se 9 registos/ocorrências. Todas as entrevistadas apresentaram vantagens. P1 e P3 indicam a clarificação e a aquisição de conhecimentos na construção do saber, como as principais vantagens:

P1: "Tem algumas vantagens (…)"; "(…) clarificar e permitir conhecer (…)"; "(…) para construir saberes."

P3: "São, sem dúvida, a aquisição de mais conhecimentos."

P2 e P4 apontam como vantagens a facilidade no acesso à informação que a Internet proporciona para a pesquisa imediata dos conteúdos que estão a ser explorados para que possam ser mais facilmente explicados:

P2: "Rápido acesso à informação para explicar dúvidas (…)"; "(…) acesso a imagens ilustrativas dos conteúdos trabalhados."

P4: "(…) a pesquisa imediata."

P4 indica, ainda, fatores comportamentais associados à utilização da Internet na sala de aula, tais como:

P4: "(…) a concentração (…)"; "(…) a atenção dos alunos (…)"

Na subcategoria «Conhecimento acerca de ferramentas que possibilitem uma pesquisa segura na Internet» obtiveram-se 4 registos/ocorrências. Face a um total desconhecimento demonstrado anteriormente sobre ferramentas online que abordem a segurança das crianças na Internet, as quatro docentes afirmam desconhecer ferramentas que possibilitem efetuar pesquisas seguras.

P1: "Não."

P2: "Não."

P3: "Não."

P4: "Não."

Na subcategoria «Objetivos educacionais que podem ser alcançados através do recurso às TIC em sala de aula» obtiveram-se 7 registos/ocorrências. Três das quatro professoras entrevistadas responderam a esta questão indicando vários pontos de vista, principalmente a motivação e o sucesso nas aprendizagens:

P1: "Principalmente, facilitar e aprofundar o conhecimento."

P2: "Motivação dos alunos (…)"

P3: "Criação de "novos ambientes" de trabalho (…)"; "(…) a motivação e o sucesso na aprendizagem."

P4: "Permitem uma ampliação das capacidades de adquirir conhecimento."

P2 indica, ainda, a possibilidade de se recorrer à observação dos conteúdos em plena sala de aula, bem como preparar as crianças para a utilização de uma ferramenta que está bem vincada na vida do ser humano, em todas as áreas da sociedade:

P2: "Motivação dos alunos (…)"; "(…) recurso à visualização dos conteúdos (…)"; "(…) preparação dos alunos para o quotidiano uma vez que hoje em dia as TIC rodeiam as nossas vidas."

No Bloco D, as opiniões das professoras foram no sentido de realçar a importância da Internet em contexto de sala de aula. Apesar dos constrangimentos associados à falta de computadores e a uma ligação inexistente ou de fraca qualidade à Internet fazem com que esta utilização seja limitada. No entanto, a Internet é tida como um recurso de grande valor educativo não só por proporcionar novos contextos educativos mais apelativos que são capazes de gerar nos alunos melhores níveis de aprendizagem dado o seu maior envolvimento relacionado com melhores níveis de motivação e de concentração.

3.6. Conclusão da Entrevista: «Agradecimentos e sugestões»

Por fim, e após a conclusão de cada um dos inquéritos por entrevista, foi feito um agradecimento a cada uma das entrevistadas (P1, P2, P3 e P4) pela sua participação nesta investigação. A cada uma das entrevistadas foi solicitado que acrescentassem o que entendessem a fim de se poder complementar algum dos aspetos abordados. No caso presente, não houve qualquer tipo de sugestão ou proposta que fosse enunciado pelas entrevistadas.

3.7. Conclusões Gerais das Entrevistas

Em suma, todas as professoras entrevistadas demostram ter vontade e interesse em partilhar as suas opiniões e experiências da utilização das TIC e dos *softwares*/programas utilizados em contexto educativo. Porém, um aspeto consensual entre as quatro entrevistadas foi a insuficiência de recursos digitais que ainda se faz sentir em muitas escolas e, naturalmente, em muitas salas de aula. Segundo as docentes, por muita vontade que exista por parte das mesmas e dos próprios alunos em fazerem uso das TIC, tal não poderá ser possível caso não existam equipamentos ou se os mesmos já estiverem 'ultrapassados'. As entrevistadas sugerem ainda que as Escolas deveriam investir na aquisição destes recursos e em *softwares* educativos para que estas possam utilizar as TIC nas suas aulas. Apontaram também sentir necessidade em recorrer às TIC, no entanto não as utilizam como gostariam porque não reúnem as condições necessárias para tal. Pois, no seu entender necessitam de uma maior formação em TIC e na obtenção e disponibilização de recursos digitais nas Escolas.

Apesar de o número de professoras envolvidas nestas entrevistas ser reduzido, apenas uma se mostrou mais resistente e mais cética relativamente às potencialidades da utilização das TIC, em termos particulares e também com os alunos. De um modo geral, pode-se garantir que as TIC já são parte das rotinas diárias das professoras tanto para fins pessoais como profissionais. Contudo, a utilização das TIC como estratégia ou abordagem no processo de ensino/aprendizagem ainda não é realizada de forma sistemática e extensiva. Quando estas indicam recorrer às TIC é

possível verificar que a utilização feita tem por base uma abordagem frequentemente do tipo expositivo (*PowerPoint*).

No que diz respeito à utilização da Internet, apesar de as professoras entenderem que se trata de um bom recurso, é possível perceber que não existe uma utilização e rentabilização deste recurso digital, assentando-se a prática educativa na utilização dos suportes em papel. A maioria afirma ter muito pouco conhecimento acerca de ferramentas de pesquisa seguras e de sítios que promovam a segurança das crianças na Internet.

Em termos globais, as opiniões recolhidas nas entrevistas permitem afirmar que há um sentimento positivo das professoras relativamente à importância da utilização das TIC no processo de ensino/aprendizagem, por entenderem que os alunos se sentem mais motivados e mais envolvidos. No que diz respeito à utilização das TIC em contexto de sala de aula foi possível averiguar que a sua utilização é, em termos gerais, esporádica e pontual. As principais razões parecem assentar no facto destas professoras não terem uma formação em TIC focalizada no processo de ensino/aprendizagem e das condições pouco favoráveis das escolas no que diz respeito a esta questão.

Capítulo V — Considerações Finais

Neste capítulo, são apresentadas uma síntese das principais conclusões desta investigação, decorrentes de uma triangulação de dados que incluiu a observação participante e notas de campo (sessões de intervenção: alunos, investigador, Par Pedagógico e Orientadora Cooperante), inquérito por questionário (alunos) e entrevistas semiestruturadas (professoras do 1ºCEB), as principais limitações e as dificuldades sentidas no decorrer da mesma, e a indicação de algumas sugestões e propostas para investigações futuras.

1. Conclusão

No que diz respeito à investigação realizada, o objetivo principal pretendeu ao tentar encontrar uma resposta para a questão de investigação, no sentido de analisar as implicações, em termos comparativos, da utilização da Internet (recurso digital) e do manual escolar (recurso analógico) no processo de ensino/aprendizagem ao nível do 1ºCEB. Nesta investigação também foram objeto de estudo as opiniões dos alunos e das professoras entrevistadas da Escola EB1 São Tiago que disponibilizaram o seu tempo para responder a algumas perguntas acerca da utilização da Internet em contexto educativo.

De acordo com a análise feita aos inquéritos por questionário, pode-se referir que os alunos fazem uma utilização relativamente esporádica das TIC, em termos globais, e possuem muito poucos conhecimentos acerca dos perigos na Internet. No entanto, utilizam mais o computador para atividades de lazer do que para atividades educativas. A análise dos dados permitiu concluir que a utilização da Internet nas aulas foi positiva, porque conseguiu complementar a utilização do manual de uma forma muito mais motivadora e integrada. Os resultados desta investigação, através da realização do questionário aos alunos e da elaboração de atividades em contexto de ensino/aprendizagem, permitem concluir que estas crianças já possuem um conhecimento básico para estarem completamente à vontade na realização de atividades de forma autónoma na Internet. No entanto, as mesmas admitem também que a presença e a ajuda da professora são fundamentais. Pois, no questionário os alunos quando confrontados na escolha entre o professor, o manual e a Internet, obteve-se uma resposta muito significativa no sentido de preferirem o professor.

No que diz respeito às opiniões das professoras entrevistadas, pode-se verificar que a grande maioria faz a utilização das TIC, embora de forma um pouco casual, mas têm uma postura favorável relativamente às suas potencialidades em contexto educativo. As professoras que participaram nas entrevistas realizadas têm um grande desconhecimento acerca das medidas que devem ser propostas e tomadas para tornar a internet mais segura para os seus alunos. Apesar de terem a informação dos riscos que podem estar inerentes à utilização da internet, possuem poucos conhecimentos acerca de medidas para reduzir os riscos. Isto é comprovado pela falta

de formação e pelo pouco à vontade com as TIC. No entanto, são de opinião que a Internet pode ser um valioso recurso em contexto educativo. Como se verificou na investigação, os níveis de envolvimento dos alunos ultrapassaram as expectativas quando utilizaram o computador/Internet, tendo em consideração o facto de terem apenas 7 anos.

Assim sendo, um dos pontos fracos sinalizados através da observação participante, indo ao encontro do que foi referido pelas entrevistadas prende-se com a inexistência de equipamentos nas salas de aula. A existência destes recursos apenas na biblioteca da escola impede uma utilização generalizada do mesmo e, consequentemente, uma maior facilidade no seu acesso.

Em termos globais e, para finalizar, pode concluir-se que a Internet, quando bem utilizada, pode ser um recurso educativo repleto de potencialidades no ambiente educativo. Contudo, o professor deve ter a preocupação de proporcionar aos alunos, para além de diferentes estratégias e abordagens, uma diversidade de recursos que sirvam de apoio para poderem realizar as suas aprendizagens. Neste sentido, o professor deverá ser o responsável na tomada de decisão relativamente à inclusão ou não da Internet e das TIC, em contexto sala de aula. No entanto, tratando-se de alunos que se podem considerar como 'nativos digitais', a sua apetência e vontade em utilizar as TIC é enorme, tal como foi possível observar nesta investigação, pelo que se deve aproveitar esta motiva intrínseca para se fomentarem e criarem novos enquadramentos e novos contextos que propiciem e gerem melhores e mais conhecimentos!

2. Limitações do Estudo

Ao longo do estudo, foram surgindo algumas dificuldades que são importantes mencionar. Uma das principais limitações a referir é o facto de não se possuírem competências de investigação, por se tratar de um investigador principiante.

Outra limitação foi tempo que se teve para desenvolver a investigação. Essa constatação, deve-se também, ao facto de ter que se conhecer, numa etapa inicial, a turma em estudo, para se poderem implementar atividades, o que fez com estas só tivessem sido aplicadas nas últimas semanas. Outra limitação encontrada neste estudo foi o facto de ser um projeto que se limita apenas a uma turma, ou seja, a uma amostra muito reduzida que não irá permitir uma generalização.

No entanto, a maior limitação prendeu-se com o facto dos alunos não estarem familiarizados com a utilização da Internet na sala de aula. Numa outra perspetiva, a maior limitação correspondeu ao número muito reduzido de recursos digitais. Pois, a escola em estudo não estava equipada com computadores na sala de aula. Os únicos computadores disponíveis eram os da biblioteca e nem todos tinham acesso à Internet. Esta é uma realidade que deveria ser ultrapassada para se poderem criar condições para a inovação. A falta de computadores limitou o projeto, nomeadamente

as atividades a realizar com os alunos. No entanto, tentou-se superar esse obstáculo tendo-se definido estratégias que pudessem contemplar a utilização do computador por todos os alunos.

Contudo, apesar destas limitações, tentou-se contornar os obstáculos, motivando e 'encorajando' os alunos da melhor maneira possível, de modo a ser possível dar respostas à questão da investigação que norteou este estudo

3. Sugestões para Investigações Futuras

A realização deste estudo mostrou a necessidade de serem desenvolvidos outros projetos de investigação e de intervenção durante um período maior de tempo, como um ano letivo completo.

Como mencionado anteriormente neste relatório, as crianças quando chegam à escola, já dispõem de um conhecimento significativo relativamente à utilização das TIC, uma vez que em suas casas já possuem equipamentos informáticos como, por exemplo, o computador, e, na maioria dos casos, uma ligação à Internet. Assim sendo, tendo em apreciação a divulgação dos dados sobre a adesão a este recurso digital, seria interessante verificar o impacto que a integração deste recurso poderia ter no contexto educativo e no processo de ensino e de aprendizagem, através de pesquisas que pudessem partir da iniciativa dos alunos. No entanto, como esta atividade inclui riscos para os alunos, era importante que se implementassem medidas e espaços de formação e de informação para uma utilização segura da Internet, que incluía alunos e professores.

Uma outra proposta, associada à possibilidade de a Internet poder ser usada nas casas dos alunos, poderia ser desenvolvido o projeto que envolvesse a participação dos pais em colaboração com os professores, rentabilizando as ferramentas da Web 2.0.

Bibliografia

Alvarez, M. (1991). Organização, Sistemas e Métodos. São Paulo: McGraw Hill.

Almeida, A. (1998). Papel do Trabalho Experimental na Educação em Ciência – Revista Comunicar Ciência. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento do Ensino Secundário.

Bardin, L. (2004). Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70.

Belchior, M., Tafoi, B., Paulino, C., Correia, H., Silva, M., Camilo, M., Branco, P., Almeida, P. & Fragoso, T. (1993). As Novas Tecnologias de Informação no 1º Ciclo do Ensino Básico. Lisboa: GEP – Ministério da Educação.

Bell, J. (2010). Como Realizar um Projeto de Investigação. Lisboa, Gradiva.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora.

Bogdan, R., & Taylor, S. (1975). Introdution to Qualitative Reaserch Methodos. A phenomenological approach to the social sciences. New York: J. Wiley.

Campos, L. e Veríssimo, L. (2010). Aprender a Educar. Guia para Pais e Educadores. Porto: Fundação Manuel Leão

Carmo, H. & Ferreira, M. (2008). Metodologia da Investigação. Guia para auto-aprendizagem. Lisboa: Universidade Aberta.

Carmona, S. (1985). Projecto para a Introdução das Novas Tecnologias no Sistema Educativo. Lisboa: GEP – Ministério da Educação.

Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M., & Vieira, S. (2009). Investigação-Ação. Metodologia preferencial nas práticas educativas. Revista Psicologia, Educação e Cultura, XIII.

Coutinho, C. (2011). Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas. Teoria e prática. Lisboa: Almedina.

Costa. F. A., Peralta. H & Viseu, S. (2007). As TIC na Educação em Portugal. Conceções e prática. Porto: Porto Editora.

Costa, F. (2010). Metas de Aprendizagem na área das TIC. Aprender com tecnologias. In Atas do I Encontro Internacional TIC e Educação 2010. Lisboa: Instituto Superior de Educação.

Cruz, E. (2009). Análise da Integração das TIC no Currículo de Nacional de Ensino Básico. Universidade de Lisboa. Disponível em: http://www.scribd.com/doc/26580325/Analise-da-Integracao-das-TIC-no-Curriculo-Nacional-do-Ensino-Basico. Acedido em 30 de novembro de 2015.

Damiani, M.; Vellozo, K.; Barros, R. (2004). Por Que o Trabalho Colaborativo entre Professores é Importante? Que Evidências há Sobre Isso? Disponível em http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Painel/Painel/08_48_49_POR_QUE_O_TRABALHO_COLABORATIVO_ENTRE_PROFESSORES_E_IMPORTAN.pdf. Acedido em 2 de março de 2016.

De Ketele, J-M & Roegiers, X. (1993). Metodologia da Recolha de Dados. Fundamentos dos métodos de observações, de questionários, de entrevistas e de estudo de documentos. Lisboa: Instituto Piaget.

Denscombe, M. (1998). The Good Research Guide for Small-scale Social Research Projects. Open University press: Philadelphia.

Figel, J. (2007). O Desenvolvimento Profissional de Professores e a Estratégia de Lisboa. Disponível em: http://www.dgae.mec.pt/c/document_library/get_file?p_l_id=15446&folderId=93067&name=DLFE-2408.pdf. Acedido em 23 de fevereiro de 2016.

Fraenkel, J. & Wallen, N. (2008). How to Design and Evaluate Research in Education. New York: McGraw-Hill International Edition.

Freire, P. (1975). Pedagogia do Oprimido. Porto: Afrontamento.

Freixo, M. (2009). Metodologia Científica. Fundamentos, métodos e técnicas. Lisboa: Instituto Piaget.

Gauthier, B. (2003). Investigação Social. Da problemática à colheita de dados. Loures: Lusociência.

Ghiglione, R. & Matalon, B. (1993). O Inquérito. Oeiras: Celta.

Gil, H. (2001). Internet em Contexto Educativo: "não se deixe apanhar pela rede!!!". Disponível em http://repositorio.ipcb.pt/handle/10400.11/1070. Acedido em 4 de maio de 2016.

Gil, H. (2014). As TIC, os Nativos Digitais e as Práticas de Ensino Supervisionadas. Um novo espaço e uma nova oportunidade. Disponível em: https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/2371/1/Conferencia_Henrique_Gil.pdf. Acedido em 11 de Setembro de 2015.

Godoy, A. (1995). Pesquisas Qualitativas: Tipos Fundamentais. Disponível em: http://www.producao.ufrgs.br/arquivos/disciplinas/392_pesquisa_qualitativa_godoy2.pdf. Acedido em 9 de março de 2016.

Lakatos, E. & Marconi, M. (1990). Fundamentos de Metodologia Científica. São Paulo: Editora Atlas.

Ludke, M. & André, A. (1986). Pesquisa em Educação. Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU.

May, T. (2001) Pesquisa Social. Questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artemed.

Melo, M. (2009). O Conhecimento (tácito) Histórico. Polifonia de alunos e professores. Braga: Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho.

ME-DAPP (2001). As Tecnologias da Informação e da Comunicação nas Escolas. Condições de equipamento e utilização. Lisboa: DAPP – Ministério da Educação.

Merriam, S. (1995). Qualitative Research and Case Study Applications in Education. San Francisco, CA: Jossey-Bass.

Miranda, G. (2000). As Crianças e os Computadores. Cadernos de Educação de Infância.

Miranda, G. (2007). Limites e Possibilidades das TIC na Educação. In Sísifo/Revista de Ciências da Educação, 3. Disponível em http://sisifo.fpce.ul.pt/pdfs/sisifo03PT03.pdf. Acedido em 11 de fevereiro de 2016.

Moares, R. (1999). Análise de Conteúdo. Disponível em: http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html. Acedido em 4 de março de 2016.

Nunes, F. (2004). A Apropriação das Tecnologias da Informação e da Comunicação na Sociedade Portuguesa. Disponível em http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-170-40.htm. Acedido em 11 de Setembro de 2015.

Oliveira, S. (1997). Tratado de Metodologia Científica. São Paulo: Pioneira.

Pardal, L. e Correia, E. (1995). Métodos e Técnicas de Investigação Social. Lisboa: Areal Editores.

Pais, A. (2010). Fundamentos Didatológicos e Técnico-didáticos de Desenho de Unidades Didáticas. Castelo Branco: IPCB-ESE. Disponível em: http://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/1072/1/Artigo_UD.pdf. Acedido em 18 de fevereiro de 2016.

Pais, A. (2012). Fundamentos Didatológicos para a Construção de Unidades Curriculares Integradas. Lisboa: CIED/ESE de Lisboa.

Pavão, S. (2013). Aprendizagem Escolar e sua Avaliação em Educação de Infância e 1º Ciclo. Ponta Delgada: Universidade dos Açores. Disponível em: https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/2299/1/DissertaMestradoSofiaChavesPavao2013.pdf. Acedido em 15 de fevereiro de 2016.

Pereira, S. (2011). Formar para Intervir; Competências para Promover a Literacia Mediática na Perspectiva de uma Cidadania Activa. I Congresso Nacional "Literacia: Media: e: Cidadania". Braga: Portugal.

Ponte, J. (1992). O Computador – Um Instrumento de Educação. Lisboa: Texto Editora.

Ponte, J. (2002). As TIC no Início da Escolaridade. In J. Ponte (Org.), A Formação para a Integração das TIC na Educação Pré-escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico (Cadernos da Formação de Professores). Porto: Porto Editora.

Ponte, J. & Serrazina, L. (1998). As Novas Tecnologias na Formação Inicial de Professores. Lisboa: DAPP – Ministério da Educação.

Ponte, J. P., Oliveira, H., Silva, M. J. & Reis, P. (2006). Relatório de Avaliação Internet@EB1 Programa Acompanhamento da Utilização Educativa da Internet nas Escolas Públicas do 1º Ciclo do Ensino Básico de Portugal Continental. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Proença, M. (1990). Didática da História. Lisboa: Universidade Aberta

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2005). Manual de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva.

Ribeiro, I., Ataíde, M., Salema, L. & Silva, A. (2011). A Entrevista e o Questionário online. Consultado em 11 de Setembro de 2015 em http://issuu.com/luissalema/docs/tema__a_entrevista_e_o_question_rio_online.

Roldão, M. (2007). Colaborar é Preciso – Questões de Qualidade e Eficácia no Trabalho dos Professores. Disponível em www.dgidc.minedu.pt/data/dgidc/.../dossier_questoeserazoes71.pdf. Acedido em 2 de março de 2016.

Rosa, L. (2000). A Integração das TIC na Escola. Desafios, condições e outras reflexões… Disponível em: http://www.prof2000.pt/prof2000/agora3/agora3_4.html. Acedido em 7 de setembro de 2015.

Rosa, M. & Arnoldi, M. (2008). A Entrevista na Pesquisa Qualitativa: Mecanismos para Validação dos Resultados. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Ruivo, J. & Carrega J. (2013). A Escola e as TIC na Sociedade do Conhecimento. Castelo Branco: RVJ.

Santos, B. (1999). Revista Crítica de Ciências Sociais. Porque é tão difícil construir uma teoria crítica? Coimbra: UC.

Santos, B. (2002). Revista Crítica de Ciências Sociais. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. Coimbra: UC.

Silva, B. & Silva, A. (1999). Um Olhar Sobre a Avaliação do Programa Nónio no Âmbito da Intervenção do Centro de Competência da Universidade do Minho. In Dias, P. e Freitas, V. (ed.). Actas da I

Conferência Internacional de Tecnologias da Informação e da Comunicação na Educação, Desafios'99. (1999). Braga: CC Nónio Século XXI da Universidade do Minho.

Silva, B. & Silva, A. (2002). Programa Nónio Século XXI. O desenvolvimento dos projectos das escolas do Centro de Competência da Universidade do Minho. Braga: UM/IEP. Disponível em: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/475/1/BentoDSilva.pdf. Acedido em 20 de outubro de 2015.

Silva, B. (2001). As Tecnologias da Informação e da Comunicação nas Reformas Educativas em Portugal. Revista Portuguesa de Educação, vol.14, n.º2, Braga: Universidade do Minho.

Silva, E. & Araújo, C. (2005). Reflexão em Paulo Freire – Uma Contribuição para a Formação Continuada de Professores. Disponível em http://189.28.128.100/nutricao/docs/Enpacs/pesquisaArtigos/reflexao_em_paulo_freire_2005.pdf. Acedido em 9 de fevereiro de 2016.

Teodoro, V. & Freitas, J. (1991). Educação e Computadores. Lisboa: GEP – Ministério da Educação.

Tuckman, B. (2000). Manual De Investigação em Educação. Lisboa: Fundação Calouste.

Turato, E. (2003). Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-qualitativa: Construção Teóricoepistemológica, Discussão Comparada e Aplicação nas Áreas da Saúde e Humanas. Petrópolis: Vozes.

Yin, R. K. (1994). Pesquisa Estudo de Caso - Desenho e Métodos. Porto Alegre: Bookman.

Zacharias, V. (2007). A Educação Pré-Escolar para Crianças com Necessidades Especiais. Disponível em: http://www.centrorefeducacional.com.br/edunespc.html Acedido em 3 de março de 2014.

Apêndices

Apêndice A

Pré-questionário

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

Com este questionário pretende-se recolher informação acerca dos hábitos da utilização da internet dos alunos presentes na turma 3ST_2 do 2º ano da Escola Básica de São Tiago do Agrupamento de Escola Afonso de Paiva em Castelo Branco.

Este instrumento de recolha de dados enquadra-se numa investigação no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, a decorrer na Escola Superior de Educação de Castelo Branco, de modo a possibilitar a produção do relatório de estágio. Todas as informações recolhidas são estritamente confidenciais. Os dados de identificação solicitados servem apenas para efeito de interpretação das outras respostas.

Preenche, sempre que possível com um X.

Tens computador em casa?

Sim ☐

Não ☐

Costumas usar o computador acompanhado ou sozinho?

Sozinho ☐

Com um familiar por perto ☐

Quantos computadores tens em casa?

Um ☐

Dois ☐

Três ou mais ☐

Tens Internet em casa?

Sim ☐

Não ☐

Alguma vez utilizaste a Internet?

Sim ☐

Não ☐

Se sim, há quanto tempo usas a Internet?

Há 1 ano ☐

Há mais tempo ☐

Há menos tempo ☐

Costumas visitar a Internet todos os dias?

Sim ☐

Não ☐

Se não, com que frequência a costumas visitar?

Frequentemente ☐

Algumas vezes ☐

Raramente ☐

Outro ☐

Para além da tua casa, visitas a Internet noutro sítio?

Só em casa ☐

Na Escola ☐

Em casa de familiares/amigos ☐

Outro ☐

Quando estás em casa, quantas horas usas a Internet por dia?

Menos de 1 hora ☐

1 hora ☐

2 ou mais horas ☐

Qual o site que acedes primeiro?

_____

Costumas utilizar a Internet para fazer pesquisas?

Sim ☐

Não ☐

Se sim, costumas fazer pesquisas unicamente para a Escola ou não?

Sim ☐

Não ☐

Se não, qual o assunto que mais te interessa?

_____

Tens conta em alguma rede social?

Sim ☐

Não ☐

Se sim, em qual(is)?

_____

Com que regularidade costumas aceder às redes sociais?

_____

Costumas confiar em toda a informação que encontras?

Sim ☐

Não ☐

Na tua opinião, achas que estás seguro na Internet?

Sim ☐

Não ☐

Apêndice B

Inquérito por Questionário Aplicado aos Alunos

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

Com este questionário pretende-se recolher informação acerca dos hábitos da utilização da internet dos alunos presentes na turma 3ST_2 do 2º ano da Escola Básica de São Tiago do Agrupamento de Escola Afonso de Paiva em Castelo Branco.

Este instrumento de recolha de dados enquadra-se numa investigação no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, a decorrer na Escola Superior de Educação de Castelo Branco, de modo a possibilitar a produção do relatório de estágio. Todas as informações recolhidas são estritamente confidenciais. Os dados de identificação solicitados servem apenas para efeito de interpretação das outras respostas.

Preenche, sempre que possível com um X.

GRUPO A

A tua identificação

Idade _____

Género: ☐ Masculino
☐ Feminino

GRUPO B

As Tecnologias da Informação e da Comunicação no teu dia-a-dia

1. Tens computador em casa?

☐ Sim. ☐ Não.

2. Quantas vezes utilizas o computador por semana?

☐ 1 a 2.
☐ 3 a 4.
☐ 5 a 6.
☐ Todos os dias.
☐ Só no fim de semana.

3. Onde costumas usar o computador?

☐ Casa.

☐ Casa de um familiar.

☐ Casa de um amigo.

☐ Sala de aula.

☐ Biblioteca da escola.

☐ Outro: _____

4. Como costumas usar o computador?

☐ Sozinho.

☐ Com um familiar por perto.

☐ Com amigos.

☐ Outro: _____

5. Refere quais as atividades que costumas fazer no computador:

☐ Fazer trabalhos de casa.

☐ Jogar.

☐ Ouvir música.

☐ Pesquisas na internet.

☐ Ver filmes.

☐ Outra(s): _____

6. Tens internet em casa?

☐ Sim. ☐ Não.

7. Alguma vez utilizaste a internet?

☐ Sim. ☐ Não.

Se respondeste «Não», continua para a pergunta 18.

8. Se sim, há quanto tempo usas a internet?

☐ Há menos de 1 ano.

☐ Há 1 ano.

☐ Há mais de 1 ano.

9. Qual a frequência da utilização da internet que costumas fazer?

☐ Frequentemente (todos os dias).

☐ Algumas vezes (3 vezes por semana).

☐ Raramente (1 vez por semana).

☐ Outra: _____

10. Para além da tua casa, utilizas a internet noutro local?

☐ Só em casa.

☐ Na Escola.

☐ Em casa de familiares/amigos.

☐ Outro: _____

11. Quando estás em casa, quantas horas gastas a usar a internet por dia?

☐ Menos de 1 hora.

☐ 1 hora.

☐ 2 ou mais horas.

12. Indica os sites que costumas visitar.

_____

_____

_____

13. Refere quais as atividades que mais frequentemente realizas quando utilizas a internet?

☐ Jogar.

☐ Ouvir música.

☐ Para falar com amigos e familiares.

☐ Ver filmes.

☐ Outra: _____

GRUPO C

As Tecnologias da Informação e da Comunicação na tua escola

14. Costumas utilizar a internet para fazer pesquisas?

☐ Sim. ☐ Não.

15. Se «sim», costumas fazer pesquisas unicamente para a Escola?

☐ Sim. ☐ Não.

16. Refere qual o tipo de pesquisas que costumas realizar.

☐ Para matemática.

☐ Para português.

☐ Para estudo do meio.

☐ Para expressões.

☐ Outra: _____

17. Se «Não», qual o assunto que gostarias de pesquisar?

_____

_____

_____

18. Conheces alguns dos perigos da Internet? Refere todos aqueles que conheces.

_____

_____

_____

19. Gostaste de utilizar a internet na biblioteca da escola?

☐ Sim. ☐ Não.

20. Caso tenhas respondido «Sim», classifica cada afirmação com a sinalização de um «X».

	Sim	Mais ou menos	Não
a) Aprendo melhor com o professor do que quando utilizo a internet.			
b) Aprendo melhor quando utilizo a internet.			
c) Com a utilização da internet aprendi mais facilmente.			
d) Com o manual aprendo melhor do que com o professor.			
e) Com o manual é melhor do que a internet porque não há computadores para todos.			
f) Não posso confiar sempre em toda a informação que encontro na internet.			
g) Não tenho dúvidas que o professor é sempre melhor que a internet e o manual.			
h) Prefiro o professor à utilização da internet na sala de aula.			
i) Prefiro usar a internet em vez do manual.			
j) Prefiro usar o manual porque o tenho comigo.			
k) Prefiro utilizar a internet e o manual.			
l) Quando a internet foi utilizada foi mais divertido.			
m) Se me pedirem para eu escolher, prefiro usar a internet na sala de aula em vez do manual.			
n) Tenho mais vontade de aprender quando a internet é utilizada na sala de aula.			

21. Se respondeste «Não», indica as principais razões.

_____

_____

_____

Apêndice C

Guião do Inquérito por Entrevista

Blocos	Objetivos específicos	Questões	Sub-questões
Motivação e Legitimidade da Entrevista	Legitimar a Entrevista. Motivar a Entrevista. Garantir a confidencialidade.	1.1. Explicitar qual o problema a ser resolvido na execução do relatório de estágio. 1.2. Explicar quais os objetivos a alcançar na execução do relatório de estágio. 1.3. Explicar porque é importante a colaboração da professora cooperante através da entrevista. 1.4. Assegurar o carater de confidencialidade de todas as informações obtidas.	
<u>Bloco A</u> **Literacia/Formação em Informática**	Compreender os elementos de formação inicial, relativamente às Tecnologias da Informação e da Comunicação em educação (TIC). Identificar qual o tipo de formação que teve em TIC.	A.1. Durante a sua formação (inicial ou continua) como professora, teve alguma área curricular em que abordasse as Tecnologias da Informação e da Comunicação? A.2. Foi sensibilizada para utilizar esses recursos em contexto educativo? A.3. Obteve outro tipo de formação ao nível das TIC? A.4. Considera importante desenvolver mais formação nesta área?	Qual? / Quais? Em que sentido? Porquê? Porquê?
<u>Bloco B</u> **As TIC na Educação**	Analisar a importância das TIC no sistema educativo. Conhecer o historial do uso das TIC na atividade docente. Compreender os motivos que levam o professor a recorrer às TIC nas suas aulas.	B.1. Já teve oportunidade de trabalhar nas suas aulas alguma ferramenta digital (computador ou programa/software) educativo? B.2.Quando começou a usar as TIC nas aulas?	Qual? / Quais? Porquê?

	Conhecer quais os recursos das TIC que o professor mais privilegia e compreender os motivos que justificam essa escolha. Conhecer os critérios de escolha do software didático e averiguar se o professor procura utilizar software didático que tenha sido concebido com base nos documentos oficiais do Ministério da Educação	B.3. Em que mudaram as suas aulas, desde que passou a usar as TIC? B.4. Quando planifica uma unidade temática, quais são os recursos das TIC que mais utiliza ou que pretende que os alunos utilizem? Porquê? B.5. Costuma usar software didático nas suas aulas? B.6. Considera que a área das TIC deveria ser integrada nas metas curriculares e no programa das diferentes áreas do 1ºCEB?	Porquê? Qual? / Quais? Em que sentido?
<u>Bloco C</u> **Segurança na Internet**	Conhecer os riscos que a Internet possui. Conhecer as soluções para diminuir o risco associado.	C.1. Considera a internet segura para os alunos que frequentam o 1ºCEB? C.2. Enumere os perigos que a internet possui. C.3. Para cada perigo enumerado indique soluções para mitigar o risco associado a essas ameaças. C.4. Conhece os seguintes sites: Seguranet.pt e Internetsegura.pt? C.5. Gostaria de recomendar algum site que aborde a segurança na Internet?	Porquê?
<u>Bloco D</u> **Opinião sobre o contributo da Internet no processo Ensino/Aprendizagem**	Conhecer utilização e a opinião das professoras acerca da utilização da Internet no processo ensino/aprendizagem no 1ºCEB. Identificar o tipo de objetivos educacionais que o professor	D.1. A sala de aula onde leciona tem ligação à Internet? D.2. Acha que a Internet deve ser usada na sala de aula? D.3. Com que objetivos considera que os professores do 1 º CEB	Porquê?

	considera que podem ser alcançados através de atividades com recurso às TIC.	utilizam a Internet? D.4. Quais as vantagens da utilização da Internet na sala de aula? D.5. Conhece alguma ferramenta para efetuar pesquisas seguras na Internet? Se sim quais? D.6. De um modo global, quais são os objetivos educacionais que considera que podem ser alcançados através do recurso às TIC em sala de aula?	Qual? / Quais?
Conclusão da Entrevista	Concluir a entrevista; Obter informações adicionais; Agradecer a disponibilidade e a colaboração.	1. Gostaria de acrescentar algo importante e que não tenha sido questionado?	

Apêndice D

Transcrição da Entrevista à Professora 1

Bloco A — Literacia/Formação em Informática

A.1. Durante a sua formação (inicial ou continua) como professora, teve alguma área curricular em que abordasse as Tecnologias da Informação e da Comunicação? Qual?

R.: Sim, tive. Tal como a sua pergunta o refere, em Tecnologias da Informação e da Comunicação, as TIC.

A.2. Foi sensibilizada para utilizar esses recursos em contexto educativo? Em que sentido?

R.: Fui sim. Como forma de motivar e de facilitar as aprendizagens dos alunos.

A.3. Obteve outro tipo de formação ao nível das TIC? Porquê?

R.: Não obtive nenhum tipo de formação. Porque as escolas não oferecem esses recursos.

A.4. Considera importante desenvolver mais formação nesta área? Porquê?

R.: Sim, consideraria importante, caso houvesse mais recursos na escola e os horários, demasiado longos, permitissem desenvolver mais formação ao nível dessa área.

Bloco B — As TIC na Educação

B.1. Já teve oportunidade de trabalhar nas suas aulas alguma ferramenta digital (computador ou programa/*software*) educativo? Quais?

R.: Já tive essa oportunidade sobretudo através de vídeos de temas/conteúdos da área de estudo do meio.

B.2. Quando começou a usar as TIC nas aulas? Porquê?

R.: Raramente uso as TIC nas minhas aulas e só quando os alunos estagiários o facilitam.

B.3. Em que mudaram as suas aulas, desde que passou a usar as TIC?

R.: Não mudaram nada.

B.4. Quando planifica uma unidade temática, quais são os recursos das TIC que mais utiliza ou que pretende que os alunos utilizem? Porquê?

R.: Não utilizo.

B.5. Costuma usar *software* didático nas suas aulas? Qual?

R.: Não.

B.6. Considera que a área das TIC deveria ser integrada nas metas curriculares e no programa das diferentes áreas do 1ºCEB?

R.: Sim desde que as escolas estivessem apetrechadas para tal. A realidade é outra.

Bloco C — Segurança na Internet

C.1. Considera a internet segura para os alunos que frequentam o 1ºCEB? Porquê?

R.: Considero a Internet segura para os alunos do primeiro ciclo. Desde que orientada, diretamente, por qualquer educador responsável (professor ou pais) a sua utilização é segura.

C.2. Enumere os perigos que a internet possui.

R.: Existem vários se não houver orientação/vigilância, por parte de um adulto responsabilizado.

C.3. Para cada perigo enumerado indique soluções para mitigar o risco associado a essas ameaças.

R.: Já mencionei na questão anterior. Podem surgir vários perigos se não existir orientação ou vigilância de alguém responsabilizado.

C.4. Conhece os seguintes sites: Seguranet.pt e Internetsegura.pt?

R.: Desconheço.

C.5. Gostaria de recomendar algum site que aborde a segurança na Internet?

R.: Não conheço nenhum.

Bloco D — Opinião sobre o contributo da Internet no processo Ensino-Aprendizagem

D.1. A sala de aula onde leciona tem ligação à Internet?

R.: Não, não tem, tal como referido em resposta a questões anteriores.

D.2. Acha que a Internet deve ser usada na sala de aula? Porquê?

R.: Poderia ser utilizada se fosse possível.

D.3. Com que objetivos considera que os professores do 1 º CEB utilizam a Internet?

R.: Seriam vários e todos os que permitissem levar conhecimentos, nas "mostragens" às crianças.

D.4. Quais as vantagens da utilização da Internet na sala de aula?

R.: Tem algumas vantagens, por exemplo, clarificar e permitir conhecer para construir saberes.

D.5. Conhece alguma ferramenta para efetuar pesquisas seguras na Internet? Se sim quais?

R.: Não.

D.6. De um modo global, quais são os objetivos educacionais que considera que podem ser alcançados através do recurso às TIC em sala de aula?

R.: Principalmente, facilitar e aprofundar o conhecimento.

Bloco E — Conclusão da Entrevista

E.1. Gostaria de acrescentar algo importante e que não tenha sido questionado?

R.: Apesar das TIC estarem bastante presentes na vida de cada um de nós, nas escolas a realidade é outra, principalmente nos primeiros anos onde há uma escassez de recursos que permitem o acesso à mesma.

Apêndice E

Transcrição da Entrevista à Professora 2

Bloco A — Literacia/Formação em Informática

A.1. Durante a sua formação (inicial ou continua) como professora, teve alguma área curricular em que abordasse as Tecnologias da Informação e da Comunicação? Qual?

R.: Sim, tive informática na formação inicial e na formação contínua. Abordei as TIC em contexto de sala de aula e as TIC na matemática.

A.2. Foi sensibilizada para utilizar esses recursos em contexto educativo? Em que sentido?

R.: Fui bastante sensibilizada para a sua utilização porque são motivadores para os alunos.

A.3. Obteve outro tipo de formação ao nível das TIC? Porquê?

R.: Não.

A.4. Considera importante desenvolver mais formação nesta área? Porquê?

R.: Sim. Porque cada vez mais os alunos estão despertos para as tecnologias e o seu uso em sala de aula contribui para a sua motivação.

Bloco B — As TIC na Educação

B.1. Já teve oportunidade de trabalhar nas suas aulas alguma ferramenta digital (computador ou programa/*software*) educativo? Quais?

R.: Sim. Usei como programa, o Microsoft Office PowerPoint, e como software, por exemplo, jogos interativos.

B.2. Quando começou a usar as TIC nas aulas? Porquê?

R.: Comecei a dar uso às TIC há uns sete anos. Para motivar os alunos.

B.3. Em que mudaram as suas aulas, desde que passou a usar as TIC?

R.: Mudaram bastante porque são mais motivadoras e os alunos aprendem com mais facilidade.

B.4. Quando planifica uma unidade temática, quais são os recursos das TIC que mais utiliza ou que pretende que os alunos utilizem? Porquê?

R.: Dou primazia ao uso do PowerPoint por mim, e os alunos costumam usar a Internet para fazer pesquisas relacionadas com os conteúdos abordados.

B.5. Costuma usar *software* didático nas suas aulas? Qual?

R.: Sim. Uso o software fornecido pelas editoras dos manuais.

B.6. Considera que a área das TIC deveria ser integrada nas metas curriculares e no programa das diferentes áreas do 1ºCEB?

R.: Sim, mas seriam necessários recursos suficientes em todas as escolas.

Bloco C — Segurança na Internet

C.1. Considera a internet segura para os alunos que frequentam o 1ºCEB? Porquê?

R.: Nada segura. Mas quando usada na presença do adulto torna-se segura.

C.2. Enumere os perigos que a internet possui.

R.: Por exemplo, identificação das crianças por pedófilos, acesso à informação não apropriada à idade, etc.

C.3. Para cada perigo enumerado indique soluções para mitigar o risco associado a essas ameaças.

R.: Programas específicos para escolas com conteúdos restritos e acesso aos dados apenas pelos professores e encarregados de educação.

C.4. Conhece os seguintes sites: Seguranet.pt e Internetsegura.pt?

R.: Desconheço.

C.5. Gostaria de recomendar algum site que aborde a segurança na Internet?

R.: Não conheço nenhum.

Bloco D — Opinião sobre o contributo da Internet no processo Ensino-Aprendizagem

D.1. A sala de aula onde leciona tem ligação à Internet?

R.: Não.

D.2. Acha que a Internet deve ser usada na sala de aula? Porquê?

R.: Sim. Porque facilita a visualização de certos conteúdos tornando-os de mais fácil memorização.

D.3. Com que objetivos considera que os professores do 1 º CEB utilizam a Internet?

R.: São vários, principalmente ampliar os conhecimentos.

D.4. Quais as vantagens da utilização da Internet na sala de aula?

R.: Rápido acesso à informação para explicar dúvidas; acesso a imagens ilustrativas dos conteúdos trabalhados.

D.5. Conhece alguma ferramenta para efetuar pesquisas seguras na Internet? Se sim quais?

R.: Não.

D.6. De um modo global, quais são os objetivos educacionais que considera que podem ser alcançados através do recurso às TIC em sala de aula?

R.: Motivação dos alunos; recurso à visualização dos conteúdos; preparação dos alunos para o quotidiano uma vez que hoje em dia as TIC rodeiam as nossas vidas.

Bloco E — Conclusão da Entrevista

E.1. Gostaria de acrescentar algo importante e que não tenha sido questionado?

R.: Não.

Apêndice F

Transcrição da Entrevista à Professora 3

Bloco A — Literacia/Formação em Informática

A.1. Durante a sua formação (inicial ou continua) como professora, teve alguma área curricular em que abordasse as Tecnologias da Informação e da Comunicação? Qual?

R.: Sim, em TIC. Apenas a ensinar como ligar e desligar o computador, e somente a escrever textos no Microsoft Office Word.

A.2. Foi sensibilizada para utilizar esses recursos em contexto educativo? Em que sentido?

R.: Sim. Porque a sua utilização contribui para melhorar a motivação, a concentração e o empenho dos alunos facilitando assim a aquisição de conhecimentos.

A.3. Obteve outro tipo de formação ao nível das TIC? Qual?

R.: Sim. Obtive formação em Microsoft Office Excel.

A.4. Considera importante desenvolver mais formação nesta área? Porquê?

R.: Sim. Porque permite uma maior motivação dos alunos na execução das suas tarefas facilitando a sua aprendizagem.

Bloco B — As TIC na Educação

B.1. Já teve oportunidade de trabalhar nas suas aulas alguma ferramenta digital (computador ou programa/*software*) educativo? Quais?

R.: Sim. Trabalhei com o computador fazendo pesquisas na internet, escrevendo textos no Word, criando um blog de escola e fazendo bandas desenhadas através do Toondoo.

B.2. Quando começou a usar as TIC nas aulas? Porquê?

R.: Logo que me foi facultado um computador na sala de aula.

B.3. Em que mudaram as suas aulas, desde que passou a usar as TIC?

R.: As TIC facilitam as pesquisas e a motivação dos alunos.

B.4. Quando planifica uma unidade temática, quais são os recursos das TIC que mais utiliza ou que pretende que os alunos utilizem? Porquê?

R.: Internet e escrita no Word.

B.5. Costuma usar *software* didático nas suas aulas? Qual?

R.: Neste momento não uso, pois não tenho computador na sala de aula.

B.6. Considera que a área das TIC deveria ser integrada nas metas curriculares e no programa das diferentes áreas do 1ºCEB?

R.: Eu acho que deveria ser integrada desde que haja recursos humanos e bons recursos materiais.

Bloco C — Segurança na Internet

C.1. Considera a internet segura para os alunos que frequentam o 1ºCEB? Porquê?

R.: A internet só será segura se for controlada e vigiada.

C.2. Enumere os perigos que a internet possui.

R.: A cada acesso estamos expostos a vírus e malware. Pode haver roubo de identidade, calúnias, acesso a contas bancárias, etc.

C.3. Para cada perigo enumerado indique soluções para mitigar o risco associado a essas ameaças.

R.: Nunca divulgar dados pessoais, como endereço, telefone, números de documentos, ter cuidado com a publicação de fotos e assuntos comprometedores.

C.4. Conhece os seguintes sites: Seguranet.pt e Internetsegura.pt?

R.: Não.

C.5. Gostaria de recomendar algum site que aborde a segurança na Internet?

R.: Não.

Bloco D — Opinião sobre o contributo da Internet no processo Ensino-Aprendizagem

D.1. A sala de aula onde leciona tem ligação à Internet?

R.: Sim, mas muito fraca.

D.2. Acha que a Internet deve ser usada na sala de aula? Porquê?

R.: Sim. Porque facilita a aprendizagem, a aquisição de conhecimentos de uma forma mais apelativa e rápida.

D.3. Com que objetivos considera que os professores do 1 º CEB utilizam a Internet?

R.: Para motivar os alunos nas atividades e obter mais sucesso escolar e melhores aprendizagens por parte dos alunos.

D.4. Quais as vantagens da utilização da Internet na sala de aula?

R.: São, sem dúvida, a aquisição de mais conhecimentos.

D.5. Conhece alguma ferramenta para efetuar pesquisas seguras na Internet? Se sim quais?

R.: Não.

D.6. De um modo global, quais são os objetivos educacionais que considera que podem ser alcançados através do recurso às TIC em sala de aula?

R.: Criação de "novos ambientes" de trabalho que promovam a motivação e o sucesso na aprendizagem.

Bloco E — Conclusão da Entrevista

E.1. Gostaria de acrescentar algo importante e que não tenha sido questionado?

R.: Não.

Apêndice G

Transcrição da Entrevista à Professora 4

Bloco A — Literacia/Formação em Informática

A.1. Durante a sua formação (inicial ou continua) como professora, teve alguma área curricular em que abordasse as Tecnologias da Informação e da Comunicação? Porquê?

R.: Não. Não tive formação.

A.2. Foi sensibilizada para utilizar esses recursos em contexto educativo? Em que sentido?

R.: Sim. No agrupamento onde trabalhei.

A.3. Obteve outro tipo de formação ao nível das TIC? Qual?

R.: Sim. Formação de sindicato.

A.4. Considera importante desenvolver mais formação nesta área? Porquê?

R.: Sim. Seria vantajoso como auxílio ao método tradicional.

Bloco B — As TIC na Educação

B.1. Já teve oportunidade de trabalhar nas suas aulas alguma ferramenta digital (computador ou programa/*software*) educativo? Quais?

R.: Sim. PowerPoint como exposição de conteúdos.

B.2. Quando começou a usar as TIC nas aulas? Porquê?

R.: Quando surgiram. Como motivação dos alunos.

B.3. Em que mudaram as suas aulas, desde que passou a usar as TIC?

R.: Passou a haver maior concentração e atenção por parte dos alunos.

B.4. Quando planifica uma unidade temática, quais são os recursos das TIC que mais utiliza ou que pretende que os alunos utilizem? Porquê?

R.: Pesquisa. Para alargar o conhecimento dos alunos.

B.5. Costuma usar *software* didático nas suas aulas? Qual?

R.: Neste momento não existe na sala de aula.

B.6. Considera que a área das TIC deveria ser integrada nas metas curriculares e no programa das diferentes áreas do 1ºCEB?

R.: Sim, desde que haja recursos nas escolas.

Bloco C — Segurança na Internet

C.1. Considera a internet segura para os alunos que frequentam o 1ºCEB? Porquê?

R.: Não. Estão expostos a muitos perigos que muitas vezes são difíceis de controlar.

C.2. Enumere os perigos que a internet possui.

R.: A falta de controle por parte do adulto é um deles, talvez o pior.

C.3. Para cada perigo enumerado indique soluções para mitigar o risco associado a essas ameaças.

R.: (sem resposta)

C.4. Conhece os seguintes sites: Seguranet.pt e Internetsegura.pt?

R.: Sim.

C.5. Gostaria de recomendar algum site que aborde a segurança na Internet?

R.: Não.

Bloco D — Opinião sobre o contributo da Internet no processo Ensino-Aprendizagem

D.1. A sala de aula onde leciona tem ligação à Internet?

R.: Nem sempre.

D.2. Acha que a Internet deve ser usada na sala de aula? Porquê?

R.: Sim, deveria, mas a sala não tem computador.

D.3. Com que objetivos considera que os professores do 1 º CEB utilizam a Internet?

R.: Principalmente como melhoramento de aprendizagens.

D.4. Quais as vantagens da utilização da Internet na sala de aula?

R.: Como vantagens da sua utilização existe a concentração e a atenção dos alunos e também a pesquisa imediata.

D.5. Conhece alguma ferramenta para efetuar pesquisas seguras na Internet? Se sim quais?

R.: Não.

D.6. De um modo global, quais são os objetivos educacionais que considera que podem ser alcançados através do recurso às TIC em sala de aula?

R.: (sem resposta)

Bloco E — Conclusão da Entrevista

E.1. Gostaria de acrescentar algo importante e que não tenha sido questionado?

R.: Não

Apêndice H

Análise de Conteúdo do Inquérito por Entrevista

Bloco A: «Literacia/Formação em Informática»

Subcategoria	Indicadores	Nº de registo/ ocorrências
A.1. Durante a sua formação (inicial e/ou continua) como professora, teve alguma área curricular em que abordasse as Tecnologias da Informação e da Comunicação? Qual?	P1: "Sim, tive. Tal como a sua pergunta o refere, em Tecnologias da Informação e da Comunicação, as TIC."	1
	P2: "Sim."; "(…) tive informática na formação inicial e na formação contínua."; "Abordei as TIC em contexto de sala de aula (…)"; "(…) e as TIC na matemática."	4
	P3: "Sim, em TIC."; "(…) a ensinar como ligar e desligar o computador (…)"; "(…) a escrever textos no Microsoft Office Word."	2
	P4: "Não tive formação."	1
	Total de ocorrências	8
Inferências: Das quatro professoras entrevistadas apenas P4 refere não ter tido qualquer tipo de formação em TIC. Como tal, as entrevistadas P1, P2 e P3 referem ter obtido uma formação em TIC. Neste particular, P2 refere ter possuído uma formação em TIC com um enquadramento educativo, em termos gerais, e com uma particular incidência na matemática. P1 e P2, por seu lado, referem ter obtido uma formação em TIC mas com carácter generalista.		

Subcategoria	Indicadores	Nº de registo/ ocorrências
A.2. Foi sensibilizada para utilizar esses recursos em contexto educativo? Em que sentido?	P1: "Fui sim."; "Como forma de motivar e de facilitar as aprendizagens dos alunos."	3
	P2: "Fui bastante sensibilizada"; "(…) são motivadores para os alunos."	2
	P3: "Sim." "(…) a sua utilização contribui para melhorar a motivação"; "(…) a concentração (…)"; "(…) o empenho dos alunos (…)"; "(…) facilitando assim a aquisição de conhecimentos."	5
	P4: "Sim."; "No agrupamento onde trabalhei."	2
	Total de ocorrências	12
Inferências: Das quatro professoras entrevistadas, todas garantem ter sido sensibilizadas a utilizar as TIC como recurso educativo. P1 e P2 afirmam que a motivação e a facilidade nas aprendizagens foram o que as levaram a utilizar este recurso. Já P4, aponta que foi motivada a usá-las no agrupamento onde trabalhou sem indicar em que sentido, ficando assim impossível saber se foi uma utilização contrariada. P3 explica mais detalhadamente as causas que a levou a tal uso, como por exemplo, motivos comportamentais e facilidade disponibilizada por tais recursos.		

Subcategoria	Indicadores	Nº de registo/ ocorrências
A.3. Obteve outro tipo de formação ao nível das TIC? Porquê?	P1: "Não obtive nenhum tipo de formação."; "Porque as escolas não oferecem esses recursos."	2
	P2: "Não."	1
	P3: "Sim." "Obtive formação em Microsoft Office Excel."	2
	P4: "Sim." "Formação de sindicato."	2
	Total de ocorrências	7
Inferências: Duas professoras, P1 e P2 respetivamente, negam ter tido outro tipo de formação ao nível das TIC. P1 acrescenta, ainda, o facto de as escolas não prestarem esses meios. Por outro lado, P3 e P4 afirmam ter tido outro tipo de formação, ao nível do Excel, no que diz respeito a P3, e, uma formação de sindicato em relação a P4.		

Subcategoria	Indicadores	Nº de registo/ ocorrências
A.4. Considera importante desenvolver mais formação nesta área? Porquê?	P1: "Sim, consideraria importante (…)"; "(…) caso houvesse mais recursos na escola (…)"; "(…) e os horários, demasiado longos, permitissem desenvolver mais formação ao nível dessa área."	3
	P2: "Sim."; "(…) cada vez mais os alunos estão despertos para as tecnologias (…)"; "(…) o seu uso em sala de aula contribui para a sua motivação."	3
	P3: "Sim."; "(…) permite uma maior motivação dos alunos na execução das suas tarefas (…)"; "(…) facilitando a sua aprendizagem."	3
	P4: "Sim."; "Seria vantajoso como auxílio ao método tradicional."	2
	Total de ocorrências	11
Inferências: Todas as entrevistadas concordam positivamente e mostram interesse na oferta de mais formação na área das TIC. P1 volta a apontar as carências ao nível das TIC nas escolas para justificar o facto da escassez das formações. P2 revela a emergência das crianças cada vez mais nas novas tecnologias para o facto de se estar cada vez mais preparado para as usar em contexto de sala de aula, assim como P4 acrescenta ser um método mais vantajoso quando utilizado como extensão do método tradicional. Por fim, P3 aponta as TIC como facilitadoras da aprendizagem.		

Bloco B: «As TIC na Educação»

Subcategoria	Indicadores	Nº de registo/ ocorrências
B.1. Já teve oportunidade de trabalhar nas suas aulas alguma ferramenta digital (computador ou programa/software) educativo? Quais?	P1: "Já tive essa oportunidade (…)"; "(…) através de vídeos de temas/conteúdos da área de estudo do meio."	2
	P2: "Sim."; "(…) como programa, o Microsoft Office PowerPoint (…)"; "(…) como software, por exemplo, jogos interativos."	3
	P3: "Sim."; "(…) pesquisas na internet (…)"; "(…) escrevendo textos no Word (…)"; "(…) criando um blogue de escola (…)"; "(…) fazendo bandas desenhadas através do Toondoo."	5
	P4: "Sim."; "PowerPoint como exposição de conteúdos."	2
	Total de ocorrências	12
Inferências: Todas as professoras afirmam ter tido a oportunidade de trabalhar nas suas aulas alguma ferramenta digital. P1 indica os vídeos para abordar temas e conteúdos relativos à área curricular de estudo do meio. P2, P3 e P4 apontam terem feito uso de ferramentas Office, como o Word para escrita de textos, e o PowerPoint para exposição de conteúdos. P2 acrescenta o uso de jogos interativos. Por sua vez, P3 menciona ter feito com os alunos pesquisas na Internet, criado um blogue de escola e bandas desenhados com recurso ao Toondoo.		

Subcategoria	Indicadores	Nº de registo/ ocorrências
B.2. Quando começou a usar as TIC nas aulas? Porquê?	P1: "Raramente (…)"; "(…) só quando os alunos estagiários o facilitam."	2
	P2: "Comecei a dar uso às TIC há uns sete anos."; "Para motivar os alunos."	2
	P3: "Logo que me foi facultado um computador na sala de aula."	1
	P4: "Quando surgiram."; "Como motivação dos alunos."	2
	Total de ocorrências	7
Inferências: No que diz respeito ao início, que as professoras entrevistadas deram ao uso das TIC, apenas duas assumem fazer uso das mesmas há já algum tempo, P2 e P4 respetivamente. No caso de P3 não se sabe ao certo há quanto tempo começou a usar as TIC embora diga que assim que lhe foi facultado um computador na sala de aula as tenha começado a usar. Em contrapartida, P1 faz um uso muito escasso das mesmas e garante que só quando os alunos estagiários o pretendem, é que se faz uso destas tecnologias.		

Subcategoria	Indicadores	Nº de registo/ ocorrências
B.3. Em que mudaram as suas aulas, desde que passou a usar as TIC?	P1: "Em nada."	1
	P2: "Mudaram bastante (…)"; "(…) são mais motivadoras (…)"; "(…) os alunos aprendem com mais facilidade."	3
	P3: "As TIC facilitam as pesquisas (…)"; "(…) e a motivação dos alunos."	2
	P4: "Passou a haver maior concentração (…)"; "(…) e atenção por parte dos alunos."	2
	Total de ocorrências	8
Inferências: Apesar de P1 garantir que em nada mudaram as suas aulas desde que passou a usar as TIC, as restantes professoras apresentam vários pontos em como a utilização das TIC influenciaram como, por exemplo, a motivação, a facilidade de aprendizagem e a atenção.		

Subcategoria	Indicadores	Nº de registo/ ocorrências
B.4. Quando planifica uma unidade temática, quais são os recursos das TIC que mais utiliza ou que pretende que os alunos utilizem? Porquê?	P1: "Nenhuns."	1
	P2: "Dou primazia ao uso do PowerPoint por mim (…)"; "(…) os alunos costumam usar a Internet para fazer pesquisas relacionadas com os conteúdos abordados."	2
	P3: "Internet (…); "(…) escrita no Word."	2
	P4: "Pesquisa."; "Para alargar o conhecimento dos alunos."	2
	Total de ocorrências	7
Inferências: Apesar de P1 afirmar que não usa quaisquer recursos das TIC quando planifica uma unidade temática, as restantes docentes dão exemplos de ferramentas que utilizam bem como os alunos. P2 e P3 indicam ferramentas Office: o PowerPoint para expor conteúdos e o Word para escrita de textos. Indicam ainda, em conjunto com P4, a pesquisa na Internet.		

Subcategoria	Indicadores	Nº de registo/ ocorrências
B.5. Costuma usar software didático nas suas aulas? Qual?	P1: "Não."	1
	P2: "Sim."; "Uso o software fornecido pelas editoras dos manuais."	2
	P3: "Neste momento não uso (…)"; "(…) não tenho computador na sala de aula."	2
	P4: "Neste momento não existe na sala de aula."	1
	Total de ocorrências	6
Inferências: P1, P3 e P4 declaram não usar software didático nas suas aulas ao contrário de P2 que afirma usar o software fornecido pelas editoras dos manuais. Através das respostas de P3 e P4 é possível compreender a escassez de recursos tecnológicos nas escolas do 1ºCEB e, principalmente, nas salas de aulas.		

Subcategoria	Indicadores	Nº de registo/ ocorrências
B.6. Considera que a área das TIC deveria ser integrada nas metas curriculares e no programa das diferentes áreas do 1ºCEB?	P1: "Sim (…)"; "(…) desde que as escolas estivessem apetrechadas para tal."; "A realidade é outra."	3
	P2: "Sim (…)"; "(…) seriam necessários recursos suficientes em todas as escolas."	2
	P3: "Eu acho que deveria ser integrada (…)"; "(…) desde que haja recursos humanos (…)"; "(…) e bons recursos materiais."	3
	P4: "Sim (…)"; "(…) desde que haja recursos nas escolas."	2
	Total de ocorrências	10
Inferências: As quatro professoras estão de acordo no que diz respeito à integração da área das TIC nas metas curriculares e no programa das diferentes áreas do 1ºCEB. No entanto, apontam a falta de recursos tecnológicos como o verdadeiro impedimento para que haja a sua integração.		

Bloco C: «Segurança na Internet»

Subcategoria	Indicadores	Nº de registo/ ocorrências
C.1. Considera a internet segura para os alunos que frequentam o 1ºCEB? Porquê?	P1: "Considero a Internet segura para os alunos do primeiro ciclo."; "Desde que orientada, diretamente, por qualquer educador responsável (professor ou pais) a sua utilização é segura."	2
	P2: "Nada segura."; "(…) quando usada na presença do adulto torna-se segura."	1
	P3: "A internet só será segura se for controlada e vigiada."	2
	P4: "Não."; "Estão expostos a muitos perigos que muitas vezes são difíceis de controlar."	2
	Total de ocorrências	7
Inferências: De um modo geral, as quatro professoras entrevistadas sabem que a Internet não é segura para os alunos do 1ºCEB. P1, P2 e P3 indicam a vigilância e o acompanhamento por parte de adultos como uma forma segura de estes estarem na Internet. P4 afirma que os alunos «estão expostos a muitos perigos que muitas vezes são difíceis de controlar.»		

Subcategoria	Indicadores	Nº de registo/ ocorrências
C.2. Enumere os perigos que a internet possui.	P1: "Existem vários se não houver orientação/vigilância, por parte de um adulto responsabilizado."	1
	P2: "(…) identificação das crianças por pedófilos (…)"; "(…) acesso à informação não apropriada à idade (…)"	2
	P3: "(…) vírus (…)"; "(…) *malware* (…)"; "Pode haver roubo de identidade (…)"; "(…) calúnias (…)"; "(…) acesso a contas bancárias (…)"	5
	P4: "A falta de controle por parte do adulto é um deles, talvez o pior."	1
	Total de ocorrências	9
Inferências: P1 e P4 voltam a indicar o acompanhamento de um adulto como forma de evitar os perigos da Internet. No entanto, P2 e P3 enumeram vários perigos não estando todos relacionados diretamente a crianças do 1ºCEB.		

Subcategoria	Indicadores	Nº de registo/ ocorrências
C.3. Para cada perigo enumerado indique soluções para mitigar o risco associado a essas ameaças.	P1: "Podem surgir vários perigos se não existir orientação ou vigilância de alguém responsabilizado."	1
	P2: "Programas específicos para escolas com conteúdos restritos (…); "(…) acesso aos dados apenas pelos professores e encarregados de educação."	2
	P3: "Nunca divulgar dados pessoais, como endereço, telefone, números de documentos (…)"; "(…) ter cuidado com a publicação de fotos e assuntos comprometedores."	2
	P4: "Não tenho opinião"	1
	Total de ocorrências	6
Inferências: Mais uma vez, P1 indica como solução o acompanhamento de um adulto. P2 indica a possibilidade de se criar software específico para escolas com conteúdo restrito. P2 e P3 acrescentam ainda a proteção dos dados das crianças, sendo apenas possíveis de ser acedidos pelos encarregados de educação.		

Subcategoria	Indicadores	Nº de registo/ ocorrências
C.4. Conhece os seguintes sites: Seguranet.pt e Internetsegura.pt?	P1: "Não."	1
	P2: "Não."	1
	P3: "Não."	1
	P4: "Sim."	1
	Total de ocorrências	4
Inferências: Apenas P3 afirma conhecer os sítios indicados. As restantes entrevistadas indicam não conhecer nenhum dos dois sítios sobre segurança na Internet.		

Subcategoria	Indicadores	Nº de registo/ ocorrências
C.5. Gostaria de recomendar algum site que aborde a segurança na Internet?	P1: "Não."	1
	P2: "Não."	1
	P3: "Não."	1
	P4: "Não."	1
	Total de ocorrências	4
Inferências: Todas as entrevistadas desconhecem sítios que abordem a segurança na Internet.		

Bloco D: «Opinião sobre o contributo da Internet no processo Ensino-Aprendizagem»

Subcategoria	Indicadores	Nº de registo/ ocorrências
D.1. A sala de aula onde leciona tem ligação à Internet?	P1: "Não (…)"	1
	P2: "Não."	1
	P3: "Sim (…)"; "(…) muito fraca."	2
	P4: "Nem sempre."	1
	Total de ocorrências	5
Inferências: P1 e P2 afirma não ter acesso a este recurso na sala de aula enquanto P3 e P4 indicam ter Internet disponível nas suas salas embora o seu acesso seja muito limitado.		

Subcategoria	Indicadores	Nº de registo/ ocorrências
D.2. Acha que a Internet deve ser usada na sala de aula? Porquê?	P1: "Poderia ser utilizada (…)"; "(…) se fosse possível."	1
	P2: "Sim."; "(…) facilita a visualização de certos conteúdos tornando-os de mais fácil memorização."	2
	P3: "Sim."; "(…) facilita a aprendizagem (…)"; "(…) a aquisição de conhecimentos de uma forma mais apelativa e rápida."	3
	P4: "Sim, deveria (…)"; "(…) a sala não tem computador."	2
	Total de ocorrências	8
Inferências: Todas as professoras consideram a Internet como um recurso a ser utilizado na sala de aula. P1 e P4 lamentam a falta de recursos tecnológicos como uma forma de impossibilitar a sua utilização. P2 e P3 justificam que a Internet facilita a aprendizagem.		

Subcategoria	Indicadores	Nº de registo/ ocorrências
D.3. Com que objetivos considera que os professores do 1 º CEB utilizam a Internet?	P1: "Seriam vários (…)"; "(…) todos os que permitissem levar conhecimentos (…) às crianças."	2
	P2: "São vários (…)"; "(…) ampliar os conhecimentos."	2
	P3: "Para motivar os alunos nas atividades (…)"; "(…) obter mais sucesso escolar e melhores aprendizagens por parte dos alunos."	2
	P4: "Principalmente como melhoramento de aprendizagens."	1
	Total de ocorrências	7
Inferências: São vários os objetivos que as quatro entrevistadas apontam para os professores do 1ºCEB utilizarem a Internet. A ampliação dos conhecimentos e a motivação são os principais, indicados por P1, P2 e P4. P3 acrescenta ainda que o sucesso escolar pode ser outro dos objetivos quando a Internet é utilizada.		

Subcategoria	Indicadores	Nº de registo/ ocorrências
D.4. Quais as vantagens da utilização da Internet na sala de aula?	P1: "Tem algumas vantagens (…)"; "(…) clarificar e permitir conhecer (…)"; "(…) para construir saberes."	3
	P2: "Rápido acesso à informação para explicar dúvidas (…)"; "(…) acesso a imagens ilustrativas dos conteúdos trabalhados."	2
	P3: "São, sem dúvida, a aquisição de mais conhecimentos."	1
	P4: "(…) a concentração (…)"; "(…) a atenção dos alunos (…)"; "(…) a pesquisa imediata."	3
	Total de ocorrências	9
Inferências: A Internet é vantajosa pois, segundo P1, permite clarificar e explicar dúvidas, acrescenta P2. P4 diz que a Internet ajuda na concentração e atenção dos alunos. P2 e P4 afirmam que a pesquisa imediata é facilitadora.		

Subcategoria	Indicadores	Nº de registo/ ocorrências
D.5. Conhece alguma ferramenta para efetuar pesquisas seguras na Internet? Se sim quais?	P1: "Não."	1
	P2: "Não."	1
	P3: "Não."	1
	P4: "Não."	1
	Total de ocorrências	4
Inferências: Nenhuma das professoras entrevistadas conhece uma ferramenta para efetuar pesquisas seguras na Internet.		

Subcategoria	Indicadores	Nº de registo/ ocorrências
D.6. De um modo global, quais são os objetivos educacionais que considera que podem ser alcançados através do recurso às TIC em sala de aula?	P1: "Principalmente, facilitar e aprofundar o conhecimento."	1
	P2: "Motivação dos alunos (…)"; "(…) recurso à visualização dos conteúdos (…)"; "(…) preparação dos alunos para o quotidiano uma vez que hoje em dia as TIC rodeiam as nossas vidas."	3
	P3: "Criação de "novos ambientes" de trabalho (…)"; "(…) a motivação e o sucesso na aprendizagem."	2
	P4: "Permitem uma ampliação das capacidades de adquirir conhecimento."	1
	Total de ocorrências	7
Inferências: P1 e P4 indicam as TIC como um recurso facilitador na aprofundação e ampliação nas capacidades de adquirir conhecimento. P2 e P3 acrescentam a motivação e o sucesso dos alunos.		

Apêndice I

Guião da atividade da 1ª Sessão de Intervenção

Hábitos de higiene

HÁBITOS DE HIGIENE **PESSOAL**	HÁBITOS DE HIGIENE **COLETIVOS**
higiene corporal:	na sala de aula / biblioteca:
higiene no vestuário:	em casa:
higiene na alimentação:	espaços públicos:

Data ___/___/___ Grupo _____

Apêndice J

Guião da atividade da 2ª Sessão de Intervenção

As profissões e as suas funções

As pessoas não podem viver sozinhas. Precisam do trabalho dos outros para o seu bem-estar. Cada profissão tem a sua função social.

O que vou fazer?

Pesquisa na Internet sobre profissões que nos ensinam; profissões que contribuem para a nossa saúde e segurança; profissões que nos fornecem alimentos; e, profissões que nos prestam serviços úteis.

Onde?

Nos computadores da biblioteca da escola, e através dos seguintes sítios:

- http://
- http://

Como?

Em grupos de dois por cada computador. Um elemento do grupo faz a pesquisa e o outro regista nesta folha a informação encontrada.

Profissões que nos **ensinam**

_____
_____
_____

Profissões que contribuem para a nossa **saúde** e **segurança**

_____
_____
_____

Profissões que nos fornecem **alimentos**

_____
_____
_____

Profissões que nos prestam **serviços úteis**

_____
_____
_____

Data ____/____/____ Grupo _____

Apêndice K

Exemplo de uma Unidade Didática aplicada no 1ºCEB

UNIDADE DIDÁTICA Nº9

Semana de 9 e 10 de dezembro

«AS PROFISSÕES»

2º ANO (1º CEB)

RICARDO TAVARES

INTRODUÇÃO

Esta unidade didática foi contruída para dois dias letivos e a ser implementada na turma 3ST_2 da Escola Básica de São Tiago em Castelo Branco. A seguinte planificação tem uma seleção e sequenciação dos conteúdos programáticos por áreas curriculares, sendo elas: estudo do meio, português, matemática e expressões.

O tema desta unidade é «As profissões» centrando-se nos modos de vida e funções de alguns membros da comunidade. Cada aluno terá o mapa da cidade como elemento integrador. Este mapa está repleto de locais onde se praticam as mais variadas profissões que servirão de ponto de partida para todas as atividades a desenvolver durante os dois dias. Será nele que muitas profissões terão que ser indicadas assim como as suas respetivas funções. Os materiais necessários para esta implementação são: borracha; elemento integrador; folha de trabalho; giz branco e colorido; guião de atividades; lápis de cor e de grafite; manuais do aluno; quadro.

Nesta semana irei dar contunuídade ao meu projeto de investigação, cujo título e subtítulo são: «Utilização de recurso digital (internet) e utilização de recurso analógico (manual escolar) no 1ºCEB. Implicações no processo de ensino/aprendizagem». No que diz respeito à investigação a realizar, pretende-se encontrar uma resposta para a seguinte questão de investigação: «Quais as implicações, em termos comparativos, na utilização da internet (recurso digital) e do manual escolar (recurso analógico) no processo de ensino/aprendizagem ao nível do 1ºCEB?»

Para o efeito, são definidos os seguintes objetivos:

a) Promover a utilização das TIC em contexto educativo;
b) Enquadrar a utilização da Internet no processo de ensino/aprendizagem no 1ºCEB.
c) Implementar e diversificar recursos educativos na sala de aula: recurso digital (Internet) e recurso analógico (manual escolar);
d) Comparar as implicações na utilização de recurso digital e de recurso analógico no processo de ensino/aprendizagem.

Sendo assim, nesta planificação estão esclarecidos os conteúdos a serem aprendidos, os objetivos a serem obtidos e o roteiro de ensino e aprendizagem onde consta a sequência das atividades previstas, nomeadamente a tipologia, finalidade didática e os seus procedimentos de execução. Por isso a construção desta unidade didática tem por base uma perspetiva construtivista, que parte dos conhecimentos prévios dos alunos e que se vai interligando com os conteúdos a serem explorados.

FUNDAMENTAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DIDÁTICA

Esta unidade didática está planeada para uma turma constituída por 26 alunos que apresenta grandes dificuldades ao nível da leitura, e algumas dificuldades na escrita. Outro ponto crítico é o mau comportamento de alguns alunos que perturbam os restes elementos da turma, sendo sempre necessário estar a chamar à sua atenção.

Como pré-requisitos desta unidade, é esperado que os alunos saibam identificar profissões e respetivas funções; escolher uma profissão e escrever um texto sobre as razões da escolha; utilizar várias estratégias para resolver problemas matemáticos, e escrever textos curtos com respeito pelo tema, pelas regras básicas de ortografia e pontuação, assegurando a continuidade referencial e marcando abertura e fecho.

Ao iniciar as atividades, irei explicar os conceitos e esclarecer as dúvidas em grande grupo, permitindo ajudar no trabalho individual dos alunos. A maioria da resolução das atividades será feita em grande grupo sempre com registo no quadro e na folha de trabalhos individual ou no guião de atividades. Relativamente à avaliação irá ser feita através de dois momentos: diagnóstica sempre que se der início a um novo tema, e formativa através da observação e correção dos exercícios realizados no guião de atividades, manuais, folha de trabalhos individual e no quadro. Espera-se que nestas circunstâncias, todos os alunos possam aprender as mesmas coisas e que ocorra sempre em simultâneo. Porém, sei pela minha própria experiência e observação que nem sempre ocorre assim, e, muitas vezes, o que está planeado não é cumprido pois tem-se que insistir mais a fundo nos conteúdos e persistir mais nalguns alunos que apresentem mais dificuldades em atingir os objetivos propostos.

As atividades planificadas no seguinte percurso de ensino e aprendizagem são interdisciplinares, algumas interligadas entre si, e que se realizam na maioria em grande grupo. Estas abrangem as várias áreas curriculares como o português, a matemática, o estudo do meio e as expressões, e pretendem cativar os alunos através dos dois elementos integradores. Numa primeira abordagem, no início de cada atividade planeada, será estimulado o diálogo com a turma de modo a reconhecer o conceito que os alunos têm sobre o tema a trabalhar. Ao sugerir uma metodologia de aprendizagem, bem como um conjunto de métodos e técnicas de aprendizagem, voltada para a utilização em grupos, com estratégias de desenvolvimento de competências e habilidades, requer que se trabalhe a aprendizagem e o desenvolvimento tanto pessoal quanto social. Sendo assim, o papel que vou desempenhar nesta unidade didática é o de professor intermediário situando o aluno como o agente de sua aprendizagem.

Os alunos serão avaliados de acordo com o seu interesse e a sua participação no decorrer do desenvolvimento das atividades desenvolvidas. Sendo, ao final de cada atividade ou exercício aplicado, necessário que o aluno realize as atividades propostas como forma de compreensão a avaliação da sua aprendizagem. Cada aluno fará a sua autoavaliação de modo a determinar por si mesmo a sua compreensão dos conteúdos trabalhados. A leitura será avaliada através de uma grelha que avalia os seguintes critérios: correção, intensidade, ritmo, expressividade e articulação.

Prática Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico | 2015

PLANIFICAÇÃO DIDÁTICA
GUIÃO DE ATIVIDADES

ELEMENTOS DE IDENTIFICAÇÃO

Orientadora Cooperante: Professora Carmo Marques

Estudante de Prática Supervisionada: Ricardo Tavares

Professor Supervisor: Professor Doutor António Pais

Turma: 3ST_2

Unidade temática: Hábitos de higiene

Semana de 9 e 10 de dezembro

SELEÇÃO DO CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

SEQUENCIAÇÃO DOS CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS POR ÁREAS CURRICULARES

Prática Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico | 2015

ESTUDO DO MEIO					
Blocos	***Conteúdos***	***Objetivos específicos***	***Descritores de desempenho***	***Atitudes, valores e normas***	***Avaliação***
À descoberta dos outros e das instituições	Modos de vida e funções de alguns membros da comunidade	Identificar profissões (merceeiro, médico, agricultor, sapateiro, operário, carteiro...). Contactar e descrever elementos da comunidade em termos de: idade; sexo; o que fazem; onde trabalham; como trabalham...	Identifica profissões (merceeiro, médico, agricultor, sapateiro, operário, carteiro...). Contacta e descreve elementos da comunidade em termos de: idade; sexo; o que fazem; onde trabalham; como trabalham...	Apresenta de forma limpa e organizada os seus trabalhos. Escuta com atenção as indicações dadas. Participa com interesse e entusiasmo. Participa quando solicitado. Respeita a sua vez de falar e a dos outros. Respeita o silêncio dentro da sala de aula.	Diagnóstica através do diálogo e da observação. Formativa: verificar o conhecimento dos alunos ao corrigir os exercícios no quadro, na folha de trabalhos, nos manuais e no guião de atividades.

PORTUGUÊS					
Domínios / Subdomínios	***Conteúdos***	***Metas Curriculares***		***Atitudes, valores e normas***	***Avaliação***
		Objetivos	***Descritores de desempenho***		
Oralidade (O2) **1.** Compreensão do oral **2.** Expressão oral **Leitura e Escrita (LE2)** **1.** Leitura	 **1.1.** Entoação e ritmo **1.2.** Informação essencial e acessória **2.1.** Articulação, acento, entoação, pausa **2.2.** Entoação e ritmo **2.4.** Intencionalidade comunicativa. **1.1.** Texto e imagem.	**1.** Respeitar regras da interação discursiva. **2.** Escutar discursos breves para aprender e construir conhecimentos. **3.** Produzir um discurso oral com correção. **1.** Conhecer o alfabeto e os grafemas.	**1.1.** Respeita o princípio de cortesia e usa formas de tratamento adequadas. **2.1.** Apropria-se de novas palavras. **2.2.** Refere o essencial de textos ouvidos. **3.1.** Fala de forma audível. **3.2.** Articula corretamente palavras. **3.3.** Utiliza progressivamente a entoação e o ritmo adequados. **1.1.** Associa as formas minúscula e maiúscula de todas as letras do alfabeto.	Apresenta de forma limpa e organizada os seus trabalhos. Escuta com atenção as indicações dadas. Participa com interesse e entusiasmo. Participa quando solicitado. Respeita a sua vez de falar e a dos outros. Respeita o silêncio dentro da sala de aula.	Diagnóstica através do diálogo e da observação. Formativa: verificar o conhecimento dos alunos ao corrigir os exercícios no quadro, na folha de trabalhos, nos manuais e no guião de atividades.

Prática Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico | 2015

    2. Escrita	**1.2.** Letra, palavra, frase, texto. **1.3.** Leitura orientada. **2.1.** Direccionalidade da escrita. **2.2.** Maiúsculas e minúsculas. **2.3.** Ortografia. **2.4.** Palavra, frase, texto, imagem.	**2.** Ler em voz alta palavras, pseudopalavras e textos. **3.** Apropriar-se de novos vocábulos. **4.** Organizar a informação de um texto lido. **5.** Elaborar um pequeno texto mediante uma proposta de escrita. **6.** Mobilizar o conhecimento da pontuação.	**2.1.** Ler um texto com articulação e entoação razoavelmente corretas e uma velocidade de leitura de, no mínimo, 90 palavras por minuto. **3.1.** Reconhece o significado de novas palavras. **4.1.** Infere o sentido de uma palavra desconhecida a partir do contexto frásico ou textual. **5.1.** Planifica a escrita de textos. **6. 1.** Identifica e utiliza adequadamente a vírgula em enumerações e coordenações.		

		7. Redigir corretamente.	**7.1.** Respeita as regras de concordância entre o sujeito e a forma verbal. **7.2.** Utiliza, com coerência, os tempos verbais. **7.3.** Utiliza sinónimos e pronomes para evitar a repetição de nomes. **7.4.** Cuida da apresentação final do texto.		
Gramática (G2) **1.** Conhecimento explícito da língua	**1.1.** O alfabeto. **1.2.** Acentos gráficos. **1.3.** Redigir corretamente.	**1.** Compreender formas de organização do léxico.			

MATEMÁTICA					
Domínios / Subdomínios	***Conteúdos***	***Metas Curriculares***		***Atitudes, valores e normas***	***Avaliação***
		Objetivos	***Descritores de desempenho***		
Números e Operações (NO2) **1.** Números naturais	**1.1.** Números naturais até 1000. **1.2.** Contagens de 2 em 2, de 5 em 5, de 10 em 10 e de 100 em 100.	**1.** Contar até mil.	**1.1.** Estende as regras de construção dos numerais cardinais até mil. **1.2.** Efetua contagens de 2 em 2, de 5 em 5, de 10 em 10 e de 100 em 100.	Apresenta de forma limpa e organizada os seus trabalhos Escuta com atenção as indicações dadas Participa com interesse e entusiasmo Participa quando solicitado Respeita a sua vez de falar Respeita o silêncio dentro da sala de aula	Diagnóstica através do diálogo e da observação. Formativa: verificar o conhecimento dos alunos ao corrigir os exercícios no quadro, na folha de trabalhos, nos manuais e no guião de atividades.
2. Sistema de numeração decimal	**2.1.** Comparação e ordenação de números até 1000.	**2.** Descodificar o sistema de numeração decimal.	**2.1.** Compara números naturais até 1000 utilizando os símbolos «<» e «>».		
3. Adição e subtração	**3.1.** Cálculo mental.	**3.** Adicionar e subtrair números naturais.	**3.1.** Sabe de memória a soma de dois quaisquer números de um algarismo.		

	3.2. Adições cuja soma seja inferior a 1000. **3.3.** Subtrações de números até 1000. **3.4.** Problemas de um ou dois passos envolvendo situações de juntar, acrescentar, retirar, comparar ou completar.	**4.** Resolve problemas.	**3.2.** Subtrai fluentemente números naturais até 20. **4.1.** Resolve problemas de um ou dois passos envolvendo situações de juntar, acrescentar, retirar, comparar e completar.		

EXPRESSÕES					
Blocos	***Conteúdos***	***Objetivos específicos***	***Descritores de desempenho***	***Atitudes, valores e normas***	***Avaliação***
EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO PLÁSTICA Descoberta e organização Progressiva de superfícies. Exploração de técnicas diversas de expressão.	Desenho. Pintura. Recorte.	Desenhar, pintar e recortar moedas e notas.	Desenha, pinta e recorta moedas e notas.	Apresenta de forma limpa e organizada os seus trabalhos Escuta com atenção as indicações dadas Participa com interesse e entusiasmo Participa quando solicitado Respeita a sua vez de falar Respeita o silêncio dentro da sala de aula	Diagnóstica e formativa: verificar o conhecimento dos alunos através da observação e diálogo.
Trabalho de projeto / Clubes ***(Preenchimento obrigatório caso se desenvolva este tipo de trabalho de forma integrada)***					
Clube / Projeto	***Objetivos didáticos***			***Atitudes, valores e normas***	***Áreas Curriculares de relação***

Prática Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico | 2015

ROTEIRO DOS PERCURSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM GUIÃO DE AULA	
Quarta-Feira 9/12/2015	**Responsável pela execução: Ricardo Tavares**
Tema integrador: modos de vida e funções de alguns membros da comunidade **Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade**: Adição, empregado, estratégia, problemas, profissão, subtração, trabalho	**Recursos:** **Material a usar pelo professor:** • Elemento integrador • Giz branco e colorido • Guião de atividades • Manuais do aluno • Quadro
Elemento integrador: mapa da cidade do Alfa Cada aluno terá o mapa da cidade. Este mapa está repleto de locais onde se praticam as mais variadas profissões que servirão de ponto de partida para todas as atividades a desenvolver durante os dois dias. Será nele que muitas profissões terão que ser indicadas assim como as suas respetivas funções.	**Material a usar pelos alunos:** • Borracha • Elemento integrador • Folha de trabalho • Giz branco e colorido • Guião de atividades • Lápis de cor e de grafite • Manuais do aluno • Quadro
SUMÁRIO • **Estudo do meio:** As profissões. Modos de vida e funções de alguns membros da comunidade. • **Português:** Leitura e compreensão do texto narrativo «Bombeiros» de António Torrado. Ortografia (à, há, ah). • **Matemática:** Estratégias de resolução de problemas.	

Prática Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico | 2015

DESENVOLVIMENTO DO PERCURSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM:	
Designação da atividade	Procedimentos de execução
Atividade 1 – As profissões • **tipologia de atividade:** abordagem em contexto didático • **finalidade didática** identificar profissões e respetivas funções • **metodologia base** trabalho em grande grupo e individual • **duração prevista** 90 minutos	1.1. Explicitação dos objetivos da atividade com recurso ao mapa da cidade do Alfa (guião de atividades). 1.2. Fazer uma "visita de estudo" à cidade do Alfa (guião de atividades) 1.3. Descobrir, através do texto (guião de atividades), as profissões, as suas funções e o local onde se praticam. 1.4. Completar o quadro do mapa (guião de atividades). 1.5. Ligar cada profissão à sua função (p. 54, ALFA 2 – Estudo do Meio). 1.6. Questionar os alunos sobre que profissão gostariam de ter quando forem adultos. 1.7. Pedir para escrevem o nome da profissão e as razões da sua escolha, [e ilustrá-la], (p. 54, ALFA 2 – Estudo do Meio). 1.8. Leitura (p. 55, ALFA 2 – Estudo do Meio) e diálogo sobre as profissões que estão a desaparecer e novas profissões e o motivo pelo qual acontece.

Atividade 2 – Leitura e compreensão do texto narrativo «Bombeiros» de António Torrado • **tipologia de atividade:** abodagem em contexto didático • **finalidade didática** desenvolver a leitura e compreensão de texto • **metodologia base** trabalho em grande grupo e individual • **duração prevista** 90 minutos	2.1. Explicitação dos objetivos da atividade. 2.2. Leitura do texto narrativo «Bombeiros» de António Torrado (p. 74, ALFA 2 – Português), seguindo os passos do ciclo de leitura: • **Antes da leitura:** antecipação do conhecimento prévio através do título e das imagens: os alunos terão que dizer oralmente o que pensam sobre o que fala o texto; • **Durante a leitura:** a) leitura expressiva pelo professor estagiário; b) leitura silenciosa pelos alunos; c) leitura orientada em voz alta pelos alunos (aleatoriamente); d) exploração oral do conteúdo do texto (vocabulário desconhecido). • **Depois da leitura:** identificação do tema e do assunto do texto. 2.3. Avaliação da leitura através da grelha "Avaliação de leitura em voz alta" em anexo. 2.4. Leitura e compreensão do texto (pp. 74 e 75, ALFA 2 – Português). 2.5. Ortografia: diferenças entre **Ah!**, **há** e **à**. Completar frases com **à** e **há** (p. 75, ALFA 2 – Português).

Prática Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico | 2015

Atividade 3 – Problemas matemáticos • **tipologia de atividade:** sistematização em contexto didático • **finalidade didática** desenvolver estratégias para resolver problemas de um ou dois passos • **metodologia base** trabalho em grande grupo e individual • **duração prevista** 90 minutos	3.1. Explicitação dos objetivos da atividade. 3.2. Resolver problemas de um ou dois passos envolvendo situações de juntar, acrescentar e retirar (p. 33, ALFA 2 – Matemática). 3.3. Recurso a três tipos de correção: • oral (diálogo com o aluno e questões que lhe são colocadas); • observação das capacidades de resolução dos problemas (no lugar e no quadro); • autoavaliação (guião do aluno).

Prática Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico | 2015

Quinta-feira-Feira 10/12/2015	Responsável pela execução: Ricardo Tavares
Tema integrador: modos de vida e funções de alguns membros da comunidade **Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade**: Adição, empregado, estratégia, problemas, profissão, subtração, trabalho	**Recursos:** **Material a usar pelo professor:** • Elemento integrador • Giz branco e colorido • Guião de atividades • Manuais do aluno • Quadro
Elemento integrador: mapa da cidade do Alfa Cada aluno terá o mapa da cidade. Este mapa está repleto de locais onde se praticam as mais variadas profissões que servirão de ponto de partida para todas as atividades a desenvolver durante os dois dias. Será nele que muitas profissões terão que ser indicadas assim como as suas respetivas funções.	**Material a usar pelos alunos:** • Borracha • Elemento integrador • Folha de trabalho • Giz branco e colorido • Guião de atividades • Lápis de cor e de grafite • Manuais do aluno • Quadro
SUMÁRIO • **Português:** Elaborar um pequeno texto mediante uma proposta de escrita sobre a profissão de bombeiro. • **Matemática:** Problemas de um ou dois passos envolvendo situações de juntar, acrescentar e retirar. • **Estudo do meio:** Pesquisa na internet, e preenchimento de uma ficha, sobre a função social de cada profissão.	

Prática Supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico | 2015

DESENVOLVIMENTO DO PERCURSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM:	
Designação da atividade	Procedimentos de execução
Atividade 1 – Escrever um texto sobre a profissão de bombeiro • **tipologia de atividade:** abordagem em contexto didático • **finalidade didática** escrever com correção ortográfica e respeitar as regras principais para a construção de um texto • **metodologia base** trabalho em grande grupo e individual • **duração prevista** 90 minutos	1.1. Explicitação dos objetivos da atividade com recurso ao "Plano da história" (anexo). 1.2. Aprender as regras de construção de um texto. 1.3. Preencher o "Plano da história": • personagens; • onde; • quando; • início da história; • o que aconteceu; • fim da história. 1.4. Dar início à construção de um texto sobre a profissão de bombeiro. 1.5. Verificar se foram cumpridas as regras principais para a construção do texto: • título do texto, pelo menos uma personagem, onde e quando se passa a história, o que aconteceu, e final da história; • evitar repetições de palavras e começar as frases com letra maiúscula; • utilizar corretamente os sinais de pontuação e fazer os parágrafos necessários; • escrever corretamente as palavras.

Atividade 2 – Problemas matemáticos • **tipologia de atividade:** sistematização em contexto didático • **finalidade didática** desenvolver estratégias para resolver problemas de um ou dois passos • **metodologia base** trabalho em grande grupo e individual • **duração prevista** 90 minutos	2.1. Explicitação dos objetivos da atividade. 2.2. Resolver problemas de um ou dois passos envolvendo situações de juntar, acrescentar e retirar (p. 34, ALFA 2 – Matemática, Livro de Fichas). 2.3. Recurso a três tipos de correção: • oral (diálogo com o aluno e questões que lhe são colocadas); • observação das capacidades de resolução dos problemas (no lugar e no quadro); • autoavaliação (guião do aluno).
Atividade 3 – As profissões e a sua função social • **tipologia de atividade:** ampliação/reforço em contexto didático • **finalidade didática** aprender a pesquisar informação na internet • **metodologia base** trabalho em pequeno grupo e individual • **duração prevista** 90 minutos	3.1. Explicitação dos objetivos da atividade com recurso ao guião do aluno. 3.2. Ir à biblioteca da escola para fazer uma pesquisa sobre a função social de algumas profissões na internet: • Grupos de 2 alunos por computador a pesquisar informação na Internet a partir de sítios pré-selecionados; • Enquanto fazem a pesquisa nos vários sítios, um dos elementos do grupo preenche o guião com as informações que conseguirem. • Comparar as informações obtidas por cada par e completar caso seja necessário.